

Universidade Federal de São Carlos  
Centro de Educação e Ciências Humanas  
Programa de Pós-Graduação em Ciência, Tecnologia e Sociedade

**Representação da informação de bens culturais:  
construindo uma taxonomia no contexto das fazendas  
históricas paulistas**

Mayara Cristina Bernardino

São Carlos – SP  
2015

MAYARA CRISTINA BERNARDINO

**Representação da informação de bens culturais:  
construindo uma taxonomia no contexto das fazendas  
históricas paulistas**

Dissertação apresentada para Defesa junto ao Programa de Pós-Graduação em Ciência, Tecnologia e Sociedade, do Centro de Educação e Ciências Humanas, da Universidade Federal de São Carlos, como parte dos requisitos para a obtenção do título de Mestre em Ciência, Tecnologia e Sociedade.

Orientador(a): Prof(a) Dr(a) Luciana de Souza Gracioso

São Carlos – SP  
2015

**Ficha catalográfica elaborada pelo DePT da  
Biblioteca Comunitária da UFSCar**

B523ri Bernardino, Mayara Cristina.  
Representação da informação de bens culturais :  
construindo uma taxonomia no contexto das fazendas  
históricas paulistas / Mayara Cristina Bernardino. -- São  
Carlos : UFSCar, 2015.  
166 f.

Dissertação (Mestrado) -- Universidade Federal de São  
Carlos, 2015.

1. Organização da informação. 2. Representação do  
conhecimento. 3. Taxonomia. 4. São Paulo (Estado) -  
fazendas históricas. 5. Bens culturais. I. Título.

CDD: 025 (20<sup>a</sup>)



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS

Centro de Educação e Ciências Humanas  
Programa de Pós-Graduação em Ciência, Tecnologia e Sociedade

---

Folha de Aprovação

---

Assinaturas dos membros da comissão examinadora que avaliou e aprovou a Defesa de Dissertação de Mestrado da candidata Mayara Cristina Bernardino, realizada em 19/02/2015:

---

Profa. Dra. Luciana de Souza Gracioso  
UFSCar

---

Profa. Dra. Deise Maria Antonio Sabbag  
USP

---

Profa. Dra. Maria da Graça de Melo Simões  
UC

---

Profa. Dra. Ariadne Chloe Mary Furnival  
UFSCar

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço à Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo pelo apoio e subsídios.

À Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Luciana de Souza Gracioso que tem me acompanhado nos últimos cinco anos. Obrigada pela força e incentivo nos momentos difíceis. Sem as suas orientações e sua sabedoria eu não teria chegado até aqui.

Aos pesquisadores dos grupos de pesquisa no qual participei, agradeço o conhecimento, as oportunidades e os desafios. Em especial às pesquisadoras Luzia Sigoli Fernandes Costa e a Rosaelena Scarpeline, pelos grandes ensinamentos e motivações e pelo carinho durante todo o meu percurso até aqui.

Às professoras participantes da minha banca de defesa, Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Deise Maria Antonio Sabbag (USP-Ribeirão Preto), Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Ariadne Chloe Mary Furnival e Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Maria da Graça Melo Simões que gentilmente aceitaram este compromisso, e de qualificação, Prof.<sup>a</sup> Luzia Sigoli Fernandes Costa pelas considerações valiosas, cuidadosamente incorporadas neste trabalho.

À Universidade Federal de São Carlos, por meio do Programa de Pós-Graduação em Ciência, Tecnologia e Sociedade e seu corpo docente, pela oportunidade acadêmica e o incentivo para realização deste trabalho. Aos meus colegas pesquisadores pelo convívio e apoio.

À Deus, família e amigos, pela confiança, paciência e motivação durante esta caminhada.

*"O saber deve ser como um rio, cujas águas doces, grossas, copiosas, transbordem do indivíduo, e se espraíem, estancando a sede dos outros. Sem um fim social o saber será a maior das futilidades" (Gilberto Freyre)*

## RESUMO

Esta pesquisa se insere no contexto das fazendas históricas brasileiras que foram responsáveis, especialmente, pelo desenvolvimento econômico nacional a partir do cultivo do café entre os séculos XVII e XIX. Diferentes grupos de pesquisa se reuniram para desenvolver e aplicar uma metodologia para catalogar e inventariar bens culturais destas fazendas tornando-os disponíveis em um software livre chamado Memória Virtual (MV). O MV é um sistema desenvolvido em uma plataforma de software livre, sob licença GPL (*General Public Licence*), e permite armazenar diferentes tipos de acervos históricos, sejam bibliográficos, museológicos, arquivísticos, arquitetônicos e naturais em uma única base de dados. Foi inicialmente desenvolvido por pesquisadores do curso de Ciência da Computação da Universidade de São Paulo (ICMC/USP), no campus de São Carlos – SP, estando seu protótipo já pronto em fase de testes. Atualmente estas pesquisas foram concentradas no projeto “Critérios e metodologias para a realização de inventários do patrimônio cultural paulista”, apoiado pela FAPESP. Um dos resultados deste projeto foi a elaboração de um Padrão de Descrição da Informação (PDI) que serve de apoio ao provimento de conteúdos no MV. Neste contexto, tivemos como objetivo geral elaborar um instrumento de linguagem, especificamente uma taxonomia, para ser utilizado como apoio da indexação de conteúdo no MV. Com este enfoque foram estabelecidos os seguintes objetivos específicos: Compilar um mapeamento descritivo dos estudos desenvolvidos no âmbito da Ciência da informação brasileira que dizem respeito ao desenvolvimento de conceitos, teorias, métodos e instrumentos voltados à descrição, organização e representação do Patrimônio Rural Nacional. Recuperar, detalhar e descrever os procedimentos já desenvolvidos em pesquisas anteriores, voltados à coleta de palavras relacionadas ao Patrimônio Rural Paulista. Analisar especificamente as normas internacionais para Organização e Recuperação da Informação em Ciência da Informação dentre elas a ANSI/NISO Z39.19-2005. Desenvolver uma estrutura introdutória de taxonomia, a ser incorporado no MV como recurso para indexação dos bens culturais que poderão vir a ser cadastrados, elencados. Como resultado, foi construída uma estrutura inicial de taxonomia com 3639 termos, estruturados hierarquicamente e com sinalizações de uso. O intuito maior relacionado ao desenvolvimento deste ambiente de memória vai desde a preservação das referências dos patrimônios materiais e imateriais das fazendas históricas brasileiras até a sistematização de informações que possam aperfeiçoar a elaboração de políticas públicas voltadas a educação patrimonial, e neste sentido, qualquer ferramenta que permita otimizar os processos de recuperação da informação sobre bens culturais, são bem vindos.

**Palavras-chave:** Representação da Informação. Taxonomia. Fazendas Históricas Paulistas. Bens Culturais.

## ABSTRACT

This research is in the context of Brazilian historic farms that were responsible, especially at national economic development from the cultivation of coffee between the seventeenth and nineteenth centuries. Different research groups have come together to develop and implement a methodology for cataloging and inventory cultural property of these farms making them available in a free software called Virtual Memory (VM). The VM is a system developed on an open source platform under GPL (General Public License), and allows you to store different types of historical collections, whether bibliographic, museum, archives, architectural and natural in a single database. It was initially developed by Science course researchers Computing, University of São Paulo (ICMC / USP), on the campus of São Carlos - SP, with its prototype ready for testing. Currently these surveys were concentrated in the project "Criteria and methodologies for carrying out the São Paulo cultural heritage inventories", supported by FAPESP. One of the results of this project was the development of a Standard Description Information (SDI) that supports the provision of content on VM. With this approach the following specific objectives were established: Compose a descriptive mapping of the studies developed in the Brazilian Information science concerning the development of concepts, theories, methods and tools focused on description, organization and representation of the National Rural Heritage. Recover, detail and describe the procedures already developed in earlier research, focused on the collection of words related to Paulista Rural Heritage. Specifically consider international standards for Organization and Retrieval in Information Science among them the ANSI / NISO Z39.19-2005. Develop an introductory structure of taxonomy, to be incorporated into the VM as a resource for indexing of cultural goods which are likely to be registered, listed. As a result, an initial structure was built in 3639 with taxonomy terms, hierarchically structured and with signs of use. The largest order related to the development of this memory environment ranges from the preservation of references of tangible and intangible heritage of Brazilian historic farms to the systematization of information that can improve the formulation of public policies for heritage education, and in this sense, any tool that allow optimize the recovery processes of information about cultural property, are welcome.

**Keywords:** Representation of Information. Taxonomy. Historical Farms Paulistas. Cultural Heritage.

## LISTA DE FIGURAS

<b>Figura 1</b> - Interface principal do software Memória Virtual. ....	31
<b>Figura 2</b> - Interface para cadastro de bem patrimonial.....	32
<b>Figura 3</b> - Descrição dos Grupos do PDI. ....	33
<b>Figura 4</b> - Interface de cadastro de dados relativos à assuntos e descritores.....	34
<b>Figura 5</b> - Complexidade estrutural crescente entre vocabulários controlados.....	49
<b>Figura 6</b> - A visão interacionista do campo Ciência, Tecnologia e Sociedade e a Ciência da Informação sob a abordagem dos sistemas de recuperação de unidades de informação. ....	67
<b>Figura 7</b> – Percentual de Conceitos Inseridos na Taxonomia .....	75
<b>Figura 8</b> – Banco de Conceitos Classificados por Cores.....	76
<b>Figura 9</b> – Exemplo de relações hierárquicas inseridas na taxonomia a partir dos bancos de conceitos com exemplificação no uso de cores. ....	76
<b>Figura 10</b> – Exemplos de categorias existentes no Thesouro para Acervos Museológicos.....	77
<b>Figura 11</b> - Sistemática para delimitação de Assunto e Descritor dos conteúdos cadastrados no Sistema.....	93
<b>Figura 12</b> - Sistematização de cadastro de Assunto e Descritor.....	94
<b>Figura 13</b> - Busca do Usuário Final no Memória Virtual.....	95

## LISTA DE QUADROS

<b>Quadro 1</b> – Lista de Projetos de Políticas Públicas voltados a pesquisa sobre Patrimônio Cultural Rural .....	27
<b>Quadro 2</b> - Grupos de Atributos de acordo com o Campo, o Conteúdo e a Natureza do bem .....	30
<b>Quadro 3</b> – Pesquisas sobre Preservação, Manutenção, Organização e Recuperação do Patrimônio Cultural. ....	35
<b>Quadro 4</b> – Lista de Grandes Projetos sobre Patrimônio Cultural Paulista, aprovados pela FAPESP, com início no ano de 2012.....	39
<b>Quadro 5</b> - Vantagens e desvantagens do uso do vocabulário controlado. ....	48
<b>Quadro 6</b> - Banco de Conceitos coletados para serem selecionados para a construção da Taxonomia.....	70
<b>Quadro 7</b> - Bancos de conceitos escolhidos para serem utilizados na estrutura terminológica e o número total de conceitos utilizados/inseridos.....	73

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO</b> .....	<b>11</b>
<b>2</b>	<b>BENS CULTURAIS, PATRIMÔNIO E MEMÓRIA NO CONTEXTO DAS FAZENDAS HISTÓRICAS PAULISTAS</b> .....	<b>17</b>
<b>2.1</b>	<b>Fazendas Históricas no interior de São Paulo como espaços de memória</b> .....	<b>24</b>
<b>3</b>	<b>PROJETOS E PESQUISAS SOBRE O PATRIMÔNIO CULTURAL RURAL PAULISTA</b> .....	<b>27</b>
<b>3.1</b>	<b>Produtos de Pesquisa: Padrão de Descrição da Informação (PDI)</b> .....	<b>29</b>
<b>3.2</b>	<b>Produtos de Pesquisa: Memória Virtual (MV)</b> .....	<b>31</b>
<b>3.3</b>	<b>Desenvolvimento de pesquisas sobre a Preservação das Fazendas Históricas</b> .....	<b>34</b>
<b>4</b>	<b>INSTRUMENTOS E GARANTIAS PARA ORGANIZAÇÃO DO CONHECIMENTO: EM BUSCA DE ORIENTAÇÕES METODOLÓGICAS PARA A REPRESENTAÇÃO DA INFORMAÇÃO SOBRE BENS CULTURAIS</b> .....	<b>40</b>
<b>4.1</b>	<b>As Linguagens Documentárias</b> .....	<b>46</b>
<b>4.1.1</b>	<b>Lista de Cabeçalho de Assunto</b> .....	<b>50</b>
<b>4.1.2</b>	<b>Tesauros</b> .....	<b>52</b>
<b>4.1.3</b>	<b>Taxonomias</b> .....	<b>53</b>
<b>4.2</b>	<b>Garantias para a Representação da Informação</b> .....	<b>59</b>
<b>5</b>	<b>A ORGANIZAÇÃO DO CONHECIMENTO PELA PERPECTIVA INTERDISCIPLINAR DO CAMPO CIÊNCIA, TECNOLOGIA E SOCIEDADE</b> .....	<b>62</b>
<b>6</b>	<b>RECURSOS METODOLÓGICOS E APRESENTAÇÃO DE RESULTADOS</b> .....	<b>69</b>
<b>7</b>	<b>ANÁLISE DE RESULTADOS E CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	<b>79</b>
	<b>REFERÊNCIAS</b> .....	<b>82</b>
	<b>APÊNDICE 1</b> .....	<b>93</b>
	<b>APÊNDICE 2</b> .....	<b>96</b>

## 1 INTRODUÇÃO

Nos dias atuais é possível identificarmos muitos espaços que não são, usualmente, caracterizados enquanto unidades de informação, mas que reúnem uma riqueza inquestionável de documentos e de conhecimentos. No Brasil, sobretudo, há uma variedade desses espaços, que são constitutivos de formas e de mundos de vida dos modos de cultura, da educação, da economia e da história brasileira. Neste contexto, damos destaque ao universo das fazendas históricas do Estado de São Paulo, que foram responsáveis, especialmente, pelo cultivo do café, sendo esta cultura cafeeira considerada um dos maiores avanços econômicos do Brasil entre os séculos XVII e XIX. Todo um modo de vida foi estabelecido no entorno destas fazendas e tendem, atualmente, a se perder por diferentes motivos: desmembramento das famílias originais, avanço e desenvolvimento de outras culturas, expansão da tecnologia agrícola, investimento de produtores em outras formas de capital, dentre outros. Mas o valor patrimonial destas fazendas é inestimável. Seus aspectos arquitetônicos, seus objetos, suas histórias, suas festas, suas relações de trabalho e interpessoais, seus mobiliários, seus acervos pessoais, todas estas fontes de informação necessitam ser preservadas por conter ampla parte da História brasileira, ainda a ser descoberta.

Há, entre tantos desafios, o desafio, em especial para profissionais da informação, de organizar, representar e promover o acesso a este patrimônio. A busca pela preservação do patrimônio cultural e histórico nacional gerou uma grande abertura para estudos e pesquisas em organização do conhecimento e de tecnologias inovadoras para o tratamento, representação e recuperação da informação de diversas tipologias documentais.

Catalogar os patrimônios fragmentados em diversas fazendas paulistas é um desafio que exige métodos específicos e ferramentas que possibilite o inventário e o compartilhamento desses fragmentos históricos. Desta forma, há uma demanda em criar metodologias específicas de inventário e um sistema de software que torne disponível e acessível, via web, informações referentes a estes patrimônios. Além disso, conforme Costa (2014) em reportagem cedida à revista FAPESP<sup>1</sup> (2014) “por tratar-se de patrimônio privado, a catalogação tem de prever que especialistas e proprietários – ou

---

<sup>1</sup> Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo

responsáveis pelas fazendas – compartilhem responsabilidade no inventário de seu patrimônio em ferramentas específicas para esse fim.” (IZIQUE, 2014). Esta situação orienta todo o trabalho que vem sendo desenvolvido, uma vez que todos os instrumentos de organização e representação dos bens culturais rurais devem ser pensados, planejados e estruturados de modo que possam ser compreendidos e utilizados por proprietários, funcionários das fazendas históricas. Estes atores serão também responsáveis pelo cadastro e descrição dos bens no software que tem sido desenvolvido.

Ao longo dos últimos 15 anos, diferentes projetos de pesquisa e extensão foram desenvolvidos sobre Bens Culturais Rurais. Os projetos desenvolvidos, sobre o assunto, com financiamento FAPESP, foram:

1.º - “Memória Virtual de São Carlos” (2004-2008), coordenado por José Carlos Maldonado (ICMC/USP)<sup>2</sup> que teve como objetivo central o desenvolvimento de uma interface web para o registro da memória rural das fazendas históricas da região de São Carlos. Neste projeto teve início a criação do Memória Virtual (MV);

2.º - “Patrimônio Cultural Rural Paulista: espaço privilegiado para pesquisa, educação e turismo” (2007-2012), coordenado por Marcos Tognon (Unicamp)<sup>3</sup> que teve como objetivo desenvolver metodologias e instrumentos que pudessem sustentar o registro e a recuperação da informação no Memória Virtual;

3.º - “Critérios e metodologias para a realização de inventário do Patrimônio Cultural Rural Paulista” (2012-2014), coordenado por Luzia Sigoli Fernandes Costa (UFSCar)<sup>4</sup>, que objetivou aplicar, testar e validar os instrumentos e metodologia para registro e recuperação da informação no Memória Virtual desenvolvidos nos projetos anteriores.

Um dos principais produtos destes projetos foi o desenvolvimento do Memória Virtual (MV). O Memória Virtual é um software livre que teve seu desenvolvimento iniciado em 2003 pelo ICMC/USP. Este software, conforme sinaliza Costa (2014), em entrevista supracitada (2014), foi desenvolvido “[...] no contexto do projeto “Memória virtual de São Carlos”, coordenado por José Carlos Maldonado e apoiado pela FAPESP no âmbito do Programa de Pesquisa em Políticas Públicas”. Tendo como objetivo a catalogação e a disseminação de informação dos acervos históricos de várias

---

<sup>2</sup> Instituto de Ciências Matemáticas e de Computação da Universidade de São Paulo

<sup>3</sup> Universidade Estadual de Campinas

<sup>4</sup> Universidade Federal de São Carlos

instituições. (IZIQUE, 2014). Os pesquisadores esperam que, aqueles que tenham interesse em cadastrar seus os bens patrimoniais no sistema possam realizá-lo gratuitamente e que as informações cadastradas possam ser validadas antes de serem disponibilizadas publicamente.

No contexto deste sistema, um importante instrumento de catalogação denominado Padrão de Descrição da Informação (PDI) foi elaborado ao longo destes projetos. Este padrão prevê 40 campos para registro de bens culturais. Tal padrão subsidiou todo planejamento do Memória Virtual e é neste padrão que situamos nosso objeto de pesquisa, uma vez que um dos principais campos determinados para composição do sistema foi a catalogação por assunto – que especificamente para o contexto deste projeto foram nomeados como campos de “assunto” e “descriptor”.

O Padrão de Descrição da Informação permite que seja indexado todo e qualquer bem patrimonial, sejam os mesmos, material (bens arquitetônicos, arquivísticos, bibliográficos, arqueológicos e outros) ou imaterial (receitas, histórias, lendas, depoimentos, festas etc.). A construção deste padrão pautou-se em estudos de normas, estudos de códigos e recomendações nacionais e internacionais.

No intuito de promover, em alguma medida, o desenvolvimento de uma pesquisa que pudesse contribuir com o cenário apresentado, delimitamos como objetivo geral deste projeto elaborar uma taxonomia que sirva de suporte ao registro e à recuperação da informação no Memória Virtual.<sup>5</sup> Este projeto visa dar continuidade a uma pesquisa de iniciação científica, financiada pela FAPESP, com vigência entre 2011-2012, intitulada “Organização do Conhecimento no contexto das fazendas históricas do Estado de São Paulo: indicações gerais para a construção de linguagens de representação da informação” que teve como objetivo geral delimitar encaminhamentos metodológicos para a construção de uma linguagem de representação temática sobre o patrimônio material e imaterial das fazendas históricas de café da região do interior de São Paulo, para servir de apoio ao Memória Virtual. Especificamente neste projeto, foram desenvolvidas entrevistas com especialistas no assunto para coleta de termos e indicações de relações categóricas para sistematização e organização conceitual do domínio. Também foram analisadas obras sobre o tema para coleta de termos. Como resultado, foi elaborado um mapa conceitual apresentando as principais relações

---

<sup>5</sup>Convém observar que, considerando que o MV tentará prever a infraestrutura para receber a Taxonomia que será desenvolvida, não temos como objetivo específico desta pesquisa, avaliar e selecionar softwares de apoio à construção de linguagens documentárias.

conceituais do domínio e foi criado um banco terminológico contendo aproximadamente 1000 termos para uso posterior na construção de uma taxonomia sobre o assunto.

Assim, o presente projeto teve como desafio construir uma taxonomia prévia que pudesse representar os bens culturais rurais alocados nas fazendas históricas do interior do Estado de São Paulo, e, que possa ser incorporada ao Memória Virtual para ser utilizada na representação temática de conteúdos que serão cadastrados neste sistema. Neste contexto os seguintes objetivos específicos foram definidos: Conformar a descrição das pesquisas em desenvolvimento sobre patrimônio rural, principalmente as desenvolvidas nos projetos anteriormente citados, para configurar o referencial teórico de apoio ao estudo do campo da pesquisa. Esta frente do trabalho está descrita na seção 2. Compor um mapeamento descritivo dos estudos desenvolvidos no âmbito da Ciência da Informação brasileira que dizem respeito ao desenvolvimento de conceitos, teorias, métodos e instrumentos voltados à descrição, organização e representação dos bens culturais rurais. Recuperar, detalhar e descrever os procedimentos já desenvolvidos em pesquisas anteriores, voltados à coleta de palavras relacionadas ao Patrimônio Rural Paulista, considerando a garantia literária, garantia do especialista, garantia de uso, garantia cultural, seguidas para o levantamento terminológico. Analisar as normas internacionais para Organização e Recuperação da Informação em Ciência da Informação dentre elas a norma ANSI/NISO Z39.19-2005, contextualizada nos sistemas de classificação, listas de cabeçalhos de assunto, taxonomias, tesouros e ontologias.

Quanto ao intuito de buscar estabelecer uma nova linguagem que possa fazer a intermediação entre informação, o usuário e o sistema de informação – no caso, o MV -, foi necessário fazermos uma articulação pelo campo da Biblioteconomia e Ciência da informação (BCI) buscando compreender as teorias de Organização do conhecimento e da Informação, os instrumentos de representação da informação como os sistemas de classificação bibliográfica e as linguagens documentárias que inclui os tesouros, as listas de cabeçalho de assunto e as taxonomias. No que concerne ao plano teórico, considera-se que os estudos das formas de linguagem para a representação tornam-se cada vez mais necessários pois a organização e a representação da informação e a indexação são os cerne da Biblioteconomia e Ciência da Informação. Assim, são somamos os aportes teóricos e metodológicos da disciplina de Organização do Conhecimento da Ciência da Informação, procurando estabelecer encaminhamentos que contemplem garantias de

representação a partir dos especialistas, da literatura e, principalmente, que dêem conta de garantir a hospitalidade cultural e de uso previstas por Beghtol (2002).

Na perspectiva de Ciência, Tecnologia e Sociedade, a linguagem controlada se encontra como uma ferramenta tecnológica desenvolvida para auxiliar e facilitar o trabalho do ser humano na representação e recuperação da informação, fornecendo à sociedade o acesso à memória e ao conhecimento histórico de sua região e de seu país. Como os sistemas de recuperação e representação da informação constituem a memória humana registrada, é essencial pensarmos em ampliar campos de estudos nesta área, mas principalmente usar a Ciência e Tecnologia como meio de desenvolver projetos e ferramentas para o gerenciamento de novas tecnologias, proporcionando auxílio na representação e divulgação do patrimônio cultural à sociedade. Dessa forma, há uma necessidade crescente de que desenvolvamos novas ferramentas tecnológicas que nos auxiliem na representação e na preservação da informação e do patrimônio histórico, possibilitando a construção de uma terminologia que consiga abranger um campo tão multidisciplinar.

Por conta de sua natureza básica e aplicada, este trabalho possui dois momentos metodológicos. Um especificamente voltado a pesquisa exploratória pautada em levantamento bibliográfico e documental para a construção de referencial teórico e construção de banco de conceitos. Outro voltado especificamente para a construção da taxonomia, pautada nas orientações normativas.

Estes métodos permitiram que o desenvolvimento do trabalho resultasse na construção de uma taxonomia com aproximadamente 3640 termos, relacionados inicialmente, de forma hierárquica, que por sua vez ainda demandará constante revisão, avaliação e validação pelos seus usuários, mas que poderá servir como ponto de partida para os processos de indexação no Memória Virtual. Somente o uso da taxonomia poderá sinalizar a sua relevância e precisão.

Os principais procedimentos metodológicos para a construção da taxonomia sugerida neste trabalho são os estabelecidos e indicados pelas normas e diretrizes de construção de Taxonomias, tal qual sugere a Norma ANSI/ NISO Z39.19-2005 (2005) que “[...] propõe linhas gerais para a Construção, Formato e Gestão de Vocabulários Controlados Monolíngues e constitui uma referência normativa importante, atualizada, especialmente, as orientações sobre a questão de tesouros na Web. (CERVANTES, 2009, p. 87)”. Principal destaque é dado ao aspecto normativo relacionado à construção de taxonomia, considerando seus elementos constitutivos como ponto de partida prévio

para construção de uma linguagem no domínio das fazendas históricas a partir dos conceitos coletados em pesquisas anteriores<sup>6</sup> que, posteriormente, poderão incorporar novos conceitos advindos de diferentes fontes de informação.

Somaram-se a este procedimento estrutural lógico, a necessidade de modelagem de uma linguagem que possibilitasse a apropriação dinâmica de conceitos utilizados pelos usuários potenciais destas informações, sendo que, para tanto, orientações e sugestões sobre futuras políticas de seleção e inserção de conceitos também são necessários de serem estruturados e apresentados.

Ao final, apresentamos uma estrutura inicial de taxonomia, cuja construção foi apoiada, em grande medida, em linguagens já desenvolvidas relacionadas ao assunto e entendemos que estes resultados configuram-se apenas como um ponto de partida inicial de apoio ao MV, mas que somente a dinâmica de seu uso, avaliação e alimentação garantirá o sucesso de seu uso.

---

<sup>6</sup>Organização do conhecimento no contexto das fazendas históricas do Estado de São Paulo: indicações gerais para construção de linguagens de representação da informação. Financiada pela FAPESP sob o processo número 2011/17554-3 vigente no período de novembro/2011 a outubro/2012,

## 2 BENS CULTURAIS, PATRIMÔNIO E MEMÓRIA NO CONTEXTO DAS FAZENDAS HISTÓRICAS PAULISTAS

Antes de adentrarmos nas discussões sobre a representação e organização da informação sobre bens culturais, consideramos necessária a compreensão do contexto e das noções básicas que tornam o patrimônio rural e a fazenda histórica, um espaço de memória. Conforme documento publicado pela Unesco, intitulado *Recomendações de Paris*<sup>7</sup>, 1964, são considerados bens culturais todos os bens, sejam eles móveis ou imóveis, que possuem importância cultural para uma nação. Enquadram-se nestas categorias obras artísticas de cunho histórico, arqueológico, etnológico, espécimes (como flora e fauna) e coleções de modo geral. (UNESCO, 1964). No tocante a esta definição, podemos caracterizar todo patrimônio disponível nas fazendas históricas brasileiras como bens culturais.

Já o termo patrimônio, seria utilizado para designar o conjunto de bens culturais que se tornam propriedade de um país (FONSECA, 2005). Como patrimônio cultural, caracterizam-se os monumentos, conjuntos de obras, lugares notáveis (UNESCO, 1972)<sup>8</sup>. Como patrimônio cultural imaterial caracterizam-se as representações, os conhecimentos, instrumentos, fatos, ações ou lugares que comunidades ou indivíduos reconhecem como parte integrante de seu patrimônio cultural. Este patrimônio imaterial é retroalimentado pela própria comunidade de geração em geração. Conforme documento produzido pela Unesco (*Recomendações de Paris*, versão 2003)<sup>9</sup>, o patrimônio cultural imaterial se manifesta enquanto: “[...] a) tradições e expressões orais [...]; b) expressões artísticas; c) celebrações, práticas sociais, rituais e atos festivos; d) conhecimentos e práticas, relacionados à natureza e ao universo; e) técnicas artesanais tradicionais.” (UNESCO, 2003)

Estas definições abarcaram a totalidade dos objetos e dos fatos que circundam o ambiente histórico e cultural das fazendas históricas paulistas, portanto nos apoiamos nestas definições para dialogar, descrever e renomear este ambiente. Todos estes

---

<sup>7</sup> UNESCO, Recomendação de Paris, 1964. Recomendação sobre medidas destinadas a proibir e impedir a exportação, a importação e a transferência de propriedade ilícitas de bens culturais. Disponível em: <<http://www.iphan.gov.br/baixaFcdAnexo.do?id=4676>> Acesso: jan. 2015

<sup>8</sup> UNESCO, Recomendação de Paris, 1972. Convenção sobre a Proteção do Patrimônio Mundial, Cultural e Natural. Disponível em :< <http://portal.iphan.gov.br/portal/baixaFcdAnexo.do?id=244>> Acesso: jan. 2015

<sup>9</sup> UNESCO, Recomendação de Paris, 2003. Convenção para a salvaguarda do patrimônio cultural imaterial. Conferência geral da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura doravante denominada “UNESCO” em sua 32ª sessão. Disponível em <<http://portal.iphan.gov.br/portal/baixaFcdAnexo.do?id=271>> Acesso jan. 2015

conceitos, que representam um amplo contexto de ação e representação da sociedade, convergem especificamente em um propósito – o de esclarecer e preservar a memória – seja ela social ou individual. A memória, ou ainda, a preservação de depósitos de memória seria o objetivo mais amplo desta pesquisa.

Desta forma, primeiramente expomos o seguinte questionamento: O que é memória? Este é o ponto inicial para entendermos o processo de preservação do patrimônio. De modo geral, podemos considerar memória a faculdade de reter as ideias, impressões e conhecimentos adquiridos, lembranças ou reminiscências. “[...] memória é tudo aquilo de que uma pessoa se lembra, como também sua capacidade de lembrar; é o processo de aprender, armazenar e recordar uma informação” (SANTOS, MARTELETO, 2005, p. 6). Memória pode ser definida como a capacidade do ser humano em reter informações, fatos, acontecimentos, experiências e lembranças do passado e retransmiti-los de variadas formas, podendo ser trabalhada e representada de duas formas: a Memória Individual e a Memória Coletiva. A primeira é formada pela socialização do indivíduo com os meios sociais como família, religião, escola, partidos políticos e a própria sociedade em si, que atuam como formadores da memória única do indivíduo, ou seja, a Memória Individual é única e é formada em cada um de nós ao longo da vida.

Já a segunda consiste da memória comum a todos os membros de uma sociedade ou de um grupo específico. Seus aspectos são julgados e controlados por um grupo de poder dominante, que determina o que será transmitido para a sociedade, inculcando e formando a Memória Coletiva ou memória oficial da mesma, influenciando na produção de identidades dos membros da sociedade.

Pode se dizer que:

Os estudos sobre memória individual focalizam sua atenção nas representações que o sujeito faz do passado, e os estudos de memória coletiva, na negociação para a construção de uma memória que usará o passado para a criação de uma identidade coletiva. (MURGUIA, 2010, p. 21).

E, por outro lado, que:

A memória não é tão íntima nem tão espontânea como pensamos, mesmo porque ela somente se define na sua referencialidade a um mundo exterior do indivíduo. Motivo pelo qual podemos compartilhar a memória, ou ter as mesmas lembranças ou esquecer outros tantos acontecimentos. Se por um lado, a memória tem esse aspecto referencial (acontecimentos, coisas, pessoas, lugares) pois ela sempre haverá de se referir a eles; por outro lado, a vivência que se tem dessa

relação com o exterior, sempre será individual e subjetiva. As apropriações da memória, nesse sentido, são únicas e ao mesmo tempo coletivas. (MURGUIA, 2010, p. 20).

Para a memória existir é necessário que exista o esquecimento, ou seja, deve haver a seleção daquilo que vai ou não ser lembrado, das lembranças que são importantes ou das que podem ser descartadas. Memória e esquecimento andam juntos. O ser humano é capaz de filtrar aquilo que lhe é relevante lembrar e descartar o que não lhe interessa, ou seja:

A memória não é história, é sim o que registramos em nosso corpo, a construção do que lembramos. É seletiva por excelência, pois guardamos tudo aquilo que, por um motivo ou por outro, tem ou teve algum significado em nossas vidas.” (SANTOS, MARTELETO, 2005, p. 6).

Existem diversos fatores que influenciam na seleção da memória, diversos filtros que são fornecidos ao ser humano durante a vida, e têm papel importante na formação da memória. A cultura está dentro desta categoria de fatores influentes da memória. O capital cultural que as pessoas carregam permite decidir o que deve ser esquecido e o que deve ser lembrado, proporciona um poder de seleção, já que:

[...] cultura é o trabalho do homem em todas as suas manifestações e aspectos, e a relação do homem com seu meio, com os outros seres, incluindo-se os outros homens. Cultura é a projeção em que o homem se realiza; ou melhor, a atividade em que ele se realiza. Cultura é percepção, experiência, expressão; cultura é o mundo vivido e presenciado pelas ações e representação dos sujeitos em sociedade. (SANTOS, MARTELETO, 2005, p. 4).

Fica claro que a Memória depende da cultura e a mesma depende da Memória para existir. Assim, por meio delas, podemos compreender o tempo em todos os seus aspectos, tais como o passado, o presente e visualizar o futuro.

A memória é o único instrumento através do qual ideias e palavras podem ser reunidas, fugindo, assim, ao império do imediato: imprime as direções do tempo e permite uma continuidade social. Sem ela não seria possível manter alianças nem contratos, que não poderiam ser mantidos ou cobrados. Desapareceriam os elos sociais e a própria noção de sociedade. Por fim, desapareceriam as identidades individuais e coletivas, assim como a própria possibilidade de conhecimento. Portanto, a memória se constitui como princípio de todo fundamento e transmissão cultural. (CRIPPA, 2010, p. 81).

Costa (2010) considera a informação como formadora de memória, por meio do uso e representação dessa informação.

[...] uma informação só tem sentido e significado quando combinada com um espectro de outras informações e outros conhecimentos gerados pelas práticas cotidianas e pelo locus cultural de seu uso. Por esta razão, as informações podem significar representações do passado que vão formando a memória dos acontecimentos e esta faz surgir e acumular monumentos, objetos, textos, imagens e demais tipos documentais. (COSTA, 2010, p. 170).

A memória constitui parte importante do meio social, é o elemento para a construção do que consideramos sociedade, é a essência do ser humano, por meio dela é possível resgatar marcos do passado que foram essenciais para o presente atual e serão imprescindíveis para o futuro.

Por meio da memória podemos ver as necessidades e demandas atuais, ter uma visão histórica da vida social e lembrar o que nos é marcante. Ou seja, também é relevante “(...) a valorização da memória como direito social e forma de expressão da cidadania.” (NASCIMENTO, 2013, p. 38).

Visto que a memória é elemento formador da sociedade e que a sua constituição é importante para o desenvolvimento da cultura social, comungamos a noção de que:

Os investimentos realizados pela memória ou no campo memorialístico, podem dessa forma, serem sinteticamente intitulados como mecanismos de ritualização ou institucionalização simbólica que se representam por meio de comemorações, de celebrações, de rememorações. Em suma, pela patrimonialização. (RIBEIRO, 2010, p. 39).

Neste ponto visualizamos a memória e o patrimônio interligados, ambos dependentes e constituintes da cultura social. Notando que, para Murguia (2010):

Outro aspecto dessa vontade de memória pode ser vista no patrimônio. Municípios, Estados e a União possuem órgãos de criação, defesa e cuidado do patrimônio. Tanto o chamado patrimônio material como o imaterial obedecem a uma vontade de deter o tempo. Os aparentes critérios pedagógicos, artísticos ou históricos, no ato patrimonial, é um ato da vontade da memória. Assim, por meio da jurisdição, criam-se lugares da memória, em muitos dos casos, pretende-se que os lugares possam dar origem à própria memória quando instituídos dessa missão. (MURGUIA, 2010, p. 27).

A palavra patrimônio está associada ao antepassado, a heranças, bens ou posses deixadas por chefes ou ancestrais de um grupo. Assim, da mesma forma que a memória, patrimônio nos remete ao significado de lembrança, de sua conservação e preservação:

À ideia de patrimônio se atrelaram outras categorias: memória, memória social, identidade, cidadania, inclusão, num crescendo abarcador que leva junto os seus contrários, ainda que de modo escamoteado, como o esquecimento, o indivíduo, o deslocamento, o abandono e a marginalização social. (CERAVOLO, 2010, p. 46).

Lemos (1981), em sua obra, cita o professor francês Hugues de Varine-Boham que, em uma aula sobre patrimônio cultural, sugere que o mesmo seja dividido em três grandes categorias:

- I. Elementos da natureza, meio ambiente;
- II. Elemento não tangíveis - conhecimentos, as técnicas, o saber e o saber fazer – Patrimônios Imateriais;
- III. Bens Culturais;

Sendo o terceiro grupo definido como: “[...] o mais importante de todos porque reúne os chamados bens culturais que englobam toda a sorte de coisas, objetos, artefatos e construções obtidas a partir do meio ambiente e do saber fazer.” (LEMOS, 1981, p. 10).

O Patrimônio Imaterial pode ser considerado como representações da vivência popular, as práticas, as expressões, as comunidades, as técnicas, os instrumentos, artefatos, objetos e, muitas vezes, os saberes e fazeres. Enfim, está ligado aos conhecimentos que muitas vezes não é de caráter material e físico.

Para Gomes (2007), o Patrimônio Cultural abrange muito mais que os bens tangíveis e materiais, conforme ele cita, abrange também “[...] os bens intangíveis, imateriais, incluindo as manifestações, por múltiplas formas, do modo de viver, pensar e agir de uma sociedade: os saberes, as celebrações, as formas de expressão e os lugares” (GOMES, 2007, p. 7). Esse patrimônio possui uma grande carga simbólica e se considera que, compreender os estudos de signos e significados auxilia na representação deste tipo de conteúdo.

Como lugares de memória, e caracterizadas como patrimônio, podemos dizer que as fazendas históricas abarcam as três categorias apresentadas por Lemos (1981), sendo as mesmas bons exemplos de patrimônio cultural. As fazendas históricas são

espaços que não são usualmente caracterizados como unidades de informação, mas que concentram uma riqueza inquestionável de documentos e conhecimentos.

O território das fazendas históricas foi responsável, principalmente, pelo cultivo do café, sendo a cultura cafeeira fonte de um dos maiores avanços econômicos do Brasil entre os séculos XVII e XIX. No Brasil, especialmente, há uma variedade excepcional desses espaços, que são constitutivos de formas de vida, dos modos de cultura, da educação, da economia e da história brasileira daquele período. Podemos observar que as características de memória das fazendas estão diretamente ligadas ao fato das mesmas possuírem uma gama de informações composta de diversas tipologias de objetos, saberes e formações de grande importância dentro do mundo rural.

Esta valorização, dada por pesquisadores, está muito além do Patrimônio Material, engloba, ao mesmo tempo, o Patrimônio Imaterial, permitindo compreender os bens arquitetônicos, documentais e materiais, por meio das histórias e relatos advindos de proprietários, colonos e moradores das fazendas, indivíduos que possuem algum tipo de conhecimento, sabedoria e história sobre a propriedade, sobretudo por terem convivido ou ouvido histórias sobre a vida rural no auge das mesmas.

Ao tratar dessas relações, com as fazendas consideradas como patrimônio que vai além de suas edificações, Costa, Tognon e Scarpeline (2009), confirmam tais colocações quando asseguram que:

Tal patrimônio pode ser sumariamente identificado nas edificações (moradia principal, moradias secundárias, armazéns, tulhas, casas de máquinas, terreiros, balcões, rodas d'água, oficinas, escolas), sítios arqueológicos, maquinaria e ferramentas de trabalho, louças, objetos de decoração e utensílios de cozinha, como exemplos da cultura material; e, no plano imaterial, os conhecimentos técnicos, culturais e administrativos da vida rural, suas tradições alimentares, suas festas, suas representações do presente e do passado etc. (COSTA, TOGNON, SCARPELINE, 2009, p. 99).

Fica claro que, para os autores, fazendas se constituem como um patrimônio que está muito além de sua sede, do seu casarão, embora tal edificação seja o principal meio de identificação e formação histórica da fazenda, da vida de seus proprietários e até mesmo da região que a mesma se situa.

Consideramos, deste modo, que as sedes das fazendas se constituem de elementos formadores de uma história cultural e social, quando analisamos a afirmação de Scarpeline (2012) ao tratar dos estudos de uma casa:

Ao se estudar uma casa, construímos uma história que envolve arquitetura, métodos construtivos, modos de produção, classes sociais, desenvolvimentos industriais, econômicos e políticos, não nos esquecendo que o principal ator é o proprietário seguido de seus familiares. Eles são os elementos que darão vida ao patrimônio, que iram traçar o uso social da casa e construir a história cotidiana. O espaço da casa confunde-se com a ordem social, sem entender os valores sociais do período em que a casa foi construída e ocupada fica muito difícil retratar e ressignificar sua ocupação, organizando as experiências e vivências que ali se desenvolveram, pois o ato de morar repousa na história cultural e social. (SCARPELINE, 2012, p. 81).

As vivências e experiências, a que a autora se refere, fazem parte da concepção do Patrimônio Imaterial e é interessante destacarmos que para o mesmo existir e ser captado:

[...] é necessária a presença de uma comunidade com intensa vida social capaz de gerar manifestações culturais como ritos, festas, quermesses, novenas, crenças, romarias que produzam músicas, danças, poesias, rezas, criações nas artes plásticas, no artesanato e no folclore local.” (VON SIMSON, 2010, p. 90).

E, no que diz respeito a essa comunidade, a este público - no qual há a concepção e formação de patrimônio -, e também ao público a que se destina a preservação deste patrimônio, existem as bases culturais formadoras que surgiram através da vida social, conforme afirma Von Simson (2010), bases que são mantenedoras das informações destinadas a preservação.

Assim, considera-se que a cultura adquirida pela vivência nas fazendas vai auxiliar no processo de preservação do patrimônio que tais fazendas geraram e do qual se tornaram representantes.

Com a nova legislação sobre o patrimônio imaterial, lançou-se um novo olhar sobre as ideias de inventário e de registro dos bens culturais. Tais instrumentos da política pressupõem um sistema de documentação através de gravações, fotografias, filmagens, utilização de mapas e diagramas, além da implementação de sistemas informatizados, digitalização de documentos em suporte papel, adoção de vocabulários controlados e política de segurança de dados e de acessibilidade da documentação a pesquisadores e ao público em geral. (SIMÃO, 2010, p. 3).

No que tange ao relacionamento entre memória e preservação deste patrimônio, desta cultura (patrimônio) material e imaterial, notamos a necessidade de uma

fundamentação teórica para sua organização e representação. Desta forma, lançamos mão de Ceravolo (2010), que destaca a necessidade do tratamento da informação quando se refere ao patrimônio imaterial, afirmando que o mesmo configura-se também como:

[...] saberes e lembranças a serem capturados e organizados pelos procedimentos do tratamento da informação (descrição, indexação, classificação, acesso por palavras-chave). Esse é o método, não há outro. Por isso os suportes da memória social, se preservados, devem passar por processo igual ou similar. (CERAVOLO, 2010, p. 55).

Intuímos a necessidade de contribuições para a preservação do patrimônio histórico rural, contribuições voltadas a este domínio de organização do conhecimento, focando, principalmente, a representação da informação por meio de linguagens controladas. Contribuições considerando-o como um espaço de memória, no sentido de um registro no tempo:

[...] como um elemento do processo de representação/classificação, propiciará à relação taxonomia/mathêsis inserir o signo em sua dinâmica e uso, onde, portanto se dá a referência da memória. O significado, então, é construído a partir do uso que lhe é conferido e do contexto de seu usuário.” (AZEVEDO NETTO, 2008, p.8).

Estudar a linguagem como ferramenta para a preservação do patrimônio rural, por meio da representação, é um dos objetivos centrais de nossa pesquisa. Considera-se que ir além da contextualização histórica do ambiente de estudo (patrimônio) é fundamental quando se pretende construir e desenvolver tal ferramenta. Desta forma buscamos, quando tratamos da linguagem como ferramenta de representação na Organização do Conhecimento, subsídios para o desenvolvimento de vocabulários controlados que nos permitam a preservação da memória.

## **2.1 Fazendas Históricas no interior de São Paulo como espaços de memória**

A cultura cafeeira, o plantio da cana-de-açúcar, a construção e avanço das estradas de ferro, a escravidão, a imigração e até mesmo a industrialização, são aspectos marcantes no contexto de formação das fazendas históricas na região de São Carlos – SP. Foi a partir do XVIII que destaca-se o início da formação da cidade e de suas fazendas históricas. Com a busca por minas de ouro, deu-se o conhecimento das terras que antes eram conhecidas como sertões de Araraquara. Com a abertura de estradas e

trilhas pelos mineiros, iniciou-se a vinda de povoadores, que inicialmente buscavam por tomar posse das terras e abrir novos caminhos, mas que logo foram substituídos por sesmeiros, justificando a demanda de disputas pela concessão das cartas de sesmaria no fim do século XVIII.

O município de São Carlos foi formado por áreas diversas a maioria originárias de três principais sesmarias. A primeira delas foi a Sesmaria do Pinhal, que compreendia a metade sul do perímetro urbano futuro da cidade. Ela foi demarcada por Carlos José Botelho em 1831. A segunda sesmaria foi a Sesmaria do Monjolinho, esta teve posse irregular no começo do século, mas foi regularizada por carta de doação e teve como proprietário João Alves de Oliveira. Ela se incluía a toda parte norte atual da cidade. A terceira foi a Sesmaria do Quilombo, também de posse irregular, e foi regularizada a requerimento do vigário de Piracicaba, Manoel Joaquim do Amaral Gurgel, esta compreendia as terras baixas de Mogi, no atual distrito de Santa Eudóxia, longe do centro de São Carlos. São Carlos inicia-se a partir da delimitação da Sesmaria do Pinhal, em 1831. Em sua fundação em 04 de novembro de 1857, havia uma pequena povoação fixada em casas ao redor da capela construída e boa parte eram herdeiros da família Arruda Botelho, primeiros proprietários das terras da Sesmaria Pinhal. Este regime de sesmarias vigorou no Brasil até 1822.

As fazendas iniciaram-se com criações de gados, suínos e bovinos, com plantações de milhos e mandioca e lavouras de algodão, que permitiu o povoamento rural e o desenvolvimento das terras. Logo se sucedeu o cultivo da cana-de-açúcar, que com sua consolidação valorizou-se as terras e seu diferencial estava na utilização delas. Neste período a busca pela mão de obra escrava tornou-se acirrada pelo início da lavoura comercial, porém a data da fundação de São Carlos coincide com o declínio do regime escravista no Brasil, o valor dos escravos se tornou tão alto nesta época que reduziu o tráfico. Apesar deste declínio, os fazendeiros ainda usaram o trabalho escravo por 30 anos.

É no período entre 1800 a 1940 que se tem registro do ciclo do café. É nesta expansão cafeeira que a cidade surge. Entre 1831 a 1857 são formadas as primeiras fazendas de café de São Carlos, marcando o início da primeira atividade econômica de maior expressão da região. O café foi o principal produto de expedição nesta época. Em São Carlos a primeira lavoura chega a Fazenda Pinhal em 1840, trazido pelo senhor do Pinhal, Carlos José Botelho, e se espalha por todo o município, fortalecendo a economia local. As lavouras canavieiras e os latifúndios pastoris são totalmente substituídos pela

lavoura cafeeira. A cultura do café nas várias fazendas do município é o marco do desenvolvimento de São Carlos. Os séculos XIX e XX forma marcados por essa expansão cafeeira e pelo grande fenômeno social que foi a imigração. Muitos imigrantes italianos e alemães vieram para a região trabalhar na lavoura de café, na manufatura e no comércio. Pois com a escassez de mão de obra escrava, os fazendeiros começaram a incentivar a imigração estrangeira. Em 1884 a chegada da ferrovia em São Carlos, marca mais uma evolução econômica para o município, dando um grande impulso para o seu desenvolvimento. A criação da ferrovia foi um grande passo para a revolução industrial e significava agilidade e eficiência na chegada do produto aos portos.

O café foi considerado produto de luxo, poder, esperança, riqueza e principalmente história e a implementação da ferrovia veio implementar e valorizar ainda mais a produção cafeeira. O café proporcionou destaque às fazendas, principalmente quando os fazendeiros tinham algum papel de destaque. Muitos fazendeiros buscavam por cargos políticos, alguns eram barões, outros vereadores, enfim, estavam ligados a política do município e do estado, essas elites rurais foram de grande influência para o desenvolvimento da cidade. A produção da cana-de-açúcar e do café foram marcos histórico no desenvolvimento de São Carlos. (TRUZZI, 1986; NEVES, 2007).

As terras das grandes fazendas se tornaram o universo urbano atual. A casa sede das fazendas ainda contam suas histórias, e manter preservadas estas construções, mantém a memória histórica, arquitetônica e social do município. Apesar da crise do café e da industrialização que fez reduzir e dissipar muitas fazendas, não se apagou a importância histórica que esses fatos tiveram para o município e também de alguma forma para o Brasil.

A necessidade e o interesse em preservar estes fatos históricos, gerou a busca por estudos que desenvolvessem formas de auxiliar nessa preservação. Reconhecer as fazendas como bem patrimonial importante para a região do interior paulista, abre caminhos para defini-la como espaço de memória a ser preservado o que justifica as necessidades estudar formas de preservação, seja da sua história ou de seus objetos. Este universo, que concentra uma infinidade de possibilidades históricas, carece de reconhecimento como espaço cultural, educacional e histórico na sociedade. Neste aspecto pesquisas foram e estão sendo desenvolvidas visando dar esta visibilidade e reconhecimento as fazendas históricas e apontar ao meio científico, a sua importância como espaço cultural e informacional de estudos.

### 3 PROJETOS E PESQUISAS SOBRE O PATRIMÔNIO CULTURAL RURAL PAULISTA

Esta pesquisa tem como base e ponto de partida alguns projetos que foram, e ao mesmo tempo vem sendo desenvolvidos ao longo de dez anos e que tratam da valorização e preservação do patrimônio cultural rural brasileiro. Podemos indicar três grandes projetos, que se destacam no interior paulista por objetivarem a promoção e preservação das fazendas históricas dessa região. No quadro 1, podemos observar as temáticas e o período de duração de cada projeto.

**Quadro 1** – Lista de Projetos de Políticas Públicas voltados a pesquisa sobre Patrimônio Cultural Rural

<b>PROJETOS DE POLÍTICAS PÚBLICAS</b>			
	<b>Projeto</b>	<b>Período</b>	<b>Coordenador</b>
<b>1</b>	Memória Virtual de São Carlos	2004-2008	Prof. Dr. José Carlos Maldonado (ICMC/USP)
<b>2</b>	Patrimônio Cultural Rural Paulista: espaço privilegiado para pesquisa, educação e turismo	2007-2012	Prof. Dr. Marcos Tognon (Unicamp)
<b>3</b>	Critérios e metodologias para a realização de inventário do Patrimônio Cultural Rural Paulista	2012-2014	Prof <sup>a</sup> . Dr <sup>a</sup> . Luzia Sigoli Fernandes Costa (UFSCar)

**Fonte:** Autoria Própria (2014)

Todas essas pesquisas contaram com o apoio e financiamento da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP). Foram desenvolvidos por um grupo de pesquisadores oriundos de diversas instituições como: universidades, órgãos governamentais, associações e, principalmente, o apoio de diversas fazendas do interior paulista.

O objetivo geral do projeto “Memória Virtual de São Carlos” foi o desenvolvimento de sistema *web* – Memória Virtual (MV) - para a disseminação e a catalogação dos acervos disponíveis nas fazendas históricas do interior de São Paulo, buscando construir um mecanismo de integração entre acervos dos diversos níveis geográficos, desde municipais aos nacionais.

Em relação ao projeto “Patrimônio Cultural Rural Paulista: espaço privilegiado para pesquisa, educação e turismo” se teve como objetivo, disponibilizar metodologias e

instrumentos para a gestão, conservação e difusão de bens patrimoniais entre os proprietários das fazendas e os órgãos públicos voltados para cultura, educação e turismo. Seu objetivo principal, enquanto projeto, foi propor a sistematização do conhecimento que envolve o ambiente das Fazendas Históricas do interior do estado de São Paulo, baseando-se, principalmente, na criação de ferramentas, formas e oportunidades de preservação da história regional, com a intenção de oferecer a toda comunidade acesso a todo este conteúdo histórico cultural. Neste projeto, destaca-se o desenvolvimento do Padrão de Descrição da Informação (PDI), instrumento que permite o cadastro e registro dos bens patrimoniais – que ficarão disponíveis no Memória Virtual - das fazendas históricas.

No contexto do Padrão de Descrição da Informação desenvolvido enquanto ferramenta de registro do patrimônio histórico das fazendas, é que se intentou estabelecer no projeto “Critérios e metodologias para a realização de inventário do Patrimônio Cultural Rural Paulista” critérios fundamentados, teórica e metodologicamente, que permitam a identificação, caracterização, análise e representação textual, imagética, sonora, dentre outras possibilidades, do patrimônio cultural, resultando em práticas de inventários das fazendas históricas paulistas, contemplando o pluri-culturalismo desses bens culturais e a interoperabilidade desses sistemas. Tendo o Padrão de Descrição de Informação como objeto de estudo, tal projeto teve a finalidade de buscar critérios para auxiliar o preenchimento dos campos que compõem este padrão. Desta forma, os pesquisadores tiveram como objetivo demonstrar, por meio de uma aplicação piloto, a potencialidade de aproveitamento e replicação da ferramenta PDI, operacionalizada pelo sistema web Memória Virtual, para a realização de inventários de bens culturais.

A relevância deste projeto para realização de inventário patrimonial reside também no interesse em formar e capacitar profissionais competentes, comprometidos técnica e eticamente com as causas da cultura e da preservação do patrimônio histórico, para a utilização e operabilidade do Padrão de Descrição da Informação e do Memória Virtual. Uma das propostas almejadas é a de elaborar vocabulários controlados, glossários terminológicos, catálogos autorais, de fabricantes, de estilos arquitetônicos, guias, manuais e diversas outras ferramentas de apoio ao preenchimento dos campos do Padrão de Descrição da Informação, com a finalidade de oferecer maior rigor e confiabilidade aos conteúdos descritos e possibilitar a interoperabilidade.

### 3.1 Produtos de Pesquisa: Padrão de Descrição da Informação (PDI)

A primeira versão do Padrão de Descrição da Informação foi desenvolvida no projeto “Memória Virtual de São Carlos”<sup>10</sup>, em que se elaborou um protótipo do software Memória Virtual, tendo como objetivo “[...] à produção de conteúdos digitais a serem disponibilizados, via Internet, com o objetivo de armazenar, recuperar e divulgar os diferentes tipos de informações contidas nos diversos acervos históricos [...]” (COSTA; SCARPELINE; NAKAGAWA, 2010, p. 3).

Sua segunda versão foi desenvolvida no projeto de políticas públicas “Patrimônio Cultural Rural Paulista: Espaço Privilegiado para a Pesquisa, Educação e Turismo”, coordenado pelo Prof. Dr. Marcos Tognon. O desenvolvimento deste padrão tem como ponto de partida o estudo de códigos, normas e recomendações nacionais e internacionais vigentes que dizem respeito a organização da informação.

Para a sua concepção, foram consultados os sistemas de descrição usados pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional - IPHAN (SISTEMA, 2010), tais consultas se deram pelo Sistema Integrado de Conhecimento e Gestão (SICG), o Inventário Nacional de Referências Culturais (INRC, 2000) também, desenvolvido pelo IPHAN, o sistema usado pela Prefeitura Municipal de Uberlândia (MG), o Centro de Memória da Unicamp (CMU), o Sistema de Apoio à Comunicação Integrada (SACI) desenvolvido pela UFSCar.

Conforme o desenvolvimento das pesquisas sobre os dois sistemas do IPHAN (SIGC e INRC), se evidenciou que não havia iniciativas de estruturação de um sistema de vocabulários (listas terminológicas, glossários, catálogos, tesouros, taxonomias) que servissem de apoio à representação e a descrição dos bens patrimoniais. Considerou-se que, no tocante a essa situação, o referido Padrão de Descrição da Informação deveria prever um campo para inclusão de palavra-chave, tendo isto como um diferencial no que compete a descrição e organização de conteúdos relacionados aos bens patrimoniais.

O Padrão de Descrição da Informação propõe a descrição de uma variedade de tipologias de bens patrimoniais, tanto os dados gerais quanto os específicos pertinentes a um determinado tipo de bem, prevendo dessa forma, uma grande base de dados com

---

<sup>10</sup> Memória Virtual de São Carlos. Projeto de Políticas Públicas, financiado pela FAPESP, processo número 03/06434-0 no período de 2004-2008, coordenado pelo Prof. Dr. José Carlos Maldonado do Instituto de Ciências Matemáticas e de Computação da Universidade de São Paulo (ICMC/USP).

total interoperabilidade (inclusive semântica) entre os diferentes tipos de bens patrimoniais inventariados, possibilitando que as informações originalmente isoladas sejam usadas de forma integrada.

Repertório considerado inédito, já que possui mais de 40 itens diferentes de outras planilhas analisadas.

Nakagawa, Costa e Scarpeline (2010) afirmam que o:

PDI vai refletir diretamente na configuração da base de dados e dos diferentes níveis de exigência, uma vez que não estamos somente em busca de coleta e armazenamento de metadados ou dados descritivos, mas também de dados analíticos. (p.52).

No quadro 2<sup>11</sup>, Costa, Scarpeline e Nakagawa (2010) explicam os grupos e atributos destacados pelo padrão:

**Quadro 2** - Grupos de Atributos de acordo com o Campo, o Conteúdo e a Natureza do bem

Grupo	Conteúdo do campo	Atributos do bem patrimonial
G1	Identificação da fazenda	Dados sobre a propriedade, o proprietário e o gestor, endereço e coordenadas geográficas, o tipo de propriedade, a proteção e legislação incidente, imagens e demais informações sobre o contexto histórico-cultural em que se insere a propriedade.
G2	Informações gerais do bem patrimonial	Dados sobre a natureza e tipologia do bem, o registro, o título, o nível de descrição <sup>8</sup> (arquitetônico, arquivístico, bibliográfico, bem móvel integrado, iconográfico e natural), localização física com as devidas coordenadas do bem.
G3	Autoria	Dados relacionados com a variedade de tipos de autoria ou responsabilidades atribuídas à criação do bem descrito.
G3	Cadastro de autoria	Dados complementares ao Grupo 2 como nome, pseudônimo, função ou atividade e período de existência.
G5	Produção	Dados sobre o local, ano, versões, edições e responsabilidades concernentes a produção do bem patrimonial.
G6	Descrição	Dados de conteúdo, estilo, resumo, características físicas, dimensões e volumetria, análise estilística, iconográfica e o contexto e espacial e temporal do bem descrito <sup>9</sup> e meio de acesso.
G7	Audio-Visual	Dados e materiais produzidos pela pesquisa realizada durante o inventário.
G8	Diagnóstico e Intervenção	Dados sobre o estado de conservação do bem, as intervenções realizadas com os seus respectivos responsáveis.
G9	Disponibilidade, uso e proteção.	Dados sobre a situação de disponibilidade, condição de acesso, uso, reprodução, aproveitamento e proteção do bem patrimonial descrito.
G10	Histórico da procedência	Dados sobre os tipos de transação, valor venal, data de aquisição do bem patrimonial.
G11	Assunto e descritores	Palavras-chave. Termo livre da linguagem natural e termos controlados, retirados de um vocabulário pré-definido, que traduzem o conteúdo temático do bem patrimonial <sup>10</sup> .
G12	Fonte de informação	Dados sobre as fontes de informação utilizadas na pesquisa histórica do bem patrimonial, independente da sua natureza e tipo de bem patrimonial.
G13	Responsável pela pesquisa	Nome do responsável pela pesquisa histórica, data da coleta de dados e anotações complementares feitas pelo pesquisador.

**Fonte:** Costa, Scarpeline e Nakagawa (2010, p.8).

No quadro 2 é possível observar a amplitude do Padrão de Descrição de Informação, já que são treze grupos de atributos e em cada um é possível se aprofundar

<sup>11</sup> O quadro possui um erro de digitação, no qual o grupo: Cadastro de autoria deve ser o G4 e não G3 conforme aparece. Esta retratação está sendo apresentada a pedido das autoras.

conforme o conteúdo e a natureza do bem patrimonial registrado. Nesta descrição dos grupos há um maior detalhamento sobre como o projeto identifica, nomina e conceitua as categorias relacionadas a indexação dos bens patrimoniais.

Assim, espera-se que o uso desse padrão possa resultar em práticas de inventários das fazendas históricas paulistas, situadas, inicialmente, na região de São Carlos, centro do Estado de São Paulo, sendo, posteriormente, aplicável a todo e qualquer tipo de bem cultural, seja material, imaterial, bibliográfico, arquivístico, museológico, arqueológico ou natural, além das cercanias das Fazendas.

### 3.2 Produtos de Pesquisa: Memória Virtual (MV)

O Memória Virtual foi desenvolvido por pesquisadores do curso de Ciência da Computação da Universidade de São Paulo (ICMC/USP), no *campus* de São Carlos – SP, com a coordenação e supervisão da Profa. Dra. Elisa Yumi Nakagawa, estando seu protótipo já pronto em fase de testes. O intuito maior relacionado ao desenvolvimento deste ambiente de memória vai desde a preservação das referências dos patrimônios materiais e imateriais até a sistematização de informações que possam aperfeiçoar a elaboração de políticas públicas voltadas, por exemplo, a educação patrimonial.

Em relação as análises técnicas do sistema, tratando-se de suas interfaces, Silveira (2014) apresenta a interface principal do Memória Virtual e a de cadastro de bem patrimonial. Podemos visualizar o funcionamento do sistema nas figuras 1 e 2, apresentadas a seguir:

**Figura 1** - Interface principal do software Memória Virtual.



**Fonte:** *website* do Memória Virtual<sup>12</sup> apresentado por Silveira (2014, p. 31).

A partir do seu *login* o catalogador é direcionado à interface apresentada na figura 2, que permite o cadastro, a edição, exclusão e a busca de um bem patrimonial.

<sup>12</sup> Disponível em: <http://143.107.231.114:8080/memoriavirtual/login.jsf>

Na figura 2, é possível visualizarmos a interface da opção de cadastro do bem patrimonial.

**Figura 2** - Interface para cadastro de bem patrimonial

Memória Virtual

<Letícia Reis>, sair

BEM PATRIMONIAL   AUTORIA   DESCRITOR   USUÁRIO

### Cadastrar Bem Patrimonial

Preencha o formulário abaixo para cadastrar uma novo Bem Patrimonial no sistema Memória Virtual.

Instituição:   AutoSave

- Informações Gerais do Bem Patrimonial
- Autoria
- Produção
- Descrição
- Audiovisual
- Diagnóstico e Intervenção
- Disponibilidade, Uso e Proteção
- Histórico de Procedência
- Assuntos e Descritores
- Fontes de Informação
- Responsável pela Pesquisa
- Relacionar com Bem Patrimonial existente

Copyright © 2009 LABES - Laboratório de Engenharia de Software - ICMC-USP  
Build Tag: mv\_20130828 teste de regressao

**Fonte:** *website* do Memória Virtual<sup>13</sup> apresentado por Silveira (2014, p. 31).

De acordo com Silveira (2014, p. 31): “[...] o catalogador terá uma extensa gama de categorias para a descrição do bem patrimonial [...]” que vai de Informações Gerais sobre o Bem Patrimonial até a exibição de relacionamentos com bens já existentes.

Podemos observar, na figura 3, a descrição dos grupos do Padrão de Descrição da Informação estruturados no Memória Virtual.

<sup>13</sup> Disponível em: <http://143.107.231.114:8080/memoriavirtual/login.jsf>

**Figura 3** - Descrição dos Grupos do PDI.

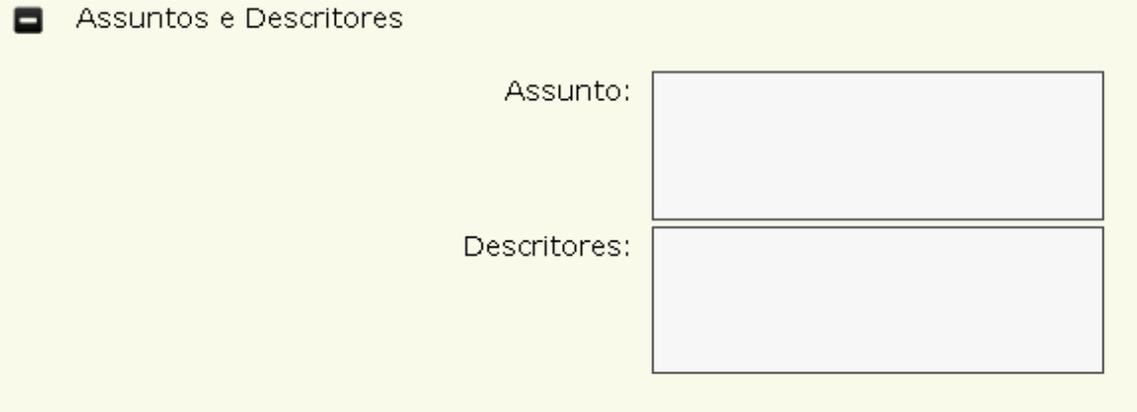


**Fonte:** Nakagawa, Costa e Scarpeline (2010, p.48).

Sobre o grupo 11 (Assuntos e Descritores), nos debruçamos ao longo desta pesquisa no intuito de diagnosticar e sugerir o desenvolvimento de um instrumento de linguagem que servisse de apoio a indexação dos bens que serão cadastrados no MV. E antecipamos que, mesmo que este instrumento tenha seu desenvolvimento iniciado, as políticas relativas ao seu uso e alimentação precisarão ser definidas posteriormente.

Na figura 4, podemos visualizar a interface atual de cadastro de assuntos e descritores no sistema, mas que poderá receber ajustes conforme o resultado apresentado pelas pesquisas desenvolvidas.

**Figura 4** - Interface de cadastro de dados relativos à assuntos e descritores.



Assuntos e Descritores

Assunto:

Descritores:

**Fonte:** *website* do Memória Virtual apresentado por Silveira (2014, p. 170).

Cabe esclarecer que a denominação dos campos “Assunto” e “Descritores” foi estabelecida e aprovada pela equipe interdisciplinar desenvolvedora do Padrão de Descrição da Informação, considerando o fato de que os usuários/indexadores no sistema não serão, necessariamente, bibliotecários ou especialistas em documentação e arquivo. Potencialmente o sistema contará com cadastros feitos por proprietários e funcionários das próprias fazendas. Por este contexto é que optou-se em utilizar a categoria “Assunto” para registro de palavras livres, linguagem natural, assuntos gerais e descritores para assuntos específicos e controlados a partir do uso da taxonomia.

Cabe também já informar que a taxonomia resultante do desenvolvimento deste trabalho será incorporada como um banco de dados independente ao sistema Memória Virtual para ser consultada. Outras estratégias e metodologias identificadas para consulta e alimentação deste instrumento de linguagem serão descritos ao final desta pesquisa.

### **3.3 Desenvolvimento de pesquisas sobre a Preservação das Fazendas Históricas**

Os três projetos anteriormente citados abriram caminhos para o desenvolvimento de vertentes de pesquisa e projetos voltados para a preservação, manutenção, organização e recuperação do patrimônio cultural. Desta forma, destacamos aqui (quadro 3) três pesquisas que tiveram como ponto de partida os projetos anteriormente citados.

**Quadro 3** – Pesquisas sobre Preservação, Manutenção, Organização e Recuperação do Patrimônio Cultural.

I.C. (Iniciação Científica)	MESTRADO	
<b>BERNARDINO</b> , Mayara Cristina (2012)	<b>SILVEIRA</b> , Leticia Reisd (2014)	<b>ALMEIDA</b> , Milene Rosa de (2014)
Organização do conhecimento no contexto das Fazendas Históricas do Estado de São Paulo: indicações gerais para a construção de linguagens de representação da informação	Metodologias, instrumentos e interfaces da organização de fotografias na <i>web</i> : uma análise na perspectiva do Patrimônio Cultural Rural	Padrão de Descrição de Informação: avaliação da capacidade representacional de bens materiais

**Fonte:** Autoria Própria (2014)

Essas pesquisas, ao mesmo tempo em que são paralelas aos projetos de políticas públicas mencionados, são também incrementais e se relacionam substancialmente aos projetos, já que as mesmas trazem discussões e acrescentam resultados importantes aos temas necessários apresentados pelos pesquisadores ao longo dos dez anos.

Em sua pesquisa, Bernardino (2012) pretendeu delimitar encaminhamentos metodológicos para a construção de uma linguagem de representação do patrimônio material e imaterial das fazendas históricas de café da região do interior de São Paulo. Seu propósito era que esta linguagem pudesse servir como conteúdo de apoio ao cadastro de itens no sistema Memória Virtual tendo por referência o Padrão de Descrição de Informação, por meio da coleta de informações de especialistas e da literatura especializada sobre bens culturais rurais.

A pesquisa de Bernardino (2012) constituiu-se de constantes participações em grupos, visitas às fazendas históricas, pesquisas bibliográficas, mas, principalmente, na utilização de levantamentos de conceitos juntos aos pesquisadores especialistas que fizeram e ainda fazem parte do universo de pesquisa dos projetos aqui citados.

Um dos procedimentos metodológicos sugeridos para coleta de conceitos para a elaboração de uma taxonomia foi a prática da entrevista e a análise documental, sendo que o uso de mapas conceituais também auxiliou na visualização e categorização de assuntos por meio dos conceitos oriundos dos especialistas entrevistados. Com essa metodologia, buscou-se atender a garantia do especialista.

O desenvolvimento das entrevistas se estabeleceu por meio da elaboração de um roteiro de entrevistas semi-estruturado com perguntas abertas e com o objetivo de ser aplicado aos especialistas envolvidos no projeto, respondendo pelas seguintes áreas transversais envolvidas na pesquisa sobre Patrimônio Cultural Rural Paulistas: Arquitetura, História, Biblioteconomia e Ciência da Informação, Computação e Ciências Sociais. Ao final de cada entrevista, seu conteúdo, gravado com autorização do entrevistado e tramitado no Comitê de Ética de pesquisa, foi transcrito, analisado e categorizado em estrutura de mapa conceitual.

O objetivo das entrevistas foi o levantamento de assuntos, conceitos e categorias temáticas relacionadas ao domínio de pesquisa de cada especialista, como estratégia de organização e análise dos dados, posteriormente, elaborado um mapa conceitual geral sobre o campo, contendo a sinalização de conceitos gerais e específicos representativos do domínio em questão, abrangendo áreas que são chave dentro do projeto de políticas públicas sobre Patrimônio Cultural Rural.

Os resultados apresentados constituíram-se do levantamento e da coleta de aproximadamente mil conceitos, dentre os quais se inserem tanto os conceitos levantados na literatura quanto os conceitos coletados por meio da aplicação das entrevistas mencionadas. Com estes conceitos coletados, foi possível iniciar o desenvolvimento da Taxonomia, sobre a qual nos debruçaremos nesta pesquisa.

Silveira (2014) e Almeida (2014) também desenvolveram, em paralelo, pesquisas voltadas a estudos de representação dos bens patrimoniais das Fazendas Históricas. Silveira (2014) buscou identificar e analisar alguns sistemas *onlines* - Corbis, Fundação Casa de Rui Barbosa, Visual Information Access, Software de Apoio à Comunicação Integrada (SACI), Dedalus, Fundo Florestan Fernandes e Flickr - disponíveis para organização de fotografias, contemplando sistemas de buscas (com foco no usuário) que se baseassem nos aportes teóricos sobre o tratamento temático, propostos pela Ciência da Informação. A partir desta análise a autora desenvolveu e aplicou, nestes sistemas, um roteiro de observação com o fim de analisá-los enquanto instrumentos de representação imagética, assim como identificar novas categorias, como a de indexação social, que auxiliassem na representação e recuperação de imagens.

A autora, a partir do seu roteiro já aplicado, buscou analisar, concomitantemente às análises desses sistemas informacionais, o Memória Virtual, no aspecto de indexação de fotografias históricas do Patrimônio Cultural Rural. Por meio da simulação de

cadastro de fotografias no Memória Virtual, procurou verificar se o mesmo contemplava as orientações de organização de fotografias definidas pela Ciência da Informação, procurando validar o sistema como uma ferramenta de organização e recuperação de informação no campo imagético.

Silveira (2014) definiu o Memória Virtual, a partir desta avaliação, como um sistema completo e amplo, pois permite descrever minuciosamente um bem patrimonial, inclusive por meio de fotografias. A autora sugeriu que fosse incorporado, para a Descrição Expressiva das imagens, um *template* no Memória Virtual, embora considere a possibilidade de inclusão desta descrição no campo de resumo da fotografia, pelo catalogador.

Outra sugestão que Silveira (2014) apresenta foi a necessidade de incrementar um sistema de busca avançado, permitindo ao usuário a filtragem de suas buscas, justificando, porém, a falta desta opção de busca, em razão do sistema ainda não estar completo.

Já o trabalho de Almeida (2014) teve como objetivo comparar os campos do Padrão de Descrição da Informação com os campos do formato *MACHINE READABLE CATALOGING* (MARC 21), nos diferentes tipos de bens patrimoniais a serem catalogados, tendo como foco: livros, periódicos, música escrita e gravada, gravação de vídeo, fotografias e objetos tridimensionais (telefone e busto) encontrados na Fazenda Santa Maria do Monjolinho em São Carlos-SP.

Em seu trabalho a autora apresenta a importância histórica do patrimônio das fazendas e a necessidade de representar este patrimônio para possibilitar acesso ao mesmo à sociedade, e busca apresentar o formato MARC 21 como um instrumento capaz de aperfeiçoar os campos do Padrão de Descrição da Informação - já que o sistema Memória Virtual, não se utiliza deste formato. A partir desta comparação e da análise dos materiais a serem catalogados, Almeida (2014) afirma que tanto o formato MARC 21 como o do Padrão de Descrição da Informação são satisfatórios na representação descritiva dos bens patrimoniais, sugerindo, no entanto, que alguns campos do padrão necessitam de reformulações, oferecendo soluções para essa ação. Como exemplo a autora afirma que no **Grupo 11** do Padrão de Descrição da Informação, Assunto e Descritores, seria “[...] mais adequado renomear o termo assunto por assunto principal e o termo descritores por termos relacionados, para melhor abrigar as expressões terminológicas do tesauro do projeto.” (ALMEIDA, 2014, p. 116).

É nesta fase de construção de ferramentas de auxílio para o preenchimento dos campos do Padrão de Descrição da Informação e na utilização do Memória Virtual que esta pesquisa se enquadra, estruturando uma linguagem que seja um instrumento de apoio, ao cadastro dos bens patrimoniais no Memória Virtual, focado, principalmente, no campo de Assunto e de Descritores do padrão, conforme apontado no paralelo traçado entre a nossa pesquisa atual e as outras pesquisas, já citadas.

De modo geral, todos os trabalhos visaram dar subsídios para representação, recuperação, registro e preservação do Patrimônio Cultural Rural.

Em 2012 foram iniciados oito grandes projetos voltados para o estudo do patrimônio brasileiro, sendo esses projetos aprovados a partir de chamada pública lançada em 18 de abril de 2011 no âmbito de convênio entre as instituições Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (Fapesp) e a Secretaria da Cultura do Estado de São Paulo – Unidade de Preservação do Patrimônio Histórico (UPPH) – Conselho de Defesa do Patrimônio Histórico, Arqueológico, Artístico e Turístico do Estado (Condephaat). Este convênio buscou selecionar e financiar projetos de pesquisas que subsidiassem e identificasse a

[...] construção de inventários de identificação do patrimônio cultural paulista, de ordem temática e regional, contribuindo para a sistematização do conhecimento do território e para o estabelecimento de paisagens culturais que guardem patrimônios significativos da memória e história do Estado, embasando metodologicamente a seleção de bens representativos da cultura paulista. (AGÊNCIA FAPESP, 2011)

Entre os projetos aprovados, encontra-se o projeto, já citado, “Critérios e metodologias para a realização de inventário do patrimônio cultural paulista”, coordenado pela Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup> Luzia Costa. Analisando a temática de cada um, notamos a importância e a valorização que vem sendo dada ao patrimônio do interior paulista e desta forma, compreendemos a importância da disseminação e divulgação do patrimônio cultural, a fim de cooperar e difundir os resultados e os interesses com outros pesquisadores e outras pesquisas realizadas. No quadro 4, apresentamos a lista dos oito projetos aprovados e as instituições responsáveis por coordená-los.

**Quadro 4** – Lista de Grandes Projetos sobre Patrimônio Cultural Paulista, aprovados pela FAPESP, com início no ano de 2012.

<b>Pesquisadores</b>	<b>Instituição dos Pesquisadores</b>	<b>Título do Projeto</b>
Cláudia Regina Plens	Escola de Filosofia, Letras e Ciências Humanas – Unifesp	Pesquisa e inventário do patrimônio arqueológico de Guarulhos
Elizabeth Ferreira Cardoso Ribeiro Azevedo	Escola de Comunicações e Artes – USP	Inventário da cena paulistana: antigos edifícios teatrais (de meados do século XIX ao fim da Primeira República)
Luiza Sigoli Fernandes Costa	Centro de Educação e Ciências Humanas – UFSCar	Critérios e metodologias para a realização de inventário do patrimônio cultural paulista
Maria Cristina da Silva Schicchi	PUC-SP	A região metropolitana de Campinas e a proteção para “patrimônios dispersos”. Contribuição à discussão de políticas públicas voltadas à proteção e valorização do patrimônio edificado das cidades paulistas
Miguel Antonio Buzzar	Instituto de Arquitetura e Urbanismo – USP (São Carlos)	Difusão da arquitetura moderna no Brasil – o patrimônio arquitetônico criado pelo Plano de Ação do Governo Carvalho Pinto (1959-1963)
Nilson Ghirardello	Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação – Unesp (Bauru)	Estrada de ferro noroeste do Brasil/Bauru, km 0
Silvia Helena Zanirato	Escola de Artes, Ciências e Humanidades – USP	Patrimônio cultural do vale histórico paulista: análise da vulnerabilidade às mudanças climáticas
Victor Velázquez Fernandez	Escola de Artes, Ciências e Humanidades – USP	Cadastramento dos elementos geológicos e geomorfológicos da Cratera de Colônia para estabelecer uma estratégia de gestão e preservação ambiental

Fonte: AGÊNCIA FAPESP (2011)<sup>14</sup>

Compreendemos a importância que vem sendo oferecida aos bens patrimoniais no interior paulista, o investimento na busca pela preservação do patrimônio, reflete na formação social, o que resulta a construção de uma memória social importante para a história regional e nacional do país. Consideramos, portanto, que a necessidade de preservar está ligada à importância da memória como instrumento de cultura e a preocupação na manutenção destes espaços de memória.

<sup>14</sup> Disponível em: [http://agencia.fapesp.br/resultados\\_da\\_chamada\\_fapespcondephaat/14704/](http://agencia.fapesp.br/resultados_da_chamada_fapespcondephaat/14704/) Acesso em 20/10/2014

#### **4 INSTRUMENTOS E GARANTIAS PARA ORGANIZAÇÃO DO CONHECIMENTO: EM BUSCA DE ORIENTAÇÕES METODOLÓGICAS PARA A REPRESENTAÇÃO DA INFORMAÇÃO SOBRE BENS CULTURAIS**

No desenvolver deste trabalho, a organização do conhecimento e sua disseminação tornaram-se foco de estudo. A justificativa de adentrarmos nessa temática, está exatamente em nosso objetivo de pesquisa - delimitação de uma ferramenta (no caso uma linguagem controlada) de representação, que visa auxiliar no cadastro de informações dos bens patrimoniais. Dado que são diversas as linguagens controladas, damos destaque a Taxonomia, uma vez que elegemos este instrumento como o mais apropriado para atender os objetivos e as necessidades de se representar bens culturais a partir do uso do sistema Memória Virtual.

Como meio importante de preservar, manter e dar acesso a memória e o patrimônio, a organização do conhecimento é uma disciplina - inserida na Ciência da Informação (CI) – que tem como foco de estudo as teorias que envolvem o tratamento e a recuperação a informação. Visando o controle dos processos de classificação, representação, armazenamento e ordenação da informação, a organização do conhecimento tem como objetivo a recuperação e a disseminação da informação.

Segundo Hjørland (2008), em seu artigo *What is Knowledge Organization (KO)?*, a organização do conhecimento se desenvolve em dois sentidos (estrito e social), no qual, giram em torno dos processos descrição, indexação e classificação de documentos realizados em bibliotecas, bases de dados, arquivos e outros tipos de “instituições de memória” por profissionais da informação, ao mesmo tempo, tendo a preocupação de considerar o ambiente na qual a informação é inserida, o meio social e a realidade da informação a ser organizada.

Quando o profissional da informação realiza o tratamento informacional, utilizando-se dos instrumentos advindos da organização do conhecimento, o mesmo tem o objetivo de compactar a informação e fazer a mediação entre esta informação e o usuário. Este processo realizado, gera conhecimento que satisfaz a necessidade das diferentes comunidades. Neste contexto, no campo da CI, a organização do conhecimento tem-se preocupado em estudar o desenvolvimento (de novos) e o melhoramento (dos já existentes) instrumentos e metodologias que auxiliem na mediação da informação do objeto representado para o usuário, sempre tendo a

preocupação de satisfazer as necessidades desses usuários e buscando reduzir falhas que podem existir.

Segundo Tálamo e Lenzi (2006) os processos e formas de organizar o conhecimento se tornam importantes quando os profissionais se conscientizam do papel que a informação, o conhecimento e a tecnologia tem no contexto social e produtivo atual.

Pensando no papel da informação, no contexto da Organização do Conhecimento (OC) Boccato (2009) afirma que se tem como objetivo o conhecimento registrado ou socializado:

[...] evidencia-se o estudo das possibilidades de organização de um conhecimento registrado sob a perspectiva de geração de novo conhecimento que, uma vez registrado, transforma-se em informação, e após sua organização, recuperação e uso pode gerar novo conhecimento, completando-se a espiral do conhecimento.” (BOCCATO, 2009, p. 38).

Podemos então pressupor que a OC é a chave para uma recuperação da informação eficiente. Boccato (2009), Brascher e Café (2008), Fogl (1979) e Cintra et al. (2002) consideram a concepção de que a informação tem sua origem no conhecimento. Para Fogl (1979) a informação pode ser vista pelos pontos semântico (cognitivo), pragmático (real), pelos suportes utilizados e os métodos de fixação do conhecimento. A informação, no aspecto semântico, não é vista como um objeto, mas como algo dependente de interpretação, pois, há juízos de valores que se fixam na informação e estão ligados ao conteúdo do conhecimento. Do ponto de vista pragmático o conceito de informação está relacionado ao que se espera e se deseja, aos significados atribuídos a essa informação, conforme o contexto real.

Fogl (1979) apresenta alguns conceitos acerca da informação e do conhecimento que são sintetizados por Brascher e Café (2008):

- 1) Conhecimento é o resultado da cognição (processo de reflexão das leis e das propriedades de objetos e fenômenos da realidade objetiva na consciência humana);
- 2) Conhecimento é o conteúdo ideal da consciência humana;
- 3) Informação é uma forma material da existência do conhecimento;
- 4) Informação é um item definitivo do conhecimento expresso por meio da linguagem natural ou outros sistemas de signos percebidos pelos órgãos e sentidos;

- 5) Informação existe e exerce sua função social por meio de um suporte físico;
- 6) Informação existe objetivamente fora da consciência individual e independente dela, desde o momento de sua origem. (FOGL, 1979, *apud* BRASCHER; CAFÉ, 2008, p. 4).

O processo de descrição e representação da informação pode ser colocado como um processo que deve ser objetivo e que represente de forma mais pragmática possível o conhecimento. A informação é gerada a partir do conhecimento humano e o mesmo se desenvolve a partir a informação. Desta forma, o crescimento constante das necessidades de conhecimento como forma de atender as demandas sociais, têm confiabilidade na relevância das informações geradas com o crescente aumento das comunicações e dos estoques informacionais que subsidiam o processo de geração do conhecimento.

E é esta necessidade de recuperação da informação que motivou o surgimento da Ciência da Informação, como área de estudo. A conceituação de informação coincide com a vinda da revolução tecnológica em decorrência do período pós 2ª Guerra Mundial, em que ocorreu uma explosão informacional. Onde a informação “(...) nasce em um contexto tecnológico, da necessidade de organização e tratamento para recuperação automatizada e otimizada.” (GOMES, CAMPOS, GUIMARÃES, 2010). A organização da informação aparece como elemento na qualidade de recuperar o conteúdo informacional e para que a informação seja organizada é necessário que a mesma seja descrita a partir de propriedades de um objeto informacional (documentos, textos, livros), ou seja, seus suportes físicos.

Para Gomes, Campos e Guimarães (2010) organizar a informação é um campo que evoca especificidades de descrição e tratamento, e que a informação pode se manifestar em diversas facetas que possuem padrões, estruturas e formas, denominados por elas como “Operações, Processos, Técnicas, Instrumentos, Medidas e Propriedades ligados ao objeto informação.” (GOMES, CAMPOS, GUIMARÃES, 2010, p.1). Organizar informação, trata-se de

[...] um processo que envolve a descrição física e de conteúdo dos objetos informacionais. O produto desse processo descritivo é a **representação da informação**, entendida como um conjunto de elementos descritivos que representam os atributos de um objeto informacional específico. (BRASCHER; CAFÉ, 2008, p. 5, grifo das autoras)

Ou seja, a organização da informação nada mais é que descrever de forma mais completa possível a informação sobre dado objeto informacional, independentemente de seu suporte físico. Destacando as características tanto físicas quanto temáticas. O objetivo de organizar informação é exatamente poder recuperá-la, deste modo, a especificidade, o padrão e a clareza são necessários e importantes para uma recuperação adequada.

Em relação aos suportes documentais, Paul Otlet em seu livro *Traité de documentation* (1934) abordou a noção de documentação como uma extensão que vai além do livro, configurando assim, os novos suportes de informação como portadores de memória (BOCCATO, 2009). Analisando esta perspectiva, com nossa pesquisa, podemos afirmar que buscamos por uma forma de representar a informação de diferentes suportes documentais, já que os bens patrimoniais encontrados em diversas fazendas históricas vão muito além de livros e documentos pessoais.

Consideramos que a representação da informação pode ser pensada como forma de organizar a informação a fim de visibilizar o conhecimento, possibilitando seu acesso e utilização. No contexto da organização do conhecimento, a representação da informação é uma abordagem, entre várias, que visa os estudos de ferramentas e/ou instrumentos ou produtos da área, como as linguagens documentárias.

Sobre as diversas abordagens que a organização do conhecimento possui, Hjørland (2008) apresenta uma sugestão de classificação dessas abordagens citando Broughton et. al. (2005):

1. A abordagem tradicional para OC expressa por sistemas de classificação utilizados em bibliotecas e bases de dados, incluindo CDD, LCC e CDU (indo de volta para cerca de 1876).
2. A abordagem faceta-analítica fundada por Ranganathan em 1933 e desenvolvido pelo Classification Research Group britânico
3. A recuperação tradicional da informação (RI), fundada em 1950.
4. Orientada para o usuário / visão cognitiva ganhando influência da década de 1970
5. Abordagens bibliométricas seguindo a construção de Garfield do Science Citation Index em 1963
6. A abordagem analítica de domínio (formulada pela primeira vez em 1994)
7. Outras abordagens (Entre as sugestões recentes são abordagens semióticas, "crítico-hermenêutico" se aproxima de abordagens do discurso analítico e abordagens baseadas em gênero. Uma tendência importante é também uma ênfase em representações de documentos,

tipologia de documentos e descrição, marcar linguagens, arquiteturas de documentos etc.)<sup>15</sup> (Hjørland, 2008, p. 87, tradução nossa).

Essas abordagens apresentadas por Hjørland (2008), vem sendo estudadas desde a Revolução Industrial, no século XIX, quando a Biblioteconomia começou a contribuir com pesquisas voltadas a suprir as necessidades de recuperar informação que começaram a surgir naquela época. As buscas pela criação de instrumentos de organização do conhecimento, dentro da Biblioteconomia, pautaram-se da concepção de que muitos instrumentos advinham de teorias da filosofia e da biologia que traziam problemas como a inflexibilidade hierárquica.

Bocato (2009) buscou fazer uma retrospectiva sobre os esforços da área em contribuir com técnicas e ferramentas de organização da informação, apresentando os sistemas de classificação desenvolvidos ao longo do século, desde a Classificação Decimal de Dewey (CDD) de Melvil Dewey (1876), passando por Charles Ami Cutter, em 1876, com seu arranjo de cabeçalho de assunto; o Sistema de Classificação da Biblioteca do Congresso – Library of Congress Classification (LCC) criado em 1920, entre outros. Na Europa, destacou-se o estudo sobre a inter-relação de conceitos de Otlet e La Fontaine, que se concretizaram com a Classificação Decimal Universal (CDU), em 1905; os estudos de Kaiser sobre os enunciados de assuntos em 1911, que consequentemente a influenciou nos trabalhos de Ranganathan (1967) sobre Colon Classification e suas noções de categorização facetada nos sistemas de classificação com suas cinco Categorias Essenciais: Personalidade, Matéria, Energia, Espaço e Tempo (PMEST). As noções de categoria e faceta foram exploradas de forma mais flexível nos trabalhos do Classification Research Group – CRG, na década de 1950. Vickery, Langridge, Foskett, Coates, Kyle e outros foram nomes que fizeram parte do CRG, que tinha como objetivo aprofundar os estudos de Ranganathan, dispostos a estudar a elaboração de sistemas mais flexíveis, buscando desenvolver mais profundamente o método analítico-sintético, considerado como uma abordagem representativa da teoria moderna da classificação.

---

<sup>15</sup> “1.The traditional approach to KO expressed by classification systems used in libraries and databases, including DDC, LCC and UDC (going back to about 1876). 2.The facet-analytical approach founded by Ranganathan about 1933 and further developed by the British Classification Research Group 3.The information retrieval tradition (IR) founded in the 1950s. 4.User oriented / cognitive views gaining influence from the 1970s 5.Bibliometric approaches following Garfield’s construction of the Science Citation Index in 1963 6.The domain analytic approach (first formulated about 1994) 7.Other approaches (Among recent suggestions are semiotic approaches, "critical-hermeneutical" approaches discourse-analytic approaches and genre-based approaches. An important trend is also an emphasis on document representations, document typology and description, mark up languages, document architectures etc.)”

Tratando-se das abordagens de representação da informação, encontram-se os estudos de sistemas de organização do conhecimento ou esquemas de representação do conhecimento que:

[...] são sistemas conceituais que representam determinado domínio por meio da sistematização dos conceitos e das relações semânticas que se estabelecem entre eles.” (BRASCHER; CAFÉ, 2008, p. 8).

A expressão Sistemas de Organização do Conhecimento (*Knowledge Organization System*) foi proposto em 1998 pela *Networked Knowledge Organization Systems Working Group* na primeira Conferência da ACM Digital Librerie, em Pittsburgh, Pennsylvania. Segundo Boccato (2009) os sistemas de organização do conhecimento vêm sendo estudados visando sistemas voltados para os usuários, considerando seus aspectos físicos e cognitivos. A autora diz que no contexto da Organização e Representação do Conhecimento, os sistemas de organização do conhecimento:

[...] possuem aplicabilidade em ambientes informacionais impressos e eletrônicos, abrangendo todos os tipos de esquemas que possibilitam a organização do conhecimento, a administração e sua promoção.” (BOCCATO, 2009, p. 43).

Esses sistemas englobam os sistemas de classificação e as linguagens documentárias exemplificadas por ontologias, taxonomias, tesauros, listas de cabeçalho de assunto, glossários, ou seja, vocabulários controlados.

Considerando a importância social e produtiva do conhecimento e da informação, refletimos que a organização do conhecimento e a representação da informação, em diversos contextos de uso e produção, tendo como foco a linguagem como um instrumento de representação, suscitam teorias, métodos e técnicas de representação como a finalidade de atender a diversas necessidades e especificidades de usuários.

Assim, é importante delimitarmos uma linguagem que consiga atender minimamente os objetivos dos usuários na qual ela é direcionada. Em nossa pesquisa, optamos por escolher apenas um sistema de organização do conhecimento para ser mais aprofundado, discutido e desenvolvido, no caso, optamos pela taxonomia, por ser um sistema que consegue ser amplo o suficiente para abarcar as multiplicidades do tema (fazendas históricas) e não tão específico a ponto de prejudicar esta multiplicidade que tanto valorizamos nessa pesquisa. Ao mesmo tempo, ela consegue ser um instrumento

de fácil uso ao usuário. Entretanto, para compreendermos o que é a taxonomia e quais suas vantagens e especificidades, é importante que conheçamos outros sistemas de organização do conhecimento que se desenvolva com objetivos semelhantes aos da taxonomia.

#### 4.1 As Linguagens Documentárias

Quando consideramos os sistemas de organização do conhecimento, devemos analisar suas estruturas e funções. A linguagem documentária (LD), caracterizada como sistema de organização do conhecimento, funciona como instrumentos de intermediação entre a informação e o usuário, por meio da tradução da linguagem natural para a linguagem documental, fazem-se necessárias uma vez que a qualidade dos serviços de disseminação da informação depende da linguagem utilizada pelo sistema para a indexação e recuperação dos documentos. Para Smit (1987)

A tradução da informação contida nos documentos em informação documentária supõe a criação de instrumentos para normalizar e homogeneizar esta tradução: ambos estão hoje irremediavelmente associados a operações lógico-semânticas. (SMIT, 1987, p. 7).

A LD é o conjunto de termos dotados de regras semânticas e sintáticas e tem, como finalidade de uso, de forma pragmática, a escolha do termo correto para que se reduza a diversidade e ambiguidade de vocabulário, estabelecendo uniformidade na representação dos termos. O uso das linguagens documentárias surgiu com o aumento da produção de conhecimento científico e tecnológico, o que dificultou o armazenamento e a recuperação de informações. Desta forma, as LDs têm como finalidade a recuperação da informação. Considerada instrumento de comutação (CINTRA et al., 2002), as linguagens documentárias integram três elementos fundamentais:

[...] um léxico ou uma lista de elementos descritores devidamente filtrados e depurados; uma rede paradigmática para traduzir certas relações essenciais e, geralmente estáveis, entre descritores (rede lógico-semântica que corresponderia ao que, *lato sensu*, poderíamos chamar de classificação); e uma rede sintagmática, para expressar as relações contingentes entre os descritores, relações essas que, diferentemente das relações paradigmáticas, são válidas apenas no contexto particular onde aparecem. (LARA, 2011, p. 104).

Ou seja, um vocabulário controlado nada mais é que “[...] uma lista de termos autorizados” (LANCASTER , 2004, p. 19). Eles possuem em sua estrutura os léxicos (termos) que representam os conceitos do campo de conhecimento a que se destinam representar, possuem uma estrutura relacional de forma hierárquica entre os termos, sendo que estes termos, preferidos e não-preferidos (sinônimos) e sua forma de apresentação, se baseiam em dois modelos: os modelos de macroestrutura que configura categorias gerais; e os de microestrutura, configurado por ordenação alfabética (hierárquica e de sinônimos).

Uma LD dever ser construída com base em uma terminologia apropriada da área, que possibilite relações entre os termos de forma clara e definida, para uma adequada representação e recuperação da informação. (BOCCATO, 2009). Avaliando que a LD tem como finalidade de traduzir a linguagem natural em conceitos controlados, as LDs são caracterizadas como vocabulários controlados por serem tidas como sistemas artificiais de signos normalizados, facilitando a representação da informação e permitindo a recuperação da informação tanto manual quanto automática.

Em relação ao seu uso, Lopes (2002) apresenta um quadro com as vantagens e desvantagens de se utilizar vocabulários controlados em sistemas de informação, conforme vemos no quadro 5, apresentado a seguir:

**Quadro 5** - Vantagens e desvantagens do uso do vocabulário controlado.

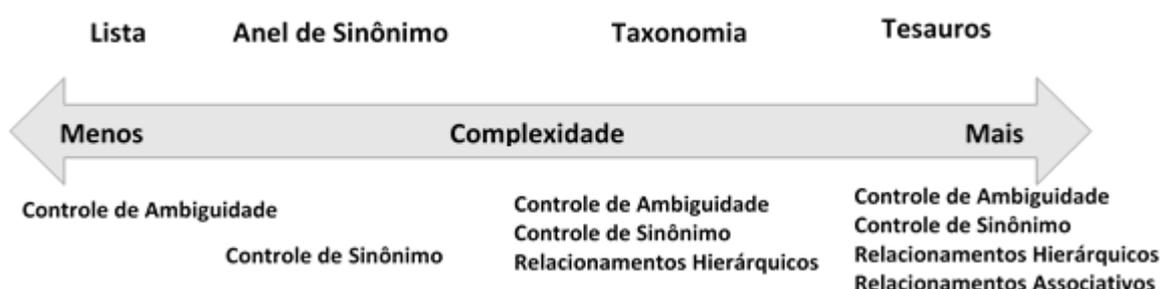
VANTAGENS	DESVANTAGENS
1. Controle total do vocabulário de indexação, minimizando os problemas de comunicação entre indexadores e usuários.	Custos: a produção e manutenção da base de dados terá despesas maiores com a equipe de indexadores. Será necessário ainda manter pessoal especializado na atualização do <i>thesaurus</i> .
2. Com o uso de um <i>thesaurus</i> e suas respectivas notas de escopo, os indexadores podem assinalar mais corretamente os conceitos dos documentos.	O vocabulário controlado poderá não refletir adequadamente os objetivos do produtor da base, caso esteja desatualizado.
3. Se bem constituído, o vocabulário controlado poderá oferecer alta recuperação e relevância e, também, ampliar a confiança do usuário diante de um possível resultado negativo.	Um vocabulário controlado poderá se distanciar dos conceitos adequados para a representação das necessidades de informação dos usuários.
4. As relações hierárquicas e as remissivas do vocabulário controlado auxiliam tanto o indexador, quanto o usuário na identificação de conceitos relacionados.	Necessidade de treinamento no uso dos vocabulários controlados tanto para os intermediários, quanto para os usuários finais.
5. Redução no tempo de consulta à base, pois a estratégia de busca será mais bem elaborada com o uso do <i>thesaurus</i> .	Desatualização do vocabulário controlado poderá conduzir a falsos resultados.

Fonte: Lopes (2002, p. 47).

Embora haja desvantagens de custo e manutenção, além do risco de mau uso e desatualização do vocabulário controlado - conforme apontado por Lopes (2002) - é importante e imprescindível o uso de vocabulário controlado no processo de indexação de um documento num sistema de informação como uma base de dados, por exemplo. A maior vantagem em desenvolver um vocabulário bem estruturado e de acordo com as necessidades do usuário do sistema, é a precisão e a confiabilidade na recuperação da informação.

A norma internacional de organização do conhecimento ANSI/NISO Z39.19-2005, propõe formas de construir e gerenciar um vocabulário controlado e pensando no desenvolvimento e no uso dos mesmos na web. A mesma aponta todas das tipologias de vocabulário controlado, com complexidades estruturais distintas. Além dos tesouros, o vocabulário controlado abrange outras estruturas menos complexas, tais como: anéis de sinônimos, lista de cabeçalho de assunto e taxonomias, conforme apresentado na figura 5:

**Figura 5** - Complexidade estrutural crescente entre vocabulários controlados.



**Fonte:** ANSI/NISO Z39.19-2005 (2005, p. 17) [Tradução nossa]

Dada as suas características e complexidades, o Tesouro é um instrumento de representação temática da informação mais completo e específico por possuir controle de sinônimos e ambiguidades e os relacionamentos hierárquicos e associativos. Porém, fazendo uma análise dos nossos objetivos, justificamos nossa opção por desenvolver uma taxonomia pela mesma apresentar características bem semelhantes de um tesouro, mas com uma complexidade mais moderada. Pensar nos níveis de dificuldade no desenvolvimento de uma linguagem controlada, foi uma das nossas preocupações, já que a temática na qual trabalhamos – fazendas históricas e patrimônio – é extremamente complexa e múltipla, e abarca diversas situações e questões que dificultam ainda mais o desenvolver de um instrumento terminológico. E a taxonomia nos permite ter uma noção ampla dos conceitos principais e das hierarquias e também possibilita evoluir a linguagem ao nível de tesouro. Outros fatores importantes como a questão do tempo, do número de conceitos e do número de pessoas envolvidas no desenvolvimento da linguagem influenciaram na escolha do instrumento.

Apresentamos, a seguir, as características e conceitos de três principais vocabulários apresentados pela norma na figura 5, Lista de Cabeçalho de Assunto, Tesouros e Taxonomias. A escolha por apresenta-los está no objetivo de compreender a

formação de vocabulários controlados e suas estruturas, a importância dos mesmos para a representação da informação e verificar as diferenças entre cada linguagem controlada e justificar a escolha de um vocabulário em específico.

#### 4.1.1 Lista de Cabeçalho de Assunto

Lista de Cabeçalho de Assunto são formas de indexação onde os termos são indexados antes do usuário realizar a busca. Podemos considerá-la como uma das formas mais antigas de sistema alfabético.

As listas de cabeçalhos de assunto são consideradas linguagens pré-coordenadas, ou seja, a coordenação de assuntos é feita na representação para catalogação. Dessa maneira, cabeçalhos e subcabeçalhos – quando necessários – são designados simultaneamente para representar um assunto. Porém, apesar de fazerem uso da linguagem natural, os cabeçalhos de assunto podem utilizar-se das relações “Ver”, “Ver também”, “Use para”, “Termo específico” para dar coerência às listas e obter o controle de sinônimos, homônimos. (OLIVEIRA, 2013, p.62)

Para Gil Urdician (2004) as listas de cabeçalho de assunto são listas alfabéticas, de estrutura associativa ou combinatória, com palavras ou expressões da linguagem natural com capacidade de representar assuntos tratados em um documento. Boccato (2011) a partir das análises de Hodge (2000) e do *Networked Knowledge Organization Systems/Services (2010)*, sintetiza e define Lista de Cabeçalho de Assunto como “[...] sistemas basicamente classificatórios, formados por um conjunto de termos para representar os assuntos dos itens de uma coleção de acordo com regras estabelecidas de combinação de termos na constituição de cabeçalhos compostos;” (BOCCATO, 2011, p.167). São linguagens enumerativas, não possuem hierarquia e nem são exaustivas. Tem regras fixas a respeito das formas de entrada do cabeçalho e incluem palavras representativas de todas as áreas do conhecimento.

Cesarino e Pinto (1978) apresentam alguns fatores que determinaram o aparecimento e a formalização dos cabeçalhos de assunto:

- os títulos das obras não representam adequadamente o assunto das mesmas;
- problemas relativos às subdivisões de assunto;
- as obras de mais de um assunto;
- livro de assuntos relacionados;

- obras que relacionavam os assuntos a lugares e épocas diferentes.  
(CESARINO; PINTO, 1978, p.274)

Esses fatores desencadearam a necessidade de regras para construção de catálogos alfabéticos de assunto. As primeiras regras para a construção desses catálogos foram desenvolvidas por Cutter em 1876. “Anteriormente eram dados os cabeçalhos de acordo com o julgamento do próprio catalogador.” (CESARINO; PINTO, 1978, p.274). Para as autoras, três princípios, apresentados por Cutter, são fundamentais e necessários de serem seguidos na elaboração de um catálogo alfabético de assunto. Em resumo:

1º) **princípio específico** – Os assuntos devem dar entrada pelo termo mais específico e não pela classe a que está subordinado. [...];

2º) **princípio de uso** – [...] É o princípio da conveniência, de acordo com a necessidade dos usuários;

3º) **princípio sindético** – Por se basearem no alfabeto dos cabeçalhos de assunto fazem aproximações absurdas de assuntos e ao mesmo tempo, separarem assuntos relacionados. Assim Cutter propôs o desenvolvimento nas listas de cabeçalhos de assunto de estruturas sindéticas que, através de uma rede bem construída de referências cruzadas, poderiam ajudar ou mesmo superar este problema.  
(CESARINO; PINTO, 1978, p.274-275)

Notamos que as Listas de Cabeçalho de Assunto se destacam pela sua estrutura e capacidade limitada. Elas representam um modelo de vocabulário controlado, no qual, deve-se escolher os termos de uma lista ou um dicionário já existente. Sendo os cabeçalhos de assunto um sistema fechado de recuperação da informação, exercem uma função prescritiva. Sua elaboração pode partir de duas abordagens distintas:

- abordagem analítica, baseada sobretudo na garantia literária e participação do usuário;

- abordagem formal, baseada sobretudo no trabalho e opinião de especialistas. (CESARINO; PINTO, 1978, p.282)

Na prática normalmente, há uma mistura das duas abordagens e pouco se vê, infelizmente, a participação dos usuários. No que tange sua aplicabilidade, a Lista de Cabeçalho de Assuntos pode ser adaptada as necessidades da instituição que irá utilizá-la, não exigindo nenhuma rigidez quanto ao emprego da mesma. Sendo de pouca complexidade, as listas de cabeçalho de assunto não trazem um rigor e precisão na recuperação da informação, tendendo a ser superficiais.

### 4.1.2 Tesouros

Tratando-se de um vocabulário controlado mais complexo, os tesouros são definidos como linguagem documentária e são instrumentos de indexação para representação da informação, caracterizados de relacionamentos semânticos e conceituais. São instrumentos tecnológicos que, enquanto função, veiculam o conhecimento de uma ciência e permitem que a recuperação da informação seja feita pelo usuário, de forma autônoma (MOREIRA, MOURA, 2006).

A norma ANSI/NISO Z39.19-2005 define os tesouros como vocabulários controlados organizados em uma ordem conhecida e estruturada de modo que os vários relacionamentos entre os termos sejam identificados e exibidos claramente por meio de indicadores de relações normalizadas

Os tesouros são construídos para áreas específicas do conhecimento, não existindo um tesouro que represente um universo geral, mas, sim, tesouros que cobrem alguns nichos do conhecimento. Os processos de categorização dos termos se dão por meio da extração de termos nas fontes escolhidas pelo indexador. Moreira e Moura (2006) afirmam que a construção de um tesouro

Requer também o conhecimento do tema de tratamento da informação em sua forma abrangente [...]. De forma geral, os tesouros são específicos, construídos para determinada área do conhecimento, que tendem a aprofundar. (MOREIRA, MOURA, 2006)

Eles surgiram da necessidade de se manipular uma grande quantidade de documentos especializados e possuem algumas etapas de construção que se iniciam pela delimitação da área (através da categorização de assuntos), a classificação dos termos (dentro das categorias) e as indicações de relacionamento entre os termos. (MOREIRA, MOURA, 2006). O tesouro auxilia não somente na recuperação do conhecimento, mas também no momento de indexação, nos processos que vão da análise do documento até a tradução para os termos do tesouro, conforme políticas de indexação pré-estabelecidas, processos que possibilitam ao usuário, no momento da busca, encontrar um termo mais adequado para sua busca. Tesouros são formas de indexação pós-coordenada por possuírem uma combinação de conceitos compostos no momento da recuperação da informação.

Quando falamos da estrutura do tesouro, falamos de seus relacionamentos e das vinculações existentes entre seus conceitos, representados por termos (SVENONIUS,

2000). Os relacionamentos podem ser diversos, dentre os quais podem ser citados os de:

- **Relacionamento Hierárquico:** que se divide em genérico-específico (formar classes de conceitos), analítico (relações associativas), de oposição (itens opostos) e enumerativa (itens coordenados);

- **Relacionamento Partitivo ou Relacionamento Ontológico** que relaciona o todo e suas partes;

- **Relacionamento de Efeito:** que causa efeito, relacionamento de descendência, relações genealógicas entre os termos;

- **Relacionamento de Equivalência:** representam sinonímia ou quase-sinonímia e relacionamentos homônimos. (GOMES, 1990)

São essas relações que definem o conteúdo semântico do tesauro, fornecendo definições e reduzindo a ambiguidade entre os termos. As relações associativas que são realizadas no tesauro, fazem dele um instrumento de representação mais complexo que uma Taxonomia. Os níveis de relacionamentos disponíveis no tesauro e sua especificidade temática, deixa clara a diferença entre o mesmo e as taxonomias.

### 4.1.3 Taxonomias

As taxonomias (*Taxonomies*) são vocabulários controlados formados por termos preferenciais, organizados em estruturas hierárquicas ou poli-hierárquicas. Estruturas classificatórias, as taxonomias são instrumentos que permitem a recuperação e a organização de informações. Pensando na Ciência da Informação, Terra et.al. (2004) define que

A taxonomia é um sistema para classificar e facilitar o acesso à informação, e que tem como objetivos: representar conceitos através de termos; agilizar a comunicação entre especialistas e entre especialistas e outros públicos; encontrar o consenso; propor formas de controle da diversidade de significação; e oferecer um mapa de área que servirá como guia em processos de conhecimento. É portanto, um vocabulário controlado de uma determinada área do conhecimento, e acima de tudo um instrumento ou elemento de estrutura que permite alocar, recuperar e comunicar informações dentro de um sistema, de maneira lógica. (TERRA et.al., 2004, p.1)

Segundo a norma ANSI-NISO Z39:19 (2005, p. 9) as taxonomias seriam um conjunto de termos controlados, organizados em uma estrutura hierárquica. Ou seja,

cada termo, em uma taxonomia, está em um ou mais relacionamentos genéricos/específicos em relação a outros termos na própria taxonomia. (BOCCATO, 2009). Demonstrando a similaridade com os tesouros e as listas de cabeçalho de assunto.

O conceito taxonomia originou-se a partir da teoria da classificação, advinda das áreas biológicas com o trabalho do botânico Karl von Linné com a “Classificação dos Seres” de 1735. Em seu trabalho, o cientista desenvolveu uma taxonomia onde “[...] dividiu os seres vivos em grupos, de acordo com suas características em comum, obedecendo a uma ordem hierárquica.” (TERRA et.al., 2004, p.1). Nos tempos atuais a Taxonomia se tornou um instrumento importante no processo de organização da informação. Ela deixou de ser exclusivamente das áreas biológicas e passou a ser utilizado pelas organizações no processo de gestão e organização do conhecimento.

A Taxonomia como um instrumento de representação e recuperação do conhecimento possibilita o processo classificatório de um domínio, podendo se apresentar em modelos de estrutura hierárquica, em modelos de mapas conceituais, taxonomias tortas, dentre outros. De acordo com Aganette, Alvarenga e Souza (2010), existem vários tipos de taxonomia, elas podem ser segmentadas conforme sua elaboração, sua origem e o seu uso organizacional.

Dos diferentes tipos de Taxonomias apresentadas pelos autores, destacamos a taxonomia descritiva, a facetada e por assunto, sendo essas três caracterizadas por sua elaboração. A primeira “[...] consiste em vocabulários controlados construídos a partir de tesouros, e adiciona diversos tipos de palavras, ortografias, formas e dialetos variantes, para que o usuário tenha maior liberdade na hora de buscar um assunto.” (AGANETTE; ALVARENGA; SOUZA, 2010, p.80), e a segunda é uma estrutura de taxonomia mais flexível no modo como a informação pode ser categorizada de forma geral, ou seja, os temas são agrupados por facetas. A taxonomia por assunto, utiliza-se um vocabulário controlado e seus termos são organizados por assunto.

Analisando a características das três tipologias de taxonomia, podemos afirmar que o instrumento que propusemos neste trabalho, se enquadra nas características apresentadas pelo mesmo ter sido desenvolvido a partir de um tesouro já existente (Tesouro Museológico e do Folclore Brasileiro) e por ter os termos agrupados em categorias. Desta forma, nossa linguagem pode ser definida como uma linguagem flexível, por permitir a inserção de novas facetas e novos termos. O uso das estruturas

de classificação serve como elemento de organização e recuperação da informação, principalmente em empresas e instituições. Segundo González (2011) a

Taxonomia é o estudo dos princípios gerais da classificação científica, a classificação sistemática: em particular, classificação ordenada de plantas e animais seguindo relações naturais. Classificação ou categorização de um conjunto de coisas de forma hierárquica. Por definição, taxonomia é classificação, sistemática. (GONZÁLEZ, 2011, p.51)

A categorização é um princípio básico adotado na taxonomia que fornece as bases para a apresentação e a construção e ordenação de classes e seus elementos. Uma taxonomia boa é aquela que facilita a busca e que seja intuitiva. Utilizar as taxonomias permite um alto nível de ordenação e classificação, assegurando a recuperação da informação nos sistemas de informação.

Esta forma classificatória se baseia no princípio de categorias conceituais. O que se representa são os diversos aspectos (fenômenos, objetos etc) que ocorrem naquele campo de saber. Como o documento pode tratar de diversos aspectos, este modelo permite agregar e também acessar os documentos sob estes diversos aspectos. (CAMPOS; GOMES, 2008, p. 5).

Se considerarmos os sistemas informatizados, as taxonomias devem ter como característica principal a facilidade de navegação entre os conceitos, que permita agregar informação e dinamismo. Pensando nesta necessidade de dinamismo e navegação que os sistemas informatizados buscam em uma taxonomia, devemos considerar os componentes e características básicas da mesma no momento de sua elaboração.

Componentes:

- Estrutura classificatória hierárquica (contexto conceitual): com determinados níveis de profundidade.
- Rótulos de entrada: lista de termos que dão nome aos conceitos. São os elementos da estrutura, agrupados em blocos temáticos.
- Admitem facetas não-hierárquicas: dão dinamismo e pluralidade de enfoques aos assuntos. (GONZÁLEZ, 2011, p.52)

Além dos componentes apresentados, o autor também afirma que nas taxonomias os usuários são quem as certificam, “o conteúdo se adapta aos usos e à

situação dos usuários” (GONZÁLEZ, 2011, p.53). Ou seja, desde os termos até a sua estrutura, a taxonomia deve ser pensada e orientada para características e necessidades dos usuários, onde a flexibilidade, possibilidades de mudança e dinamismo sejam os componentes essenciais da linguagem e seu contexto de aplicação. Para Terra et.al. (2004, p.2) uma taxonomia tem como dever “ajudar a criar caminhos (categorias) múltiplos para encontrar a mesma informação, de acordo com o ponto de vista adotado.” Alguns critérios precisam ser observados:

- **Comunicabilidade:** Os termos devem transparecer o conceito que representam;
- **Utilidade:** Apresentar termos necessários;
- **Estimulação:** Induzir o usuário a navegação pelo sistema;
- **Compatibilidade:** Conter somente o que faz parte da organização que utilizará da Taxonomia e somente o que representa o campo ordenado. (TERRA et.al., 2004, p.3).

Essas características são importantes para que a taxonomia seja de fato eficiente e fácil entendimento e utilização. É interessante destacar que essa experiência de facilidade que a taxonomia pode fornecer, torna-se diferente quando pensamos na biblioteca tradicional e o espaço digital, para Terra et.al. (2004) a diferença mais evidente é que num ambiente estável como a biblioteca, o objeto informacional (livro) encontra-se em um único local e é acessado por uma única taxonomia, já em um ambiente remoto, como a web, não existem restrições quanto ao uso de uma ou mais taxonomias e quanto ao local que pode estar disponível a informação. É no ambiente digital que as características de dinamismo e navegação se tornarão mais fortes e de destaque na taxonomia. O uso da taxonomia

[...] tem sido adotado por permitir acesso através de uma navegação em que os termos se apresentam de forma lógica, ou seja, em classes, sub-classes, sub-sub-classes, e assim por diante, em quantos níveis de especificidade sejam necessários, cada um deles agregando informação sobre os documentos existentes na base. (CAMPOS; GOMES, 2008, p. 1).

Outro ponto a se observar é a participação do usuário. No ambiente tradicional, a participação do usuário, na taxonomia, é mais difícil e até mesmo inexistente, mas no ambiente digital essa participação é mais presente e necessária. Uma taxonomia deve representar os objetivos conforme o cenário que a mesma se encontra, ou seja, ela se

caracteriza de acordo com as necessidades da informação que pretende representar. Para González (2011), algumas características são essenciais para definir uma taxonomia, dentre as quais citamos: um domínio concreto, uma estrutura de conceitos/termos, termos relacionados hierarquicamente, a possibilidade de navegação (no caso de uma taxonomia inserida num ambiente virtual) e a possibilidade de acrescentar dados. Essas características tendem a mudar, conforme a organização que desenvolve a taxonomia e as necessidades que a mesma buscam abarcar.

No que tange as propriedades essenciais de uma Taxonomia, Aganette, Alvarenga e Souza (2010), apresentam quatro dimensões adotadas para caracterizar a essência da Taxonomia. Essas dimensões estão definidas por “atributos genéricos”, “classificação”, “estrutura” e “terminologia”. Na dimensão “atributos genéricos” as taxonomias devem conferir flexibilidade, pragmatismo, combinar esforços humanos e de softwares, ser personalizadas e empíricas e relacionar formas automatizadas de criação da informação. Na dimensão “classificação” notamos os diferentes tipos de funções classificatórias a que se oferecem as taxonomias, dentre várias destacamos a função de sistema de classificar informação, que é o papel da taxonomia dentro da Ciência da Informação.

Em relação a dimensão “estrutura” são as características estruturais atribuídas as taxonomias, como o fato de elas apresentarem em sua estrutura atributos hierárquicos e partitivos, de permitirem a representação de objetos informacionais e por serem um instrumento de estrutura que permite recuperar e comunicar informações. Por fim, em “terminologia” percebemos o que são definidos como funções terminológicas das taxonomias, como o fato de a mesma ser um vocabulário controlado de termos e estruturado por relacionamentos lógicos que busca a padronização dos termos e representa conceitos através desses termos. São várias, as essências da taxonomia, que mudam de acordo com a organização que está inserida.

No processo de construção de uma taxonomia, devemos observar alguns princípios fundamentais que garantam sua consistência. Entre esses princípios estão os problemas que a taxonomia deve responder e os termos empregados devem ter uma comunicabilidade e representar a linguagem utilizada pelos usuários. Terra et.al. (2004) afirma que no desenvolvimento de uma taxonomia “Preferencialmente, a construção de uma taxonomia deveria começar com entradas construídas em conjunto com os especialistas ou “proprietários” dos conteúdos e os arquitetos da informação.” (TERRA et.al., 2004, p.4). Se pensarmos na construção de uma taxonomia, partindo do “zero”, é

essencial que consultar especialistas seja a primeira das etapas. Outra questão importante é o método para se construir Taxonomias. González (2011) aponta que deve-se fazer a “Reutilização de taxonomias”, ou seja, “Antes de criar uma taxonomia deverá se investigar se existem taxonomias sobre a mesma temática ou de temática similar.” (GONZÁLEZ, 2011, p.56). De acordo com o autor, na busca por economia de tempo e esforços, é possível se utilizar de listas e linguagens controladas.

No processo de elaboração de uma taxonomia, as etapas devem envolver as seguintes ações, das quais podemos citar: a captura do conhecimento: que pode ser por meio de entrevistas com especialistas da área, de documentos e outros instrumentos de classificação ou terminológicos; devemos pensar também na estrutura da taxonomia e nos pautar nas categorias e ordenação dos conceitos e principalmente validar a taxonomia, verificando se a mesma atende as propostas classificatórias e as necessidades da comunidade que se destina.

Consideramos a elaboração e o uso da taxonomia como uma primeira etapa para sistematizar o conhecimento de uma determinada área, pois sua complexidade e função residem nas relações hierárquicas (genérico/específico), relações organizadas por princípios de ordenação dos conceitos por meio de categorias, ou seja, com a função de categorizar a informação. Desta forma, a partir de conceitos categorizados e, em uma primeira instância, relacionados de forma genérica, é possível se pensar na formação mais complexa, como os tesauros.

Visto que nossa estrutura terminológica visa auxiliar a representação e recuperação da informação, optamos por destacar as características principais da taxonomia voltada para o campo da Ciência da Informação, uma vez que existem diversas tipologias taxonômicas para diversos ambientes, como o exemplo das organizações empresariais. Fazendo uma análise da teoria até aqui apresentada, podemos afirmar que a taxonomia desenvolvida nesta pesquisa abarca muitos aspectos importantes, tais como a estrutura hierárquica, conceitos/termos de uma determinada temática e capturados de fontes de informações validadas pela teoria, um público alvo específico e categorias gerais. Porém, ainda há desafios e necessidades a serem supridas, como o desenvolvimento de uma taxonomia intuitiva e dinâmica, principalmente com um número grande de conceitos e a validação dessa taxonomia por seus futuros usuários.

## 4.2 Garantias para a Representação da Informação

No processo de construção de instrumentos de representação, como as linguagens documentárias, é imprescindível que estas estejam de acordo com a área que se deseja representar e com a linguagem de busca dos usuários, pois, caso não sejam compatíveis, o sistema de recuperação perde sua credibilidade no processo de recuperar informação e satisfazer o usuário. Para que isso não ocorra, é fundamental que atendamos os preceitos de garantia literária, garantia de uso e garantia cultural para a elaboração da linguagem documentária, de modo que a mesma seja harmônica com a realidade temática do campo conceitual a ser representado (LANCASTER, 1987). A principal etapa na elaboração de uma linguagem documentária é a seleção de conceitos, processo desafiador, pois, engloba definir o domínio e os objetivos do instrumento, além de escolher as fontes adequadas dos conceitos e a sua forma de apresentação.

A garantia literária, apresentada na Ciência da Informação pela primeira vez por Hulme por volta de 1911, propõe classificar o conhecimento registrado a partir do levantamento conceitual abordado na literatura e não nas classificações da ciência, ou seja, o que determina na garantia literária é a literatura de um domínio como fonte para extrair a terminologia a ser incorporada em um sistema de classificação, ou em qualquer outro sistema de organização do conhecimento (BARITÉ et al., 2010). A garantia literária emerge como um método de aplicação considerável para desenvolver instrumentos de organização do conhecimento.

Sendo critério para a seleção de termos:

A garantia literária possui o status de um princípio: nas linguagens de indexação, o vocabulário escolhido para a representação dos assuntos deve ser derivado empiricamente da literatura para a qual pretende-se a representação. (MOREIRA; MOURA, 2006, p. 1).

Para Beghtol (1995, p. 31) a garantia literária é caracterizada como um “[...] conjunto de tópicos ao redor dos quais uma literatura foi estabelecida.”, tendo esta literatura, desta forma, condições de representar a estrutura conceitual de uma determinada área. A garantia literária seria utilizada como forma de validação e justificativa para a terminologia adotada. A norma ANSI/NISO Z39.19-2005 diz que o conceito de garantia literária refere-se ao uso do conceito em uma linguagem de indexação ou a seleção de um termo preferido por causa de sua ocorrência frequente na

literatura. Os conceitos utilizados para representar a informação em um instrumento de representação devem estar inseridos na literatura da área.

Segundo Lancaster (1987) o termo só se justifica quando reconhecemos sua existência na literatura sobre o assunto. Desta forma, pressupomos que a linguagem dos especialistas está dentro dos critérios de garantia literária. O processo de garantia literária pode ser considerado como o processo padrão e preferencial na seleção e recopilação de termos para a construção de uma linguagem controlada, seguido da utilização da garantia de uso como processo de verificação, seleção e acréscimo de termos.

As garantias de uso, constituídas a partir da “[...] freqüência da demanda por determinados assuntos de modo que o assunto mais frequentemente pesquisado garantiria sua inclusão ou exclusão em um instrumento de representação.” (GRACIOSO, 2008, p. 56), também respaldam a construção de instrumento de controle de vocabulário desenvolvido para intermediar os processos de recuperação da informação.

Para Lancaster (1987) a garantia de uso está relacionada aos termos coletados a partir das buscas realizadas pelos usuários no sistema. De acordo com a norma ANSI/NISO Z39.19-2005 o conceito de garantia de uso está relacionado: com o uso do conceito em uma linguagem de indexação; ou a seleção de um termo preferido por causa de frequentes pedidos de informações sobre um termo; ou a busca livre de termos pelos usuários de um sistema de armazenamento e recuperação da informação.

No nosso caso, esta garantia será atendida, uma vez que os termos utilizados pelo usuário serão posteriormente incorporados na linguagem. Os termos usados na elaboração de uma linguagem documentária devem estar de acordo com os termos utilizados pelos usuários no processo de recuperação da informação. De acordo com Pinho (2010) a garantia de uso permite que a linguagem não se limite a um conceito e nem caia em um vazio por reduzir a recuperação da informação.

Uma vez que a falta de precisão terminológica, causada pela falta de garantias, pode influenciar na precisão e revocação no processo de recuperação da informação, é necessário que a terminologia passe por processo de garantias para que a mesma se consolide de forma correta. Tratando-se de garantias, Beghtol (1986, 2002) apresenta a garantia cultural, que considera os aspectos do contexto cultural como necessários para o estabelecimento das relações semânticas de forma ética nos instrumentos de representação temática. Para Beghtol (2002) o conceito de garantia cultural pressupõe

que um sistema de organização e/ou representação do conhecimento torna-se útil e apropriado para um indivíduo, dentro de uma cultura, se este sistema for baseado nos valores, suposições e preocupações desta mesma cultura. Assim, estes sistemas vão representar a cultura do indivíduo e todas as culturas a que o mesmo está relacionado.

De acordo com Pinho (2010) “Contudo, a garantia cultural aumenta, por sua vez, a complexidade de organizar e representar o conhecimento, e conseqüentemente, torná-lo disponível globalmente para os usuários de outras culturas em diversas situações.” (PINHO, 2010, p.46). O autor afirma que esta complexidade resulta na necessidade de descobrir meios que permitam compatibilizar as diversidades culturais e os sistemas de organização e representação do conhecimento que, por sua vez, servirão de acesso à informação. Buscar pela integração de informação e conhecimento de diferentes fronteiras com a adequação aos sistemas de organização e representação do conhecimento. O Memória Virtual é totalmente voltado a esta finalidade, já que o mesmo busca por representar e disponibilizar - a partir de instrumentos como linguagem, padrão de descrição de informação, padrões de catalogação – uma variedade de informações com diversidade cultural e histórica para uma multiplicidade de usuários.

Os princípios da garantia literária, garantia de uso e garantia cultural norteiam o processo de construção de linguagens documentárias - que devem ser construídas a partir de termos da linguagem natural e da linguagem dos especialistas - pois contemplam os termos do contexto científico e do contexto sociocultural nos quais estão inseridas. No contexto científico e tecnológico, consideramos as garantias como ferramentas tecnológicas para a estruturação de instrumentos de representação da informação.

## **5 A ORGANIZAÇÃO DO CONHECIMENTO PELA PERSPECTIVA INTERDISCIPLINAR DO CAMPO CIÊNCIA, TECNOLOGIA E SOCIEDADE**

Com a revolução tecnológica e o crescimento informacional, o movimento de troca e disseminação da informação se tornou veloz e dinâmico, ocasionando a crescente valorização da informação e do conhecimento e acarretando, conseqüentemente, o aumento dos processos de inovação. Esta demanda crescente de informação vem ocorrendo desde meados do século XX, com a formação da Sociedade da Informação, fruto do processo de globalização. Werthein (2000) afirma que as transformações em direção a atual Sociedade da Informação já são dominantes na economia dos países menos industrializados, definindo as tecnologias da informação como um novo paradigma nas transformações tecnológicas, em relação constante com a economia e a sociedade.

Desta forma, a informação torna-se fonte de poder e as tecnologias de informação e comunicação são determinantes na democratização do acesso a diversos tipos de informação, para variados setores da sociedade. Neste cenário, a qualidade nos processos de busca e recuperação da informação é importante para a transferência da informação, inclusive no contexto científico. A comunicação científica é essencial para a produção de novos conhecimentos e para a visibilidade da ciência. Um fator importante a se considerar é que esta comunicação depende da informação representada e formalizada.

No processo de globalização o desenvolvimento de tecnologias de comunicação é preponderante, se considerarmos essa comunicação um elemento básico dentro da sociedade. De acordo com Meadows (1999), o desenvolvimento do conhecimento científico, a pesquisa, depende da aplicação de uma mescla de trabalho prático e teórico, em que cada elemento confere ajuda ao outro. Porém, a ciência progride não somente através da acumulação de novos dados, mas também com o decorrer do tempo, onde percepções generalizadas e especializadas são comunicadas.

Verifica-se, então, que a pesquisa científica está intimamente ligada à interação social, à formação de atividades de grupos, em suma, à comunicação. Meadows (1999) descreve que para a ocorrência da institucionalização da ciência, de um modo geral, é necessário: literatura e comunicação científica; a publicação dos resultados das pesquisas científicas, ou seja, a divulgação deste conhecimento para posterior aplicação. Ziman (1979), por sua vez, afirma que através dos cursos de graduação e pós-graduação é possível se institucionalizar a ciência já que

esses espaços garantem a transmissão dos conhecimentos já produzidos, ou em fase de produção. Compreender os processos e as necessidades de comunicação da ciência é importante para se entender o contexto científico atual.

A busca da ciência pelos desenvolvimentos tecnológicos é cada vez mais crescente, vemos que o processo inicial de ciência e tecnologia se deu com o fim da Segunda Guerra Mundial, quando houve a valorização dos estudos e desenvolvimento de uma ciência básica, voltada para processos científicos, com foco em tecnologias e inovações, sem a interferência do governo e da sociedade. Esta ciência neutra era vista pela sociedade de forma positiva, pois acreditavam que quanto maior a produção científica, maior produção tecnológica haveria e, conseqüentemente, maior geração de riqueza, suscitando o bem-estar social (BOCCATO; TARTAROTTI, 2013).

Dagnino (2002) afirma que a Ciência e a Tecnologia (C&T) seria um assunto técnico e não político, a produção científico-tecnológica não teria a interferência do contexto social, político e econômico:

C&T é entendida como infensas ao contexto sociopolítico, como possuindo um desenvolvimento linear em busca da verdade, endogenamente determinado, universal e inexorável, ao longo do qual apenas existe a diferença entre uma tecnologia mais avançada (de ponta, mais eficiente, mais recente) e menos avançada (obsoleta, ineficiente, ultrapassada). É uma concepção evolucionista, uma espécie de darwinismo tecnológico, uma vez que a história é reduzida a um processo em que sobrevivem as tecnologias mais aptas, mais eficientes, mais produtivas. (DAGNINO, 2002, p. 1)

O acréscimo dos interesses sociais na Ciência e Tecnologia vigorou de maneira hegemônica a partir dos anos 60, quando os processos sociais como a economia, política e cultura começaram a influenciar de forma decisiva as mudanças científico-tecnológicas, partindo-se da compreensão de que os produtos da ciência e a tecnologia interferiam diretamente na sociedade e no meio ambiente.

Esta preocupação se deu a partir das implicações negativas que a ciência e a tecnologia acarretaram por estarem atreladas ao desenvolvimento de produtos, técnicas e serviços que ocasionaram não somente catástrofes naturais, como também desastres gerados por escolhas negativas do homem, tais como: o uso desenfreado dos recursos naturais, as novas tecnologias na guerra, como armas e a própria criação e uso da bomba atômica.

Esses problemas estão relacionados com a utilização desproporcional dos processos científicos e tecnológicos, assim como com a falta de senso moral e ético no modo de se fazer ciência. Bazzo, Von Lisingen e Perreira (2000, p.6) corroboram esta preocupação quando afirmam que: “Pela repercussão e pela relação direta que a ciência e a tecnologia têm com todos os constructos sociais, o homem, que se auto-intitula moderno, deveria estar constantemente repensando as causas e os efeitos de seus atos.”.

Este desenvolvimento desenfreado da Ciência e da Tecnologia confirmou a interferência direta dos processos científico-tecnológicos na sociedade, assim como a causa dos efeitos sociais negativos, desencadeando preocupações sobre a neutralidade da ciência e suas interferências no contexto social, gerando reflexões profundas sobre as relações da Ciência, Tecnologia e Sociedade.

O campo CTS é o estudo social da ciência e tecnologia e está voltado para a relação entre o desenvolvimento tecnológico e o desenvolvimento humano. Tratando-se dos aspectos sociais da CTS, Bazzo, Von Lisingen e Pereira (2000) expõem que os objetivos sociais da CTS:

[...] têm por finalidade promover a alfabetização científica mostrando a ciência e a tecnologia como atividades humanas de grande importância social, por formarem parte da cultura geral nas sociedades modernas. Trata também de estimular ou consolidar nos jovens a vocação pelos estudos da ciência e da tecnologia, mostrando com ênfase a necessidade de um juízo crítico e uma análise reflexiva bem embasada das suas relações sociais. (BAZZO; VON LISINGEN; PEREIRA, 2000, p.4).

Bazzo et al. (2003) afirmam que o campo CTS se ampliou em três direções: na pesquisa que se deu por meio das reflexões acadêmicas sobre C&T, em políticas públicas: “[...] através da criação de mecanismos democráticos que facilitem à abertura e processos de tomada de decisão em questões concernentes a política científico-tecnológica.” (ALMEIDA, 2014, p. 13) e no campo da educação.

Desta maneira, a ciência e tecnologia estão voltadas para o desenvolvimento de produtos, serviços e ferramentas, com foco no contexto social para resolução de problemas e melhoria de vida para a sociedade. Nesta perspectiva vemos na linguagem escrita uma ferramenta tecnológica desenvolvida com a intenção do ser humano se comunicar, organizando a informação produzida para que a mesma seja registrada e recuperada.

De tal modo, Galindo (2010) afirma que:

A escrita despertou a humanidade para a necessidade de organizar o conhecimento em categorias que permitissem a recuperação eficiente da informação; neste mandato, os custodiadores do conhecimento passaram a desenvolver instrumentos teórico-metodológicos, estratégias e tecnologias para a organização, gestão, recuperação e disseminação da informação. (GALINDO, 2010, p. 190).

Visto que a organização, a gestão, a recuperação e a disseminação da informação são processos e técnicas da Ciência da Informação (CI), considera-se necessário destacarmos que tal ciência nasceu justamente da necessidade de se realizar tais processos e técnicas, com o objetivo de assegurar a disseminação e o uso da informação. A Ciência da Informação passou a existir a partir do crescimento informacional, estabelecido no pós-guerra - no mesmo contexto da CTS -, e seu objeto de estudo é a informação que permeia a sociedade.

Os processos de comunicação e uso da informação e seus fenômenos básicos são os problemas de estudo da CI, problemas que a mesma objetiva investigar como: “[...] forças que governam o fluxo da informação para uma ótima acessibilidade e usabilidade.” (CUNHA; CAVALCANTI, 2008, p. 81). Com a necessidade de organizar os conhecimentos científicos gerados, a Ciência da Informação: “[...] reflete sobre recursos e dispositivos propulsores de fluxos informacionais para a geração de novos conhecimentos e que a essência da ciência é a própria informação.” (SANTOS; ELIEL; ELIEL, 2006, p. 16).

A CI recebeu o status de ciência pós-moderna, por causa das mudanças ocorridas com ela no século XX, o que desencadeou novas prioridades no objeto de estudo e na pesquisa da área, sendo a demanda da informação um dos principais temas de estudo:

Para tanto, Ciência da Informação, frente a uma ciência e uma tecnologia movimentada e turbulenta, realiza processos de estruturação e representações, sendo este trabalho materializado pelas bases de dados, bibliotecas digitais, catálogos bibliográficos e demais sistemas de recuperação de informação que são colocados à disposição do público. (SANTOS, ELIEL e ELIEL, 2006, p. 27).

A Ciência da Informação tem como paradigma o fenômeno da comunicação humana e, assim, ela: “[...] volta-se para o ‘mundo da informação’ e para contribuir para análise e para a construção desse mundo.” (BORGES et. al., 2003, p. 13). Ainda considera que Ciência da Informação, por meio do uso das ciências cognitivas, coloca o

usuário como foco principal de seus estudos, de modo que este ocupe um papel importante na construção de significados relacionados ao usuário e aos sistemas da informação.

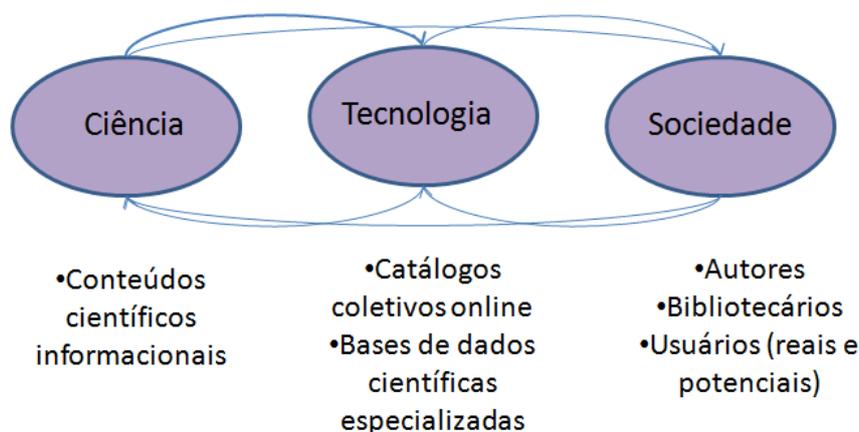
A utilização dessa abordagem cognitiva, pela CI é forte no que se refere ao processamento e a representação da informação pelo usuário cognitivo, e a utilização da cognição fez com que a Ciência da Informação fosse considerada uma ciência social. Outros autores, como Freire (2006), por exemplo, abordam esta mesma questão da cognição, revelando importâncias para a sociedade contemporânea, principalmente, relacionadas às áreas da comunicação e da educação.

A conexão da Ciência da Informação e da Ciência, Tecnologia e Sociedade se dá pela interdisciplinaridade. Para Boccato e Tartarotti (2013) esta interdisciplinaridade no campo científico é fundamental para a resolução dos problemas sociais, afirmando que a relação entre ambos os campos gerou um processo de contribuição, cujas perspectivas interlocutivas são refletidas em três abordagens: científica, tecnológica e social.

Na abordagem científica CI e CTS surgiram no mesmo período do pós-guerra e da Revolução Científica; na abordagem tecnológica incide a preocupação com os impactos e usos das tecnologias na sociedade. Na abordagem social, a preocupação é voltada para o excesso de informação e a dificuldade de recuperação dessas informações. A partir da perspectiva social, tem-se a organização e representação da informação e do conhecimento como áreas que interligam o campo CTS e a Ciência da Informação.

Na figura 6, Boccato e Tartarotti (2013) esboçam uma visão contemporânea dos estudos de organização do conhecimento e da informação com o campo da Ciência, Tecnologia e Sociedade.

**Figura 6** - A visão interacionista do campo Ciência, Tecnologia e Sociedade e a Ciência da Informação sob a abordagem dos sistemas de recuperação de unidades de informação.



**Fonte:** Boccato e Tartarotti (2013, p. 15).

Levando em conta as relações apresentadas por Boccato e Tartarotti (2013), os estudos da linguagem como ferramenta no processo de representação e preservação do Patrimônio Cultural Rural e a CTS, verificamos que na Pré-conferência<sup>16</sup> temática “Ciência e Patrimônio Cultural”, realizada em 09 de abril de 2010, no Museu de Astronomia e Ciências Afins, no Rio de Janeiro, para a IV Conferência Nacional de Ciência, Tecnologia e Inovação, ficou explícito a necessidade da Ciência e da Tecnologia se incorporarem aos estudos de preservação do patrimônio, quando descreveram que:

A ciência, tecnologia e inovação estão presentes em todas as etapas do processo de preservação do patrimônio cultural brasileiro. Isso se dá na fase de coleta, realizada por diversos tipos de pesquisadores, como antropólogos, arqueólogos, botânicos, zoólogos, etc.; na etapa de organização e sistematização das coleções; no processo de acondicionamento, conservação e restauração e, por fim, na própria atividade de pesquisa e disseminação do conhecimento produzido a partir desse patrimônio. Para muitas áreas do conhecimento, o acervo organizado, tratado e disponibilizado à consulta em museus, bibliotecas e arquivos é infra-estrutura fundamental para a pesquisa. (CONFERÊNCIA NACIONAL DE CIÊNCIA, TECNOLOGIA E INOVAÇÃO, 2010, p. 1).

Compreender os desafios tecnológicos para a preservação da informação é vital para estabelecermos novos parâmetros e desenvolvermos novas políticas de promoção e

<sup>16</sup> Disponível em: [http://www.coc.fiocruz.br/comunicacao/images/stories/PDFs/doc\\_pre\\_conferencia\\_cti.pdf](http://www.coc.fiocruz.br/comunicacao/images/stories/PDFs/doc_pre_conferencia_cti.pdf)

acesso cultural, pois, oferecer este acesso e devolver este patrimônio para a comunidade necessita da contribuição de indivíduos para que a preservação se torne eficaz e legítima.

Estudar a organização do conhecimento faz parte de uma das etapas deste processo, que envolve ciência, tecnologia, sociedade, inovação e a preservação do patrimônio cultural. É preciso, portanto, buscarmos dentro de uma proposta de linguagem, inovações na organização, representação, sistematização e disseminação do patrimônio cultural brasileiro, um processo voltado aos interesses não somente de pesquisadores, mas da sociedade.

Por meio desses estudos de organização e representação para a valorização e a preservação da memória nos espaços rurais buscamos alcançar a sustentabilidade social, proporcionando o acesso e o resgate dos aspectos culturais e históricos que este patrimônio possui.

## 6 RECURSOS METODOLÓGICOS E APRESENTAÇÃO DE RESULTADOS

Este projeto configurou-se como pesquisa básica, pois visou preencher uma lacuna do conhecimento, e como pesquisa aplicada, na medida em que propôs o desenvolvimento de taxonomia para o sistema Memória Virtual.

A investigação, no que diz respeito à construção de referencial teórico, se pautou em pesquisa bibliográfica e documental em fontes de informação oriundas da Biblioteconomia, da Ciência da informação, da Museologia, da Arquivologia, da História e de outras áreas afins. Em síntese, esta pesquisa buscou delimitar a construção inicial de uma linguagem de representação, especificamente uma taxonomia, do patrimônio material e imaterial das fazendas históricas de café da região do interior do Estado de São Paulo com o propósito de servir como conteúdo de apoio ao cadastro de itens no sistema Memória Virtual (MV), a partir do Padrão de Descrição da Informação (PDI) desenvolvido para atender as especificidades de cadastro de conteúdos textuais, imagéticos, objectuais e sonoros.

Os procedimentos metodológicos para a construção da taxonomia são os estabelecidos e indicados pelas Normas e diretrizes de construção de Taxonomias, com algum nível de adaptação, que foram aplicadas ao banco de conceitos criados ao longo de pesquisa anterior (BERNARDINO, 2012) que comporta aproximadamente 1.000 termos, que por sua vez foi complementado com outros 2640 termos coletados em bancos de conceito específicos que detalharemos em breve.

Como base para articulação inicial deste vocabulário vislumbrou-se, inicialmente, utilizar as categorias sugeridas por S. R. Ranganathan, a saber Personalidade, Matéria, Energia, Espaço e Tempo, somados as indicações das categorizações do *Classification Research Group*, ambientadas ao contexto do Patrimônio Cultural Rural das fazendas históricas. No entanto, com o desenvolver da pesquisa, fez-se a opção metodológica de seguirmos as categorizações sugeridas inicialmente no *Thesaurus para acervos museológicos* (1987), uma vez que nos pautamos substancialmente neste instrumento para o desenvolvimento da Taxonomia proposta.

A estrutura metodológica inicial para organização dos conceitos já levantados em pesquisa anterior (BERNARDINO 2012), se pautou na estruturação geral de Taxonomias, tal qual sugere a Norma ANSI/ NISO Z39.19-2005, mas com

incorporações de alguns aspectos metodológicos adaptados as especificidades do domínio do assunto. Inicialmente a construção da taxonomia teve a seguinte orientação:

#### 1 Elaboração da Taxonomia:

- a) Levantamento de conceitos a partir da análise de entrevistas com especialistas (BERNARDINO, 2012), análise documental e literária sobre o assunto;
- b) Organização e sistematização dos conceitos identificados e selecionados em bancos de conceitos – ordenados alfabeticamente;
- c) Seleção de categorias gerais para sistematização conceitual;
- d) Inclusão dos termos em categorias conceituais sugeridas;
- e) Estabelecimento de relações de hierárquicas e de sinonímia entre os termos dentro das categorias;
- f) Delimitação de termos preferidos para uso na indexação.

Foram criados 16 bancos conceituais, construídos para fomentar a Taxonomia. Indicamos no quadro 6, os 16 bancos desenvolvidos, sendo 14 elaborados ao longo do trabalho de Bernardino (2012) e dois elaborados no desenvolvimento deste projeto.

**Quadro 6** - Banco de Conceitos coletados para serem selecionados para a construção da Taxonomia

Banco de Conceitos	Fonte	Nº de Conceitos
<b>BC. 1</b>	Entrevista com seis pesquisadores do projeto de políticas públicas: “Patrimônio Cultural Rural Paulista: espaço privilegiado para pesquisa, educação e turismo.” processo número 07/55999-1 com período de vigência de 2007 a 2012, tendo como Coordenado Geral o Prof. Dr. Marcos Tognon da Universidade de Campinas (Unicamp).	<b>309</b>
<b>BC. 2</b>	BENINCASA, V. <b>Velhas fazendas:</b> arquitetura e cotidiano nos campos de Araraquara 1830-1930. São Carlos: EdUFSCar, 2003. 403 p.	<b>532</b>
<b>BC. 3</b>	Reunião do Grupo de Pesquisa do projeto de políticas públicas: “Patrimônio Cultural Rural Paulista: espaço privilegiado para pesquisa, educação e turismo.” processo número 07/55999-1 com	<b>28</b>

	período de vigência de 2007 a 2012, tendo como Coordenado Geral o Prof. Dr. Marcos Tognon da Universidade de Campinas (Unicamp).	
<b>BC. 4</b>	ABRAHÃO, F. (Org.). <b>Delícias das sinhás: história e receitas culinárias da segunda metade do século XIX e início do século XX.</b> São Paulo: Arte Escrita, 2007, 128 p	<b>80</b>
<b>BC. 5</b>	<b>Relatório Parcial FAPESP.</b> Projeto de Políticas Públicas Patrimônio Cultural Rural Paulista: Espaço Privilegiado para Pesquisa, Educação e Turismo, processo número 07/55999-1 com período de vigência de 2007 a 2012, tendo como Coordenado Geral o Prof. Dr. Marcos Tognon da Universidade de Campinas (Unicamp). Área Inventário e Documentação.	<b>197</b>
<b>BC. 6</b>	<b>Documento de Referência Terminológica.</b> Projeto de Políticas Públicas “Patrimônio Cultural Rural Paulista: Espaço Privilegiado para Pesquisa, Educação e Turismo”, processo número 07/55999-1 com período de vigência de 2007 a 2012, tendo como Coordenado Geral o Prof. Dr. Marcos Tognon da Universidade de Campinas (Unicamp). Área Inventário e Documentação.	<b>157</b>
<b>BC. 7</b>	Fotografias Fazendas Históricas de Descalvado – ACIEPE: Fazendas Históricas 2011	<b>94</b>
<b>BC. 8</b>	<b>Glossário de Termos - PATRIMONIO HISTORICO CULTURAL DE SÃO PAULO.</b> Prefeitura Municipal de São Paulo	<b>19</b>
<b>BC. 9</b>	Estrutura Hierárquica de conceitos levantados referente à MOBILIÁRIO HISTÓRICO e laborado e estruturado pela pesquisadora Ms. Rosaelena Scarpeline, com ajustes de Prof <sup>a</sup> Dr <sup>a</sup> Luciana de S. Gracioso e Prof <sup>a</sup> Dr <sup>a</sup> Luzia S. Fernandes Costa.	<b>212</b>
<b>BC. 10</b>	<b>Descrição de Imagens.</b> Conceitos levantados pelas pesquisadoras Ms. Rosaelena Scarpelina e Prof <sup>a</sup> Dr <sup>a</sup> Olga Rodrigues de Morais von Simon.	<b>205</b>
<b>BC. 11</b>	<b>Palestra sobre MEMÓRIA.</b> Proferida pela pesquisadora Prof <sup>a</sup> Dr <sup>a</sup> Olga Rodrigues de Morais von Simon	<b>49</b>
<b>BC. 12</b>	BOTELHO, A. V.; REIS, L. M. <b>Dicionário Histórico do Brasil: colônia e império.</b> Belo Horizonte: Autêntica, 2008. 360 p. ilustr	<b>304</b>
<b>BC. 13</b>	SLENES, R. W.. <b>Na senzala, uma flor: esperanças e recordações</b>	<b>57</b>

	na formação da família escrava, Brasil sudeste, século XIX. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999. 299 p. -- (Coleção Histórias do Brasil)	
<b>BC. 14</b>	CORTI, L. <b>Beni culturali</b> : standards di rappresentazione, descrizione e vocabulário. Modena: Franco, Cosimo e Panini, 1992.	<b>175</b>
<b>BC. 15</b>	FERREZ, H.; BIANCHINI, M.H.S. <b>Thesaurus para acervos museológicos</b> . Fundação Nacional Pró-Memória, Rio de Janeiro, v.1, 1987. 86p. (série técnica)	<b>2237</b>
<b>BC. 16</b>	COELHO, Marisa Colmago. Tesouro do Folclore e Cultura Popular Brasileira. Disponível em <a href="http://www.cnfcp.gov.br/tesouro/sistematica.html">http://www.cnfcp.gov.br/tesouro/sistematica.html</a> Acesso em set. 2014	<b>2193</b>
<b>Total</b>		<b>6848</b>

Fonte: Autoria Própria (2014)

Os bancos de conceitos BC.15 e BC.16 são os que foram inseridos posteriormente junto ao grupo de conceitos levantados para a construção da taxonomia. Ambos são linguagens controladas que contemplam categorias e conceitos que fazem parte do nosso universo e da nossa temática de pesquisa.

Conforme apresentado no quadro 6, o banco de conceitos 15 representa a estrutura hierárquica do tesouro “Thesaurus para Acervos Museológicos” desenvolvido pelas pesquisadoras Helena Dodd Ferrez e Maria Helena S. Bianchini (1987) em parceria com o Museu Histórico Nacional, afim de suprir a necessidade de organizar e sistematizar o enorme “tesouro” que tal museu possui. Este tesouro surgiu em razão de que as museólogas sentiram a falta de estudos e incentivos voltados para a construção e sistematização de instrumentos que tornassem a recuperação da informação dos acervos museológicos mais eficientes. Elas afirmam que esta situação ocorre na Museologia por conta de não considerarem os acervos museológicos fontes de informação, e que a sacralização dos objetos resultou em que os mesmos fossem vistos mais pelo seu valor artístico e financeiro do que pelo seu valor informacional e memorial. Outro fator relevante para sua criação foi a falta de exploração de seus valores informativos, enquanto objetos museológicos, o que favorecia o não reconhecimento dos mesmos como fonte de informação na instância museológica.

As autoras asseguram que estes objetos

[...] ao contrário de um livro, de um artigo de periódico, de uma carta, enfim, dos documentos textuais/bibliográficos, não detêm em si, geralmente, nenhuma informação legível. Não possuem, por exemplo, uma folha de rosto para orientar os catalogadores. Além disso, o número de categorias de dados a serem recuperados é muito grande. Novamente, à diferença de um livro, não basta recuperar informação relativas a autor, título e assunto. Dados quanto a material, técnicas, dimensões, local e data de produção, estado de conservação, estilo, peso, procedência etc. são igualmente fundamentais para os pesquisadores. (FERREZ; BIANCHINI, 1987, p. 16).

Baseando-se nos métodos de construção de taxonomias, apresentados por González (2011), em que pode-se fazer a reutilização de estruturas já prontas complementando-as, a fim de economizar tempo e esforços, optamos por utilizar a estrutura hierárquica desenvolvida pelas autoras pois verificamos a temática similar com as nossas necessidades e a partir desta estrutura, alimenta-la com os conceitos que levantamos.

Outro banco de conceitos elaborado, o 16, contempla termos do Tesouro do Folclore e da Cultura Popular Brasileira, nos interessou principalmente por trazer a perspectiva do patrimônio imaterial. Dos 16 bancos de conceitos, selecionamos seis para utilizarmos no desenvolvimento e elaboração da taxonomia. Esta seleção se deve ao fato de termos identificado grande semelhança entre alguns bancos de conceitos e também por termos identificado a não pertinência de alguns bancos neste momento inicial. Os bancos de conceitos selecionados estão indicados no quadro 7:

**Quadro 7** - Bancos de conceitos escolhidos para serem utilizados na estrutura terminológica e o número total de conceitos utilizados/inseridos

Banco de Conceitos Selecionados	Fonte	Nº de Conceitos	Nº de Conceitos Utilizados
<b>BC. 1</b>	Entrevista com seis pesquisadores do projeto de políticas públicas: “Patrimônio Cultural Rural Paulista: espaço privilegiado para pesquisa, educação e turismo.” processo número 07/55999-1 com período de vigência de 2007 a 2012, tendo como Coordenado Geral o Prof. Dr. Marcos Tognon da Universidade de Campinas (Unicamp).	<b>309</b>	<b>196</b>
<b>BC. 2</b>		<b>532</b>	<b>429</b>

	BENINCASA, V. <b>Velhas fazendas:</b> arquitetura e cotidiano nos campos de Araraquara 1830-1930. São Carlos: EdUFSCar, 2003. 403 p.		
<b>BC. 5</b>	<b>Relatório Parcial FAPESP.</b> Projeto de Políticas Públicas Patrimônio Cultural Rural Paulista: Espaço Privilegiado para Pesquisa, Educação e Turismo, processo número 07/55999-1 com período de vigência de 2007 a 2012, tendo como Coordenado Geral o Prof. Dr. Marcos Tognon da Universidade de Campinas (Unicamp). Área Inventário e Documentação.	<b>197</b>	<b>141</b>
<b>BC. 9</b>	Estrutura Hierárquica de conceitos levantados referente à MOBILIÁRIO HISTÓRICO e laborado e estruturado pela pesquisadora Ms. Rosaelena Scarpeline, com ajustes de Prof <sup>a</sup> Dr <sup>a</sup> Luciana de S. Gracioso e Prof <sup>a</sup> Dr <sup>a</sup> Luzia S. Fernandes Costa.	<b>212</b>	<b>201</b>
<b>BC. 15<sup>17</sup></b>	FERREZ, H.; BIANCHINI, M.H.S. <b>Thesaurus para acervos museológicos.</b> Fundação Nacional Pró-Memória, Rio de Janeiro, v.1, 1987. 86p. (série técnica)	<b>2237</b>	<b>1878</b>
<b>BC. 16<sup>18</sup></b>	COELHO, Marisa Colmago. Tesouro do Folclore e Cultura Popular Brasileira. Disponível em <a href="http://www.cnfcp.gov.br/tesouro/sistemica.html">http://www.cnfcp.gov.br/tesouro/sistemica.html</a> Acesso em set. 2014	<b>2193</b>	<b>794</b>
<b>Total</b>		<b>5680</b>	<b>3639</b>

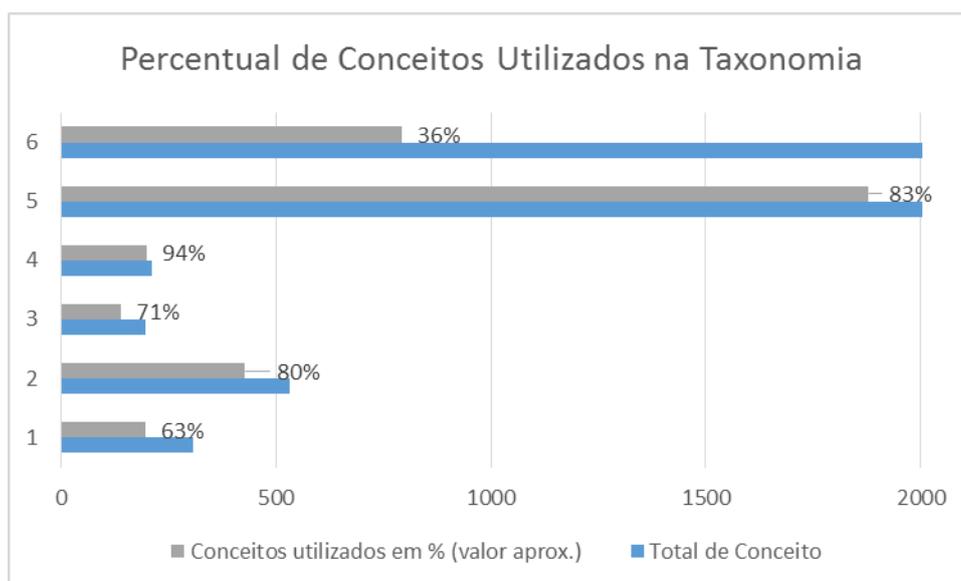
Fonte: Autoria Própria (2014)

O processo de seleção de termos utilizados, se pautou na relevância e frequência e ocorrência nos bancos formulados. O quadro 7, quantifica os termos selecionados de cada banco conceitual criado. Na figura 7, visualizamos, em dados percentuais, a quantidade de conceitos que foram selecionados para serem inseridos na taxonomia.

<sup>17</sup> BC. 15 - Lista Hierárquica. Existem termos repetidos, mas que dentro da estrutura representam significados diferentes conforme a categoria inserida.

<sup>18</sup> BC. 16 - Os termos do Tesouro Folclórico constam em mais de 2000 em lista alfabética, porém nosso interesse é na utilização das principais categorias gerais e primeiras subcategorias apresentados na estrutura hierárquica.

**Figura 7 – Percentual de Conceitos Inseridos na Taxonomia**

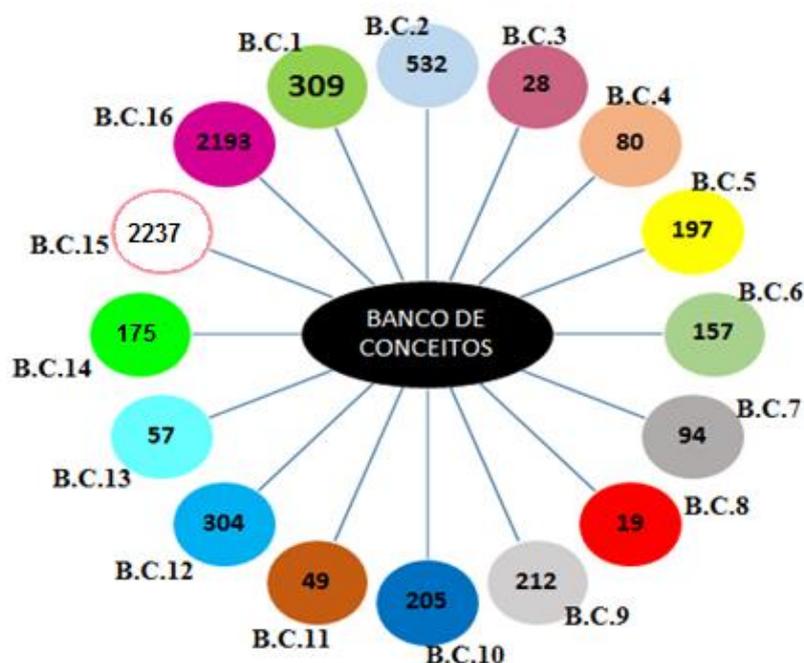


**Fonte:** Autoria Própria (2014)

Dentro dos seis bancos selecionados, foram escolhidos os termos preferidos para serem inseridos na taxonomia. Neste processo de seleção, apareceram novas ocorrências de semelhanças de termos entre os bancos de conceitos. Resultando em nova uma seleção de termos pertinentes, removendo de alguns bancos de conceitos, termos que se repetiam em outros bancos, optando por considerar apenas o termo em um banco de conceitos, o que ocasionou a redução apresentada no quadro 7 e figura 7.

Em relação a estrutura taxonômica que desenvolvemos, optamos por inicialmente utilizar de ferramentas básicas, como a planilha de textos Word por seguir uma orientação dos desenvolvedores do MV, vislumbrando posterior migração desta estrutura para outra interface. Devido ao número de termos utilizados (3639), optamos, nesta etapa inicial por destacá-los na estrutura hierárquica com cores e formas que diferenciasses os bancos do qual foram retirados. Este recurso não consta em nenhuma metodologia teoricamente definida, porém achamos que, neste primeiro momento (no qual usamos a planilha Word) seria necessário utilizarmos este recurso de apoio. Na figura 8, apresentamos a diferença de cores utilizadas em cada banco de conceitos.

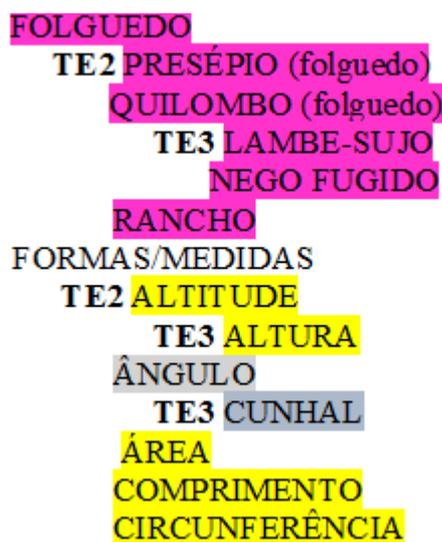
Figura 8 – Banco de Conceitos Classificados por Cores



Fonte: Autoria Própria (2014)

A seguir exemplificamos algumas relações hierárquicas estabelecidas na taxonomia sugerida com os devidos destaques de cores:

Figura 9 – Exemplo de relações hierárquicas inseridas na taxonomia a partir dos bancos de conceitos com exemplificação no uso de cores.



Fonte: Autoria Própria (2014)

**Figura 10** – Exemplos de categorias existentes no Thesouro para Acervos Museológicos

*ARMÁRIO DE CANTO*  
*ARMÁRIO DE SACRISTIA*  
**ARMÁRIO PARA PARTITURA**  
*BIBLIOTECA*  
*TE4 PAPELEIRA-BIBLIOTECA*  
*CRISTALEIRA*  
**GUARDA CASACA**  
*GUARDA-COMIDA*  
*GUARDA-LOUÇA*  
*GUARDA-ROUPA*  
*MEDALHEIRO*  
*ORATÓRIO*  
*TE4 ORATÓRIO DE CANTO*  
*ORATÓRIO PORTÁTIL*  
**SAPATEIRO (Móvel)**

**Fonte:** Autoria Própria (2014)

Nas figuras 9 e 10, os termos grifados por cores representam cada banco de conceitos no qual cada foram levantados. Os termos que não possuem cores e que estão em *itálico*, como os exemplos da figura 10, são os que fazem parte do Thesouro para Acervos Museológicos, o mesmo foi ponto de partida para a inserção dos outros termos. Devido ao grande volume de termos, a estrutura da taxonomia consta como APÊNDICE 2 no final deste trabalho.

Faz-se necessário um importante esclarecimento neste momento. A taxonomia que sugerimos como resultado deste trabalho, composta por aproximadamente 3640 termos, não esgota todas as ações previstas na Norma ANSI/ NISO Z39.19-2005. A definição sobre termos preferidos, especificamente, não está finalizada uma vez que se pretende, ao dar continuidade ao desenvolvimento da pesquisa, promover a validação e a participação dos especialistas e da comunidade nesta ação. Também salientamos, que a estrutura inicial que apresentaremos é uma primeira etapa da fase de desenvolvimento da taxonomia. É importante a compreensão de que uma estrutura de tamanha extensão e complexidade, necessita de vários profissionais da informação e mais tempo para ser desenvolvida. De todo modo, frisamos a nossa compreensão de que o ponto de partida que evoca a construção deste instrumento de linguagem é o potencial usuário do MV. Deste modo, o MV deve refletir as necessidades de seus usuários na busca de

informações. Neste caso as necessidades podem ser amplas, já que o público alvo é dos mais variados, como pesquisadores e especialistas, fazendeiros, estudantes, trabalhadores, enfim, a sociedade como um todo. É preciso selecionar uma linguagem que assegure a comunicação entre o sistema, à informação e o usuário e proporcione de forma confiável o acesso à informação pelos mesmos.

## 7 ANÁLISE DE RESULTADOS E CONSIDERAÇÕES FINAIS

Estudar o contexto do patrimônio histórico brasileiro, ainda mais relacionado às fazendas históricas do interior de São Paulo, não é tarefa simples, e se torna ainda mais desafiadora se pensarmos nas questões relacionadas à delimitação de linguagens e vocabulários que sirvam como instrumentos de organização e representação das informações relacionadas a estes ambientes.

Nosso plano inicial, proposto para o desenvolvimento da pesquisa, teve como objetivo conformar a descrição das pesquisas em desenvolvimento sobre Patrimônio Rural, principalmente as desenvolvidas nos projetos “Patrimônio Cultural Rural Paulista: espaço privilegiado para Pesquisa, Educação e Turismo” e “Critérios e Metodologias para realização de inventário do Patrimônio Cultural Rural Paulista”, que configuraram o referencial teórico de apoio ao estudo do campo da pesquisa. A partir das descrições das pesquisas desenvolvidas, compomos um mapeamento teórico voltado para a compreensão das fazendas históricas quanto patrimônio cultural, pela consideração de que as mesmas se constituem em espaço de memória e cultura social, pois a memória foi reconhecida como um processo importante na formação social e, quando institucionalizada e ritualizada, torna-se patrimônio imaterial importante no contexto social de uma comunidade. Como formadores da memória, a informação e o conhecimento sobrevivem nos espaços destas fazendas e precisam ser regatados, registrados, armazenados e disseminados. Compomos um referencial teórico sobre os estudos desenvolvidos no âmbito da Ciência da informação brasileira que dizem respeito ao desenvolvimento de conceitos, teorias, métodos e instrumentos voltados à descrição, organização e representação da informação, relacionando-os com o campo estudado.

Em relação à consulta de obras especificamente técnicas voltadas à construção de instrumentos de linguagem, retomamos a pesquisa de iniciação científica de Bernardino (2012) para ser o ponto de partida para a construção da taxonomia, pois seus resultados de pesquisa foram um grande banco de conceitos voltados ao contexto dos bens culturais e das fazendas históricas. Além dos termos coletados por Bernardino (2012) também demos especial atenção à publicação “Thesaurus para Acervos Museológicos” de Helena Dodd Ferrez e Maria Helena S. Bianchini (1987), pela mesma possuir muitos conceitos abrangentes no universo das fazendas históricas. Muitos dos

termos constituintes desse instrumento coincidiam com os termos coletados por nossa pesquisa. Esta semelhança nos chamou a atenção, levando-nos a analisar e verificar se a estrutura poderia ser utilizada por nós, assim como, quais termos poderíamos incluir em nossa linguagem. Observamos também sua categorização, a fim de definirmos a inclusão, ou não, de novas categorias. Em relação às categorias, notamos que os termos voltados ao patrimônio imaterial não eram utilizados pelas autoras, assim começamos a delimitar algumas categorias novas dentro da estrutura hierárquica apresentada por elas. Muitos termos e categorias já foram anexados a esta estrutura, sendo que muitos foram removidos por não atenderem nossas necessidades atuais, caracterizadas por questões de temática, de período e de tipos de objetos. É importante retomar que, tendo em vista o fato de que esta pesquisa foi desenvolvida no bojo do projeto FAPESP “Critérios e Metodologias para realização de inventário do Patrimônio Cultural Rural Paulista”, tivemos acesso constante aos especialistas para estruturar a linguagem.

Outro instrumento utilizado foi o Tesouro do Folclore e Cultura Popular Brasileira, da mesma forma que o tesouro para acervos museológicos. Este possui diversos termos e categorias pertinentes a nossa temática, desta forma, achamos importantes acrescentar alguns de seus termos em nossa estrutura.

No que diz respeito às garantias observadas para a coleta de termos que compõe a taxonomia proposta, seguimos os critérios de: Garantia literária (conceitos identificados a partir de ampla pesquisa e análise da literatura e documental) e Garantia de uso (conceitos identificados a partir de entrevistas realizadas com pesquisadores especialistas do assunto). A garantia de uso está prevista para ser contemplada na medida em que o Memória Virtual estará aberto para indicações livre de termos pelos seus usuários que posteriormente serão analisados, incluídos e validados na estrutura taxonômica.

Para a construção da taxonomia utilizamos normas internacionais para Organização e Recuperação da Informação em Ciência da Informação, em específico a ANSI/NISO Z39.19-2005, análise contextualizada pelas abordagens dos Sistemas de Classificação, Listas de Cabeçalhos de Assunto, Taxonomias e Tesouros. Utilizamos as orientações da norma relacionado à construção de Taxonomias, considerando seus elementos constitutivos como ponto de partida para construção da linguagem no domínio das fazendas históricas.

Quanto ao campo CTS, esta pesquisa pretendeu colaborar por meio da construção de um instrumento terminológico que possibilite a organização e

representação da informação dos bens patrimoniais, permitindo a preservação da memória e dos saberes rurais, fornecendo à sociedade o acesso a esse patrimônio e o resgate da memória social de sua comunidade. Espera-se, dessa maneira, estarmos contribuindo para ações preservacionistas - relativas aos bens culturais, à educação patrimonial, ao turismo cultural - e, principalmente, para o estímulo na ordem da pesquisa e do ensino.

Os resultados poderão trazer subsídios diretos para os gestores e proprietários destas fazendas, na medida em que promoverão o acesso ampliado e estruturado sobre a situação atual dos recursos patrimoniais que elas dispõem, permitindo o intercâmbio e a construção de atividades em rede, desenvolvimento de projetos coletivos, aumento da visibilidade sobre a importância do bem patrimonial rural nacional.

No que tange aos aspectos práticos desta pesquisa, considera-se que ainda há muito a se desenvolver, por conta as dificuldades e as especificidades dos processos de construção de Linguagens Documentárias, principalmente na temática do Patrimônio Cultural Rural.

No desenvolvimento desta pesquisa, nos deparamos com alguns desafios e limitações metodológicas. O principal desafio, tem a ver com a necessidade de ajustar metodologias e teorias oriundas da Biblioteconomia e da Ciência da Informação, aplicadas aos contextos multidisciplinares a que pertence o componente histórico. Outro desafio, foi a constatação de que uma linguagem de tamanha extensão e especificidade necessita de um tempo de desenvolvimento maior e de uma equipe de trabalho dedicada exclusivamente ao processo de desenvolvimento.

O grande desafio ao propor uma linguagem de representação de conteúdos relacionados ao patrimônio material e imaterial da história brasileira, é o de que não devemos propor nenhum tipo de controle a priori sobre o uso de qualquer palavra. Todo e qualquer assunto, vivo ou já pertencente ao acervo de memórias de alguma comunidade local, deve ter espaço na estrutura do sistema. Quanto mais pudermos abrir estes recursos, ora entendidos como reguladores, para que a linguagem cotidiana e da memória se manifeste, mais agregaremos conteúdos e valores aos saberes que, de modo muito ínfimo, ousamos a tentar documentar e registrar no Memória Virtual. Considera-se, por fim, que o desafio de estruturar, em um primeiro momento, um vocabulário capaz de representar conteúdos de natureza tão diferentes e, ao mesmo tempo, aproximá-lo do uso cotidiano da linguagem, nessa representação, demonstra ser promissor.

## REFERÊNCIAS

AGÊNCIA FAPESP. **Resultados da chamada FAPESP-Condephaat**, 2011. Disponível em: [http://agencia.fapesp.br/resultados\\_da\\_chamada\\_fapespcondephaat/14704/](http://agencia.fapesp.br/resultados_da_chamada_fapespcondephaat/14704/)> Acesso em: 22 nov. 2014.

AGANETTE, E.; ALVARENGA L.; SOUZA, R. R. Elementos constitutivos do conceito de taxonomia. **Inf. & Soc.**, v.20, n.3, 2010, p. 77-93. Disponível em: <<http://www.ies.ufpb.br/ojs/index.php/ies/article/view/3994>> Acesso em: 30 nov. 2014.

ALMEIDA, M. R. **Padrão de Descrição de Informação**: avaliação da capacidade representacional de bens materiais. São Carlos, UFSCar, 2014. 145 p. Dissertação (Mestrado em Ciência, Tecnologia e Sociedade). Universidade Federal de São Carlos, 2014.

AZEVEDO NETTO, C.X. Informação e patrimônio arqueológico: formação de memórias e construção de identidades. **ANCIB - ENANCIB**, São Paulo, 9, 2008. Disponível em:<<http://repositorios.questoesemrede.uff.br/repositorios/bitstream/handle/123456789/802/10.pdf?sequence=1>> Acesso em: 18 ago. 2013.

**ANSI/NISO Z39.19-2005**: guidelines for the construction, format, and management of monolingual controlled vocabularies. Bethesda: NISO, 2005. 172 p.

BARITÉ, M. et. al. Garantia literária: elementos para uma revisão crítica após um século. **TransInformação**, Campinas, v. 22, n. 2, p. 123-138, maio./ago. 2010. Disponível em: <http://periodicos.puccampinas.edu.br/seer/index.php/transinfo/article/view/490>>. Acesso em: 15 abr. 2014.

BAZZO, W. A.; VON LINSINGEN, I.; PEREIRA, L. T. V. O que são e para que serve os estudos CTS. In: Congresso brasileiro de ensino de engenharia, 28., 2000, Ouro Preto, COBENGE. **Anais...** Ouro Preto: ABENGE, 2000.

BAZZO, W. A. et al. **Introdução aos estudos CTS (Ciência, Tecnologia e Sociedade)**. Madrid: OEI, 2003.

BEGHTOL, C. Semantic validity: concepts of warrant in bibliographic classification systems. **Library Resources & Technical Services**, v. 30, n. 2, p. 109-123, 1986.

\_\_\_\_\_. Domain analysis, literary warrant and consensus: the case of fiction studies. **Journal of the American Society for Information Science**, v. 46, n. 1, p. 30-44, 1995.

\_\_\_\_\_. A proposed ethical warrant for global knowledge representation and organization systems. *Journal of Documentation*. London: Aslib., 2002. v. 58, n. 5, p. 507-532.

BERNARDINO, M. C. **Organização do conhecimento do contexto das fazendas históricas do estado de São Paulo**: indicações gerais para a construção de linguagens de representação da informação. Trabalho de Conclusão de Curso (graduação). Universidade Federal de São Carlos. São Carlos, 2012.

BOCCATO, V. R. C. Os sistemas de organização do conhecimento nas perspectivas atuais das normas internacionais de construção. **InCID: R. Ci. Inf. e Doc.**, Ribeirão Preto, v. 2, n. 1, p. 165-192, jan./jun. 2011. Disponível em:<<http://www.revistas.usp.br/incid/article/view/42340>> Acesso em: 15/10/2013.

\_\_\_\_\_. **Avaliação do uso de linguagem documentária em catálogos coletivos de bibliotecas universitárias**: um estudo sociocognitivo com protocolo verbal. Marília: UNESP, 2009. 301 f. Tese (Doutorado em Ciência da Informação). Universidade Estadual Paulista, 2009.

BOCCATO, V.R.C.; RAMALHO, R.A.S.; FUJITA, M.S.L. A contribuição dos tesouros na construção de ontologias como instrumento de organização e recuperação da informação em ambientes digitais. **IBERSID**. 2008, p. 199-209. Disponível em:<<http://ibersid.eu/ojs/index.php/ibersid/article/view/2235>> Acesso em: 15 set. 2014.

BOCCATO, V. R. C.; TARTAROTTI, R. C. D. E. O campo Ciência, Tecnologia e Sociedade (CTS) e suas perspectivas dialógicas com a Ciência da Informação (CI) à luz da área de organização e representação do conhecimento (ORC): algumas reflexões. In: XIV ENANCIB-Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação, 14., 2013, Florianópolis. **Anais...** Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 2013. Disponível em:<<http://enancib2013.ufsc.br/index.php/enancib2013/XIVenancib/paper/viewFile/171/415>>. Acesso em: 25 mai 2014.

BORGES, M. E. N. et al. Estudos cognitivos em ciência da informação. **Encontros Bibli: Revista Eletrônica de Biblioteconomia e Ciência da Informação**, Florianópolis, vol. 8, n. 15, 2003, p. 1-17. Disponível em:<<http://www.periodicos.ufsc.br/index.php/eb/article/view/166/5232>> Acesso em: 29 abr. 2014.

BRASCHER, M.; CAFÉ, L. Organização da informação ou organização do conhecimento? **ANCIB - ENANCIB**, São Paulo, 9, 2008. Disponível em:< <http://pt.slideshare.net/doritchka/brascher-e-caf-organizacao-da-informao-ou-do-conhecimento>> Acesso em: 15 fev. 2014.

CABRÉ, M. T. **La terminologia** : teoria, metodologia y aplicaciones. Barcelona: Editorial Antártida, 1993.

\_\_\_\_\_. **La terminologia**: representación y communication. Barcelona: Institut Universitari de Linguística Aplicada, 1999.

CAMPOS, A. O Processo classificatório como fundamento das linguagens de indexação. **R. Bibliotecon**. Brasília, v. 6, n. 1, 1978, p. 1-8.

CAMPOS, A. T. Linguagens documentárias. **R. Bibliotecon**, Brasília, v. 14, n. 1, p. 85-88, jan./jun. 1986.

CAMPOS, M. L. A. **Linguagem documentária**: teorias que fundamentam sua elaboração. Niterói, EDUFF, 2001. 133 p.

CAMPOS, M. L. A.; GOMES, H. E. Metodologia de elaboração de tesauro conceitual: a categorização como princípio norteador. **Perspect.ciênc.inf.**, Rio de Janeiro, v. 11, n. 3. p. 348-359, set./dez. 2006. Disponível em:< [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1413-99362006000300005](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-99362006000300005) > Acesso em: 10 nov. 2013.

\_\_\_\_\_. Taxonomia e classificação: o princípio de categorização. **DataGramZero**, v.9, n 4, ago. 2008. Disponível em:< [http://www.dgz.org.br/ago08/Art\\_01.htm](http://www.dgz.org.br/ago08/Art_01.htm)> Acesso em: 10 nov. 2013.

CAMPOS, M. L. A. et. al.. Estudo comparativo de softwares de construção de tesauro. **Perspect.ciênc.inf.**, Rio de Janeiro, v. 11, n. 1, p. 68-81, jan./abr. 2006. Disponível em:< <http://www.scielo.br/pdf/pci/v11n1/v11n1a06>> Acesso em: 10 nov. 2013.

CAMPOS, M.L.A.; GOMES, H.E. LIRA e OLIVEIRA, L. As categorias de Ranganathan na organização dos conteúdos de um portal científico. **DataGramZero**, v. 14, n. 3, jun. 2013. Disponível em:< [http://www.dgz.org.br/jun13/Art\\_01.htm](http://www.dgz.org.br/jun13/Art_01.htm) > Acesso em: 14 out. 2013.

CERAVOLO, S. M. Memória, arquivos, bibliotecas e museus: algumas reflexões In: MURGUIA, E. I. (org.). **Memória**: um lugar de diálogo para Arquivos, Bibliotecas e Museus. São Carlos: Compacta, 2010. p. 45-58.

CERVANTES, B. M. N. **A construção de tesouros com a integração de procedimentos terminográficos**. Marília: UNESP, 2009. 209 f. Tese (Doutorado em Ciência da Informação). Universidade Estadual Paulista, 2009.

CESARINO, M. A. N.; PINTO, M. C. M. F. Cabeçalho de assunto como linguagem de indexação. **R. Esc. Biblioteconomia**, v. 7, n. 2, 1978, p. 268-288. Disponível em: <<http://www.brapci.ufpr.br/documento.php?dd0=0000001991&dd1=bc565>> Acesso em: 4 nov. 2014.

CINTRA, A. M. M. et al. **Para entender as linguagens documentárias**. 2. ed. rev. e ampl. São Paulo: Polis, 2002.

COSTA, L. S. F. **Critérios e metodologias para realização de inventário do patrimônio cultural rural paulista**: relatório técnico. São Carlos: UFSCar, 2013.

\_\_\_\_\_. Aproximações teórico-conceitual entre as categorias de Ranganathan, o discurso retórico e a narrativa literária. **Pesq. Bras. Ci. Inf.** Brasília, v. 3, n. 1, p. 169-184, jan./dez. 2010. Disponível em: <<http://inseer.ibict.br/ancib/index.php/tpbci/article/view/36/67>> Acesso em: 10 nov. 2013.

COSTA, L. F. C; TOGNON, M.; SCARPELINE, R. O patrimônio arquivístico de antigas fazendas paulistas. **Patrimônio e Memória**, Assis, v. 5, n. 2, p. 98-113, 2009. Disponível em< <http://pem.assis.unesp.br/index.php/pem/article/view/135>> Acesso em: 22 out. 2013.

COSTA, L. S. F.; SCARPINELI, R.; NAKAGAWA, E. Y. Uma proposta teórico-metodológica de inventário patrimonial no contexto das fazendas históricas paulistas. In: Seminário: Preservação do patrimônio agroindustrial - Lugares de Memória, 2., São Carlos. **Anais...** São Carlos, Escola de Engenharia de São Carlos – USP, 2010. CD.

CRIPPA, G. Memória: geografias culturais entre história e ciência da informação. In: MURGUIA, E. I. (org.). **Memória**: um lugar de diálogo para Arquivos, Bibliotecas e Museus. São Carlos: Compacta, 2010. p. 79-110.

CUNHA, M. B.; CAVALCANTI, C. R. **Dicionário de biblioteconomia e arquivologia**. Brasília: Briquet de Lemos, 2008. 451p.

DAGNINO, R. Enfoques sobre a relação Ciência, Tecnologia e Sociedade: Neutralidade e Determinismo. **DataGramZero**. v. 3, n. 6, dez. 2002. Disponível em: <[http://www.dgz.org.br/dez02/Art\\_02.htm](http://www.dgz.org.br/dez02/Art_02.htm)> Acesso em: 16 out. 2013.

DAHLBERG, I. Teoria do conceito. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 7, n. 2, p. 101-07, 1978.

FERREZ, H. D.; BIANCHINI, M. H. S. **Thesaurus para acervos museológicos**. Fundação Nacional Pró-Memória, Rio de Janeiro, v. 1, 1987. 86p. (série técnica).

FOGL, J. Relations of the concepts 'information' and 'knowledge'. **International Fórum on Information and Documentation**, The Hague, v. 4, n.1, p. 21-24, 1979.

FONSECA, M. C. L. **O patrimônio em processo**. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 2005

GALINDO, M. Tecnologia & memória. **Revista do Instituto de Estudos Brasileiros**, Brasil, n. 50, p. 179-190, mar. 2010. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/rieb/article/view/34655>>. Acesso em: 25 jul. 2013.

GIL URDICIAIN, B. **Manual de lenguajes documentales**. Madrid: Ed. NOESIS, 2004. 269 p.

GRACIOSO, L. S. **Filosofia da linguagem e ciência da informação: jogos de linguagem e ação comunicativa no contexto das ações de informações em tecnologias virtuais**. Rio de Janeiro: IBICT-UFF, 2008. 176 f. Tese (Doutorado em Ciência da Informação). Universidade Federal Fluminense; Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia, 2008.

GOMES, H. E. (Org.). **Manual de elaboração de tesauros monolíngues**. Brasília: Programa Nacional de Bibliotecas de Instituições de Ensino Superior, 1990.

GOMES, J. M. L. O. **Significações e ressignificações do patrimônio cultural: as fazendas históricas e o turismo nos Campos Gerais do Paraná**. Ponta Grossa, 2007. 148 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais Aplicadas). Universidade Estadual de Ponta Grossa, 2007. Disponível em: <[http://www.livrosgratis.com.br/arquivos\\_livros/cp044487.pdf](http://www.livrosgratis.com.br/arquivos_livros/cp044487.pdf)>. Acesso em: 25 jul. 2013.

GOMES, H. E.; CAMPOS, M. L. A.; GUIMARÃES, L. S. Organização da informação e terminologia: a abordagem onomasiológica. **DataGramaZero – Revista de Ciência da Informação**, v. 11, n. 5, 2010. Disponível em: <[http://www.dgz.org.br/out10/Art\\_03.htm](http://www.dgz.org.br/out10/Art_03.htm)>. Acesso em: 26 nov. 2013.

GONZÁLEZ, J. A. M. **Linguagens documentárias e vocabulários semânticos para a web**: elementos conceituais. Salvador: EDUFBA, 2011. 128 p.

HJØRLAND, B. What is knowledge organization (KO)?. **Knowl. Org.**, v. 35,, n. 2-3, p.86-101, 2008.

ISO 1087. **Terminology work** – vocabulary - Part 1: Theory and application. Switzerland: ISO, 2000.

IZIQUE, C. **Catálogo on-line registrará acervo cultural de fazendas paulistas**. Agência FAPESP, 2014. Disponível em: <[http://agencia.fapesp.br/catalogo\\_online\\_registrara\\_acervo\\_cultural\\_de\\_fazendas\\_paulistas/20037/](http://agencia.fapesp.br/catalogo_online_registrara_acervo_cultural_de_fazendas_paulistas/20037/)> Acesso em: 20 nov. 2014.

KAISER, J. O. **Systematic indexing**. London: Isaac Pitman & Sons, 1911 (The Card System Series, 2).

KOBASHI, N. Y; FRANCELIN, M. M. Conceitos, categorias e organização do conhecimento. **Inf. Inf.**, Londrina, v. 16, n. 3, p. 1-24, jan./jun. 2011. Disponível em:< <http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/informacao/article/view/10390>> Acesso em: 15 out. 2013.

LANCASTER, F. W. **Construção e uso de tesouros**: curso condensado. Tradução de César Almeida de Meneses Silva. Brasília: IBICT, 1987. 114 p.

\_\_\_\_\_. **Indexação e resumos**: teoria e prática. 2. ed. Brasília: Briquet de Lemos, 2004.

LANGRIDGE, D. **Classificação**: abordagem para estudantes de biblioteconomia. Rio de Janeiro: Interciência, 1977.

LARA, M. L. G. Conceitos de organização e representação do conhecimento na ótica das reflexões do grupo tema. **Inf. Inf.** Londrina, v. 16, n. esp., p. 92-121, jan./jun. 2011. Disponível em: <<http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/informacao/article/view/10391>> Acesso em: 09 out. 2013.

LEMOS, C.A.C. **O que é patrimônio histórico**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1981. 115 p.

LIMA, G. A. B. O modelo simplificado para análise facetada de Spiteri a partir de Ranganathan e do Classification Research Group (CRG). **Información, Cultura y Sociedad**, Buenos Aires, n. 11, p. 57-72, 2004. Disponível em: <[http://www.scielo.org.ar/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1851-17402004000200003](http://www.scielo.org.ar/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1851-17402004000200003)> Acesso em: 10 nov. 2013.

LOPES, I. L. Uso das linguagens controlada e natural em bases de dados: revisão da literatura. **Ci. Inf.**, Brasília, v. 31, n. 1, p. 41-52, jan./abr. 2002. Disponível em: <[www.scielo.br/pdf/ci/v31n1/a05v31n1.pdf](http://www.scielo.br/pdf/ci/v31n1/a05v31n1.pdf)> Acesso em: 14 set. 2013.

MEADOWS, A. J. **A comunicação científica**. Brasília: Briquet de Lemos, 1999. 268 p.

MOREIRA, M. P.; MOURA, M. A. Construindo tesouros a partir de tesouros existentes: a experiência da TCI-Tesouro em Ciência da Informação. **DataGramaZero**, v. 7, n. 4, 2006. Disponível em: <[http://www.dgz.org.br/ago06/Art\\_01.htm](http://www.dgz.org.br/ago06/Art_01.htm)> Acesso em: 15 out. 2013.

MURGUIA, E. I. A memória e sua relação com os arquivos, bibliotecas e museus. In: \_\_\_\_\_. **Memória: um lugar de diálogo para Arquivos, Bibliotecas e Museus**. São Carlos: Compacta, 2010. p. 11-32.

NAKAGAWA, E. Y.; COSTA, L. S. F.; SCARPINELLI, R. Fazendas históricas paulistas do século XVIII e XIX: premissas teóricas e metodológicas para inventariar bens patrimoniais. **Resgate**, Campinas, v. 18, n. 20, 2010, p. 37-53. Disponível em: <<http://www.cmu.unicamp.br/seer/index.php/resgate/article/view/305/301>>. Acesso em: 22 out. 2013

NASCIMENTO, R. M. O patrimônio rural no oeste paulista: tombamento da fazenda Santa Sofia, 1989-1992. **Cultura Histórica & Patrimônio**, v. 1, n. 2, p. 30-44, 2013. Disponível em: <[http://publicacoes.unifal-mg.edu.br/revistas/index.php/cultura\\_historica\\_patrimonio/article/view/02\\_art\\_v1n2](http://publicacoes.unifal-mg.edu.br/revistas/index.php/cultura_historica_patrimonio/article/view/02_art_v1n2)> Acesso em 15 dez. 2013.

NEVES, A. P. das, 1919- 2004. **São Carlos na esteira do tempo**. São Paulo: EdUFSCAR, 2007. 103 p. -- (Coleção Nossa História)

PIEIDADE, M. A. R. **Introdução à teoria da classificação**. Rio de Janeiro: Interciência, 1983.

PINHO, F. A. **Aspectos éticos em representação do conhecimento em temáticas relativas à homossexualidade masculina:** uma análise da precisão em linguagens de indexação brasileiras. Marília, UNESP, 2010. 149 f. Tese (Doutorado em Ciência da Informação). Universidade Estadual Paulista, 2010.

POZZI, M. The concept of „concept“ in terminology: a need for a new approach. In: **Proceedings of International Conference on Terminology and Knowledge Engineering TKE'99**, 5, 1999, Innsbruck. Viena: TermNet, 1999. p. 28-42

OLIVEIRA, G. G. **Parâmetros sociocognitivos de construção de instrumento de representação temática da informação de áreas técnico-científicas.** São Carlos, UFSCar, 2013. 153 f. Dissertação (Mestrado em Ciência, Tecnologia e Sociedade). Universidade Federal de São Carlos, 2013.

RAMALHO, R. A. S. Web Semântica: aspectos interdisciplinares da gestão de recursos informacionais no âmbito da Ciência da Informação. 2006. 120 f. Disponível em: <<http://www.cpap.embrapa.br/teses/online/DST14.pdf>> Acesso em: 23 nov 2014.

RANGANATHAN, S. R. **Philosophy of library classification.** Copenhagen: Ejnar Munksgaard, 1951.

\_\_\_\_\_. **Prolegomena to Library Classification.** Bombay: Asia Publishing House, 1967. 639 p.

RIBEIRO, L. B. Memória: um lugar de diálogo para arquivos, bibliotecas e museus. In: MURGUIA, E. I. (org.). **Memória:** um lugar de diálogo para Arquivos, Bibliotecas e Museus. São Carlos: Compacta, 2010. p. 33-34.

SALES, L. F. (2006). **Ontologias de domínio:** estudo das relações conceituais e sua aplicação. 2006. Niterói: IBICT-UFF, 2006. Dissertação de Mestrado.

SALES, R. **A presença de Kaiser no quadro teórico do tratamento temático da informação (TTI).** Marília, UNESP, 2012. 190f. Tese (Doutorado em Ciência da Informação). Universidade Estadual Paulista. 2012.

SANTOS, R. N. M.; ELIEL, R. A.; ELIEL, O. A ciência e o novo estado do conhecimento: a contribuição da ciência da informação. **Encontros Bibli: Revista Eletrônica de Biblioteconomia e Ciência da Informação**, Florianópolis, vol. 11, n. 22, 2006, p. 16-29.

SANTOS, V. C. R.; MARTELETO, R. M.. Cultura, identidade e memória: uma leitura informacional dos museus históricos em ambientes comunitários. In: VI **ENANCIB**- Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação, 2005, 15 p. Disponível em :< [http://www.ancib.org.br/media/dissertacao/GT3\\_Santos\\_Marteleto.pdf](http://www.ancib.org.br/media/dissertacao/GT3_Santos_Marteleto.pdf)> Acesso em: 23 jul. 2013.

SCARPELINE, R. Lugar de morada *versus* lugar de memória: a construção museológica de uma Casa Museu. **Revista Musear**, n. 1, p. 77-91, jun. 2012. Disponível em:< <http://www.museologia.ufop.br/musear/wp-content/uploads/2012/06/8-Lugar-de-morada-versus-lugar-de-mem%C3%B3ria-a-constru%C3%A7%C3%A3o-museol%C3%B3gica-de-uma-Casa-Museu.pdf>> Acesso em: 15 out. 2013.

SILVEIRA, L. R. **Metodologias, instrumentos e interfaces de organização de fotografias na web**: uma análise na perspectiva do Patrimônio Cultural Rural Paulista. São Carlos, UFSCar, 2014. 210 f. Dissertação (Mestrado em Ciência, Tecnologia e Sociedade). Universidade Federal de São Carlos, 2014.

SIMON, M.L.M. **Semântica e pragmática**. Disponível em: <<http://www.filologia.org.br/viisenefil/10.htm>> Acesso em: 17 fev. 2014.

SMIT, J. W. **Análise documentária**: a análise da síntese. Brasília: IBICT, 1987.  
SVENONIUS, Elaine. **The intellectual foundation of information organization**. Cambridge, MA: MIT Press, 2000.

TÁLAMO, M. F. G. M.; LENZI, L. A. F. Terminologia e documentação: a relação solidária das organizações do conhecimento e da informação no domínio da inovação tecnológica. **DataGramZero**, v. 7, n. 4, ago. 2006. Disponível em: < [www.brapci.ufpr.br/documento.php?dd0=0000003904&dd1=3b507](http://www.brapci.ufpr.br/documento.php?dd0=0000003904&dd1=3b507)> Acesso em 10 nov. 2013

TERRA, J. C. C. et.al. Taxonomia: elemento fundamental para a Gestão do Conhecimento. **Terra Forum**. 2004. Disponível em: < [http://biblioteca.terraforum.com.br/BibliotecaArtigo/libdoc00000102v003taxonomia\\_%20fundamental\\_GC.pdf](http://biblioteca.terraforum.com.br/BibliotecaArtigo/libdoc00000102v003taxonomia_%20fundamental_GC.pdf)> Acesso em: 20 out. 2014.

TOGNON, M. et al. **Patrimônio Cultural Rural Paulista**: espaço privilegiado para pesquisa, educação e turismo: relatório de pesquisa, 2011. Disponível em: <<http://www.arquitetura.eesc.usp.br/sspa/arquivos/pdfs/papers/06501.pdf>>. Acesso em: 20 jun. 2014.

TRUZZI, O. M. S. **Café e indústria**: São Carlos: 1850-1950. São Carlos: UFScar, 1986. 270 p. -- (Monografia; v.1)

VON SIMSON, O. R. D.. Em busca do patrimônio intangível: dificuldades, estratégias e caminhos para a reconstrução do patrimônio imaterial das fazendas históricas paulista. **Resgate**, v. 18, n. 20, p. 88-96, jul./dez. 2010. Disponível em: <<http://www.cmu.unicamp.br/seer/index.php/resgate/article/viewFile/308/304>> Acesso em: 17 out. 2013.

WERTHEIN, J. A sociedade da informação e seus desafios. **Ciência da Informação**. Brasília, v. 29, n. 2, p. 71-77, mai./ago. 2000. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ci/v29n2/a09v29n2.pdf>>. Acesso em: 25 mar. 2014

WÜSTER, E. L'étude scientifique générale de la terminologie, zone frontalière entre la Linguistique, la Logique, l'Ontologie, l'Informatique et les Sciences des Choses. In: RONDEAU, G.; FELBER, F. (Org.). **Textes choisis de terminologie**: I: fondements théoriques de la terminologie. Québec: GIRSTERM, 1981. p. 57-114.

YOGESHWAR, R. S. R. **Ranganathan**: pragmatic philosopher of information Science. Índia, Bharatiya Vidya Bhavan, 2001. 402 p.

ZIMAN, J. M. **Conhecimento Público**. Tradução de Regina Regis Junqueira. Belo Horizonte, Itatiaia; São Paulo, Editora da Universidade de São Paulo, 1979.

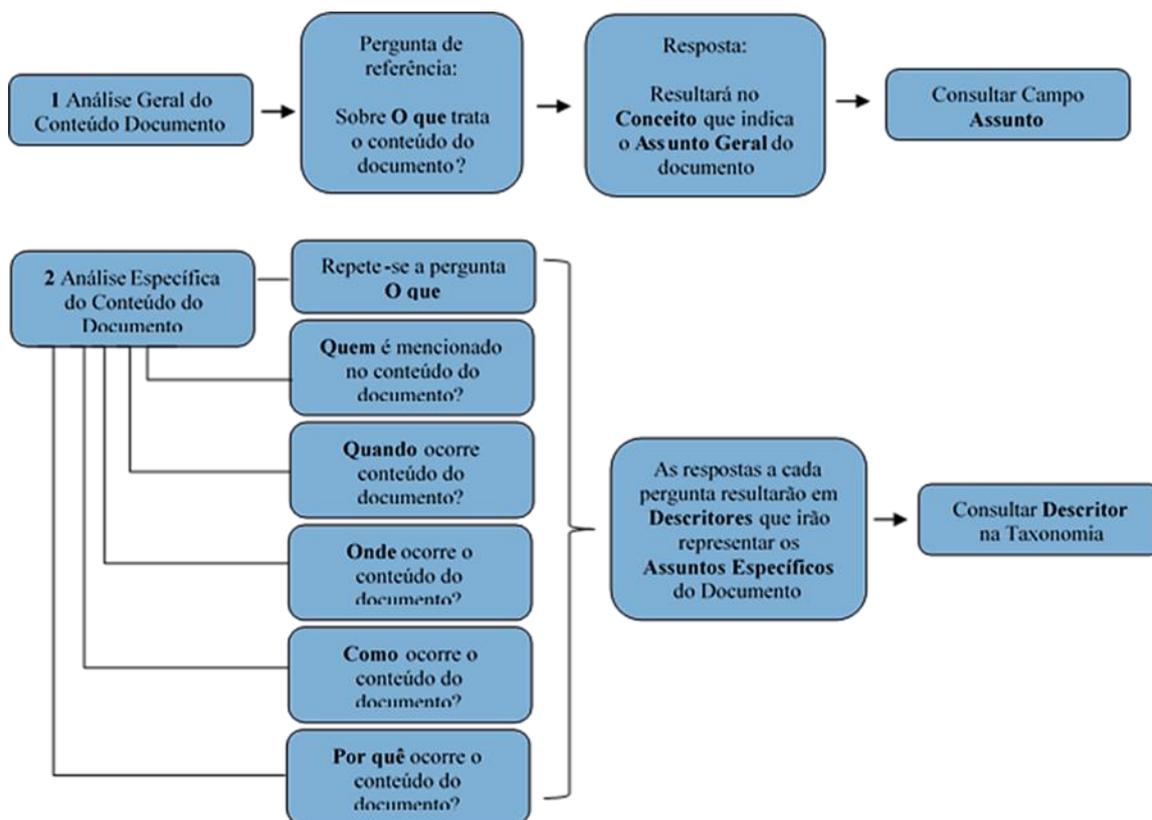
## **APÊNDICE**

## APÊNDICE 1

### Orientações para uso da linguagem para o indexador e para o usuário

Como profissionais da informação, é necessário focarmos não somente na construção da linguagem controlada e sua inserção em um sistema, mas devemos estar cientes de quem irá usa-la, que sistema irá recebe-la e como os próximos profissionais que tiverem acesso a mesma poderão proceder. Por isso, considerando o uso da linguagem no Memória Virtual pelo indexador e pelo usuário, apresentamos abaixo, algumas propostas de orientações para o uso da linguagem, tanto para o indexador quanto para o usuário.

**Figura 11** - Sistemática para delimitação de Assunto e Descritor dos conteúdos cadastrados no Sistema



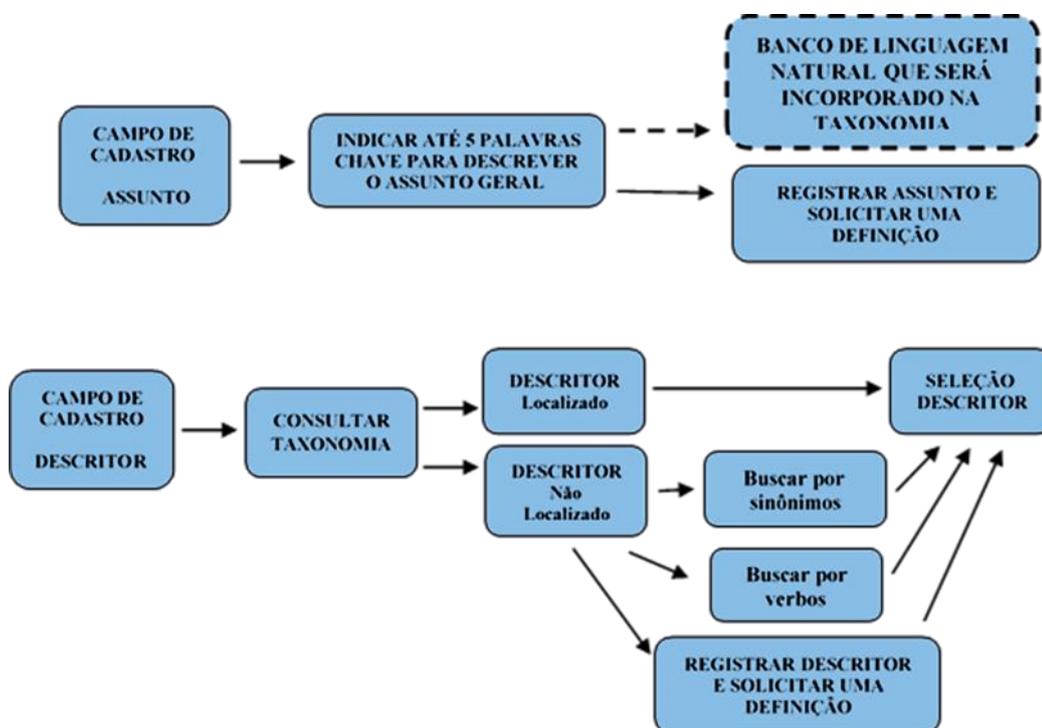
**Fonte:** Autoria Própria (2014)

Na figura 10, propomos orientações básicas para uso do indexador, ou seja, o responsável por indexar a informação do bem patrimonial no sistema, no caso o Memória Virtual. São duas etapas importantes e necessárias que o responsável por

indexar o bem tem que passar, afim de garantir uma boa representação da informação e consequentemente uma recuperação mais exaustiva e profunda.

O indexador deve fazer uma análise do bem que possui e verificar, a partir de perguntas pré-estabelecidas, quais conceitos e descritores a obra tem e através disso, averiguar se a lista de assuntos e taxonomia possuem o os conceitos que representam os assuntos gerais e os descritores que representam os assuntos específicos. Caso o conceito e/ou o descritor não estejam inseridos no sistema, o indexador parte para a próxima etapa, a ser apresentada na figura 11.

**Figura 12 - Sistematização de cadastro de Assunto e Descritor**

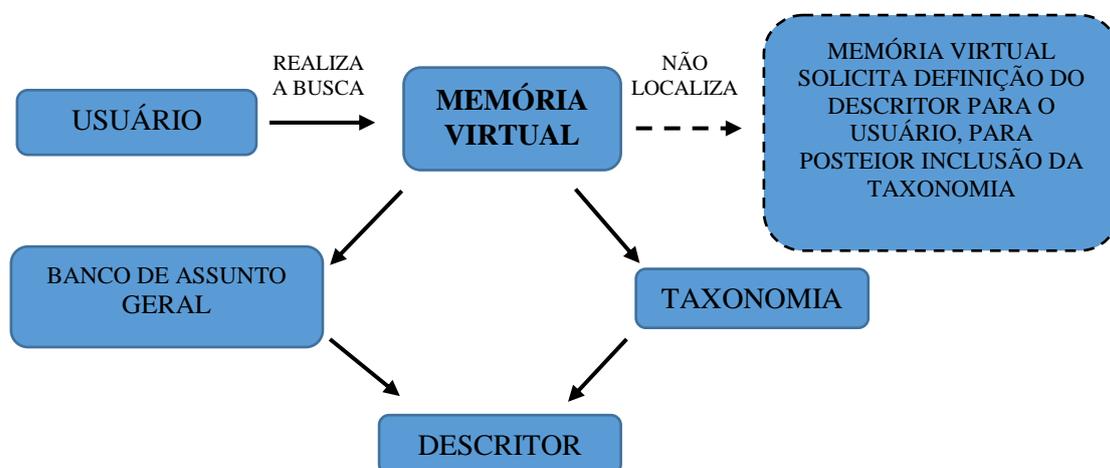


**Fonte:** Aatoria Própria (2014)

Apresentamos na figura 11, sugestões de processo de sistematização de cadastros de Assuntos e Descritores no sistema. Quando o indexador for cadastrar o assunto da obra, o mesmo terá a opção de inserir até cinco palavras-chaves que descrevam genericamente a obra. Na próxima etapa, o sistema verificará o seu banco de linguagem natural e caso nenhum dos termos estejam indexados, o mesmo o incorporará. Ao mesmo tempo que o termo é inserido, o mesmo será registrado e será solicitado uma definição do assunto.

Outra etapa é o cadastro de descritores. O indexador primeiramente deverá consultar a taxonomia existente para saber se o descritor consta ou não registrado no sistema. Caso seja localizado o descritor desejado o indexador seleciona o mesmo. Porém, se o descritor não for localizado serão necessárias algumas etapas. Primeiramente, realiza-se a busca por sinônimos e verbos, caso encontrem, selecionam os mesmos como descritor e depois registra o descritor no qual fez a busca inicial. Se não houver a presença de sinônimos ou verbos, o indexador vai direto para o processo e registrar e solicitar a definição do descritor.

**Figura 13 - Busca do Usuário Final no Memória Virtual.**



**Fonte:** Autoria Própria (2014)

Por fim, a figura 12, vem representar o processo mais esperado, se não o mais importante, do resultado de se indexar uma obra. A busca do usuário. É nesse processo, que é verificado se o documento foi corretamente indexado, se o sistema funciona conforme as necessidades de seu público e se a linguagem existente consegue ser ampla e específica ao mesmo tempo, para seu público final. Nesta fase, o usuário realizará a busca no sistema (Memória Virtual) e o sistema irá fazer uma busca no banco de assunto geral e na taxonomia, caso ele localize o descritor procurado, sua busca será considerada satisfatória. Entretanto, se o descritor não estiver indexado, o sistema solicitará a definição do mesmo para o usuário e posteriormente irá incluir o termo na taxonomia. O sistema deve fornecer outras opções ao usuário para que a busca dele não seja totalmente insatisfatória.

## APÊNDICE 2

### TAXONOMIA DOS SABERES TRADICIONAIS <sup>19</sup>

**TG BEM ARQUITETÔNICO<sup>20</sup> USE PATRIMÔNIO ARQUITETÔNICO<sup>21</sup>**  
**BEM MÓVEL USE PATRIMÔNIO MÓVEL**  
**BEM MÓVEL E INTEGRADO USE PATRIMÔNIO MÓVEL E INTEGRADO**  
**BEM NATURAL**  
**BEM PATRIMONIAL USE PATRIMÔNIO**  
**ASSOCIAÇÃO<sup>22</sup>**  
**TE ASSOCIAÇÃO LIVRE**  
**COMUNIDADE**  
**TE1 COMUNIDADE RELIGIOSA**  
**GRUPO**  
**TE1 GRUPO MUSICAL**  
**INSTITUIÇÃO**  
**TE1 AGREMIAÇÃO**  
**ARQUIVO (Instituição)**  
**TE2 ACERVO**  
**TE3 ACERVO FOTOGRÁFICO**  
**ACERVO HISTÓRICO**  
**ACERVO PARTICULAR**  
**COLEÇÃO**  
**ARQUIVO PÚBLICO**  
**BIBLIOTECA (Instituição)**  
**TE2 ACERVO**  
**TE3 ACERVO BIBLIOGRÁFICO**  
**ACERVO DE PERIÓDICO**  
**ACERVO FOTOGRÁFICO**  
**ACERVO HISTÓRICO**  
**ACERVO PARTICULAR**  
**COLEÇÃO**  
**EDITORA**  
**ESCOLA**  
**IGREJA**  
**TE2 IGREJA CATÓLICA**  
**IRMANDADE**  
**MUSEU (Instituição)**  
**TE2 ACERVO**

<sup>19</sup> Os termos em itálico são do Banco de Conceito 15; Banco de Conceito 5 (Amarelo); Banco de Conceito 2 (Azul); Banco de Conceito 1 (Verde); Banco de Conceito 16 (Rosa); Banco de Conceito 9 (Lilás). Os termos que não estiverem em itálico ou com cores, são termos inseridos pelas autoras, conforme as necessidades apresentadas.

**TE3 ACERVO FOTOGRÁFICO**

COLEÇÃO

GESTÃO DE ACERVO

GESTÃO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO

**CULTURA**

**TE ATIVIDADE RITUAL**

**TE1 ACONTECIMENTO RELIGIOSO USE FESTA RELIGIOSA**

ATIVIDADE MUSICAL

**TE2 ACALANTO**

CANTO CERIMONIAL

CANTO DE BEBIDA

CANTO DE RODA

CANTO DE TRABALHO

CANTORIA DE VIOLA

MODA-DE-VIOLA

MODINHA

TOADA

ATIVIDADE NARRATIVA

BRINCADEIRA

**TE2 ADEDANHA**

AMARELINHA

ANEL

BERLINDA

BURRINHA

CAMA-DE-GATO

CARNIÇA

CORRUPIO (brincadeira)

GUERRA DE ESPADAS

JODO DO PREGO

JOGO ELÁSTICO

JODO-DA-VELHA

MALHAÇÃO DE JUDAS

SERRAÇÃO DA VELHA

TRÊS-MARIAS

UM-DO-LÁ-SI-JÁ

COM BOLA

**TE3 ALERTA**

BOLA NA PAREDE

BOBINHO

CASCUDINHO

CINCO-CORTA

GUDE

LINHA DE PASSES

CABRA-CEGA

GATO MIA

MAMÃO PODRE

PÃOZINHO QUENTE

PIQUE (brincadeira)

COM QUADRAS E PARLENDAS

**TE3 BATATINHA-FRITA**

BOCA-DE-FORNO  
BRINCADEIRA DE RODA  
CADEIRINHA (Brincadeira)  
CHICOTINHO-QUEIMADO  
CORDA (brincadeira)  
DEDO MINDINHO  
ESPADINHA  
ESTÁTUA (Brincadeira)  
GALINHA GORDA (Brincadeira)  
JOGO DE DEDOS  
JOGO DE MÃO  
LENÇO-ATRÁS  
MACAQUINHO GOSTA  
MAMÃE-POSSO-IR  
MANETA  
MARCHA SOLDADO  
CERIMÔNIA  
TE2 CERIMÔNIA RELIGIOSA  
TE3 CANDOMBE (cerimônia)  
CULTO ECUMÊNICO  
CULTO EVANGÉLICO  
FESTA DO MASTRO  
MISSA  
TE4 MISSA CONGA  
MISSA DO VAQUEIRO  
MISSA PEDIDA  
MISSA DO SÉTIMO DIA  
NOVENA  
CORTEJO  
TE2 CORTEJO FÚNEBRE  
CORTEJO RELIGIOSO  
DANÇA  
TE2 DANÇA DE RODA  
DANÇA DE SALÃO  
DANÇA DE TERREIRO  
DANÇA DOS VAQUEIROS  
DANÇA FOLCLÓRICA  
FESTA  
TE2 BAILE  
COMEMORAÇÃO  
FESTA POPULAR  
TE3 CARNAVAL  
FESTA RELIGIOSA  
TE4 ÇAIRÉ (festa)  
FESTA DA SANTA CRUZ  
FESTA DE NOSSA SENHORA  
FESTA DE ORAGO  
FESTA DE SANTO AMARO  
FESTA DE SÃO BENEDITO  
FESTA DE SÃO JOAQUIM

FESTA DE SÃO SEBASTIÃO  
FESTA DO BOM JESUS DOS MARTÍRIOS  
FESTA DO DIVINO ESPÍRITO SANTO  
FESTA DO INHAME  
FESTA DO SANTO PATRONO  
FESTA DO NOSSO SENHOR DO BONFIM  
FESTA JUNINA  
TE5 FESTA DE SANTO ANTÔNIO  
FESTA DE SÃO JOÃO  
FESTA DE SÃO PEDRO

FOLGUEDO

TE2 PRESÉPIO (folguedo)  
QUILOMBO (folguedo)  
TE3 LAMBE-SUJO  
NEGO FUGIDO

RANCHO

FORMAS/MEDIDAS

TE2 ALTITUDE  
TE3 ALTURA  
ÂNGULO  
TE3 CUNHAL

ÁREA

COMPRIMENTO  
CIRCUNFERÊNCIA

DIÂMETRO

ESPAÇO

ESPESSURA

LARGURA

MEDIDA DE CANTO A CANTO

MEDIDA DE ESPESSURA

MEDIDA FRAGMENTADA

MEDIDA GERAL DO BEM ARQUEOLÓGICO

MEDIDA GERAL DO BEM ARQUITETÔNICO

MEDIDA INTEIRA

MEDIR COM PASSOS

PERÍMETRO DA EDIFICAÇÃO

PROFUNDIDADE

VOLUME

TE3 VOLUMETRIA

JOGO (Atividade Ritual)

TE2 CAPOEIRA

TE3 CAPOEIRA DE ANGOLA

CAPOEIRA REGIONAL

JOGO DE AZAR

TE3 CARA-OU-COROA

JOGO DO BICHO

JOGO DO OSSO

TRUCO

VÍSPORA

JOGO DE BOLA

**TE3** BOCHA  
 FUTEBOL  
 MALHA  
 MEDICINA POPULAR  
**TE2** MEDICAMENTO  
**TE3** UNGÜENTO  
 MEDICINA CASEIRA  
 TRATAMENTO DE ANIMAL  
 TRATAMENTO DE DOENÇA  
 PRÁTICA RELIGIOSA  
**TE2** BENZEDURA  
 DEVOÇÃO  
 PRECE  
 REZA  
 SISTEMA DE CRENÇA  
**TE3** CANDOMBLÉ  
 CATOLICISMO POPULAR  
 ESPIRITISMO (kardecista)  
 UMBANDA  
**RITO**  
**TE2** EXORCISMO  
 PROCISSÃO  
 RITO AGRÁRIO  
 RITO DE PASSAGEM  
**TE3** BATISMO  
 CASAMENTO  
 NAMORO  
 RITO DE CALENDÁRIO  
**TE4** ANIVERSÁRIO  
 PASSAGEM DE ANO  
 RITO DE INICIAÇÃO  
 RITO DE NASCIMENTO  
 RITO DE PUBERDADE  
 RITO DE PURIFICAÇÃO  
**TE4** BANHO RITUAL  
**TE5** BANHO DE CHEIRO  
 RITO FÚNEBRE  
**TE4** ENTERRO  
 VELÓRIO  
 RITO DE POSSESSÃO  
 RITO DE SACRIFÍCIO  
**TE3** PENITÊNCIA  
 RITO DE TRANSE  
 RITO PROPICIATÓRIO  
**TE3** OFERENDA  
 PROMESSA  
 ROMARIA  
 TEATRO POPULAR  
 CULTURA CAFEIEIRA USE CAFEICULTURA  
 CULTURA POPULAR

CULTURA REGIONAL  
 CULTURA RURAL  
 CULTURA URBANA  
 EXPRESSÃO POPULAR  
 IDENTIDADE  
   TE1 IDENTIDADE CULTURAL  
 HISTÓRIA  
   TE1 HISTÓRIA DA VIDA  
     HISTÓRIA LOCAL VER CULTURA REGIONAL  
     HISTÓRIA ORAL  
     HISTÓRIA REGIONAL DO BRASIL VER CULTURA REGIONAL  
       TE2 CAMPANHA ANTIESCRAVISTA  
       ECONOMIA AGRÍCOLA PAULISTA  
       GEOGRAFIA REGIONAL  
       TE3 ACIDENTE GEOGRÁFICO  
         HIDROGRAFIA  
         HIDROLOGIA  
       POLÍTICA  
       TE3 REGIME POLÍTICO  
     HISTÓRIA SOCIAL  
 TURISMO  
 MEMÓRIA  
   TE1 LEMBRANÇA USE RECORDAÇÃO  
     MEMÓRIA DO PATRIMÔNIO  
     MEMÓRIA INDIVIDUAL  
     MEMÓRIA PESSOAL  
     MEMÓRIA SOCIAL  
     PROCESSO DE IMERSÃO  
     PROCESSO DE REMEMORAÇÃO  
     RECORDAÇÃO UP LEMBRANÇA  
 MODO DE VIDA  
   TE1 VIDA SOCIAL  
     VIVÊNCIA  
       TE2 VIVÊNCIA COMUNAL  
 MÚSICA  
   TE1 NACIONAL  
 LINGUAGEM  
   TE1 LINGUAGEM COLOQUIAL USE LINGUAGEM POPULAR  
     LINGUAGEM DE PESSOAS USE LINGUAGEM POPULAR  
     LINGUAGEM DE MUSEU  
     LINGUAGEM NATURAL USE LINGUAGEM POPULAR  
     LINGUAGEM POPULAR UP LINGUAGEM DE PESSOAS UP  
 LINGUAGEM COLOQUIAL UP LINGUAGEM NATURAL  
   TE2 LINGUAGEM GESTUAL  
     LINGUAGEM REGIONAL  
       TE3 FALA CAIPIRA  
         LINGUAGEM AFRODESCENTE  
         LINGUAGEM DO IMIGRANTE  
 ORALIDADE  
 VOCABULÁRIO

LITERATURA POPULAR

TE1 ADIVINHA

ANEDOTA

CAUSO

CONTO POPULAR

PROVÉRBIO

LENDA

PARLENDA

POESIA POPULAR

ROMANCEIRO

LITERATURA DE CORDEL

PASQUIM

PATRIMÔNIO UP BEM PATRIMONIAL

TE PATRIMÔNIO ARQUITETÔNICO UP BEM ARQUITETÔNICO UP  
PATRIMÔNIO DE PEDRA E CAL UP PATRIMÔNIO EDIFICADO

TE1 PATRIMÔNIO ARQUITETÔNICO RURAL

PATRIMÔNIO CULTURAL

TE1 PATRIMÔNIO CULTURAL RURAL

PATRIMÔNIO DE PEDRA E CAL USE PATRIMÔNIO ARQUITETÔNICO

PATRIMÔNIO EDIFICADO USE PATRIMÔNIO ARQUITETÔNICO

PATRIMÔNIO HISTÓRICO

TE1 PATRIMÔNIO HISTÓRICO DO ESTADO DE SÃO PAULO

PATRIMÔNIO IMATERIAL

PATRIMÔNIO MATERIAL

PATRIMÔNIO MÓVEL UP BEM MÓVEL

PATRIMÔNIO MÓVEL E INTEGRADO UP BEM MÓVEL E INTEGRADO

PATRIMÔNIO PAISAGÍSTICO

TOMBAMENTO

TG PAISAGEM

TE NATUREZA

TE1 CARACTERÍSTICA AMBIENTAL

TE2 MEIO ANTRÓPICO

RELEVO (característica ambiental)

TERRA BATIDA

TERRA ROXA

TE3 SOLO DE TERRA ROXA

COBERTURA VEGETAL

TE2 COBERTURA VEGETAL ORIGINAL UP MATA VIRGEM

MATA VIRGEM USE COBERTURA VEGETAL ORIGINAL

ECOSSISTEMA

FAUNA

HÍDRICO

TE3 LAGO COM REPUXO D'ÁGUA

RIO

TE4 NASCENTE

RIBEIRÃO

VEGETAÇÃO

TE2 PLANTA

TE3 ALGODOEIRO

ALHO  
ARRUDA  
ÁRVORE COPADA  
BABAÇU  
BAMBU  
BANANEIRA  
TE4 BANANAL  
CAFEEIRO  
TE4 CAFEZAL  
PÉ DE CAFÉ  
CANA-DE-AÇÚCAR  
TE4 CAMPOS DE CANA-DE-AÇÚCAR  
CHÁ  
CEBOLA  
COCA (planta)  
COQUEIRO  
TE4 PALHA DE COQUEIRO  
FIGUEIRA  
FLOR  
FRUTO  
TE4 ABACATE  
ALGODÃO  
AMORA  
BANANA  
CABAÇA  
CAQUI  
COCO (fruto)  
GOIABA  
GRÃO  
TANGERINA  
MAMOEIRO  
MANDIOCA  
TE4 AIPIM  
MANDIOCA-BRAVA  
MATE  
MILHO  
PAU-BRASIL  
PIMENTA  
TE4 PIMENTA-DA-ÁFRICA  
PIMENTA-DO-REINO  
PIMENTA-MALAGUETA  
PLANTA AROMÁTICA  
PLANTA MEDICINAL  
TE4 BELDROEGA  
PLANTA PSICOATIVA  
PLANTA SAGRADA  
RAIZ (botânica)  
TE4 BATATA  
RUBIÁCEA  
SERRALHA

SHITAKE  
TABACO  
URTIGA  
MINERAL USE RECURSO MINERAL  
RECURSO MINERAL UP MINERAL  
RESERVA NATURAL  
SÍTIO DA PAISAGEM  
TE1 BOSQUE  
TE2 BOSQUE DE EUCALIPTO  
CERRADO  
MORRO  
PASTO

TG CONSTRUÇÃO/EDIFICAÇÃO

TE ARQUITETURA

TE1 ARQUITETURA BANDEIRISTA

ARQUITETURA BRASILEIRA DO SÉCULO XIX

ARQUITETURA COLONIAL

ARQUITETURA DE TERRA

ARQUITETURA GRECO-ROMANA

ARQUITETURA MINEIRA

ARQUITETURA RURAL

TE2 ARQUITETURA RURAL PAULISTA

TE3 ARQUITETURA RURAL RESIDENCIAL PAULISTA

ARQUITETURA TRADICIONAL

ARQUITETURA VERNACULAR

ESTILO

TE2 ART DÈCO

ART NOUVEAU

ESTILO ARQUITETÔNICO

TE3 DETALHE ARQUITETÔNICO

TE4 DETALHE DA FACHADA

ECLÉTISMO

ESTILO HISTORICISTA

ESTILO MINEIRO UP INFLUÊNCIA MINEIRA

INFLUÊNCIA EUROPÉIA

INFLUÊNCIA MINEIRA USE ESTILO MINEIRO

MODO DE CONSTRUIR USE TÉCNICA CONSTRUTIVA

ORNAMENTO

TE2 PLATIBANDA

MATERIAL

TE2 MATERIAL DE CONSTRUÇÃO

TE3 ARGAMASSA DE CIMENTO E CAL

MATERIAL CONSTRUTIVO DA JANELA

PADRÃO ARQUITETÔNICO

TÉCNICA ARTESANAL DE CONSTRUÇÃO USE TÉCNICA  
CONSTRUTIVA

TÉCNICA CONSTRUTIVA UP MODO DE CONSTRUIR UP TÉCNICA  
ARTESANAL DE CONSTRUÇÃO

**TE2** ADOBE  
 APILOAMENTO MANUAL  
 APROVEITAMENTO DA ÁGUA POR GRAVIDADE  
**TE3** ÁREA DE MEIA ENCOSTA  
 ATERRO  
 CANAL  
**TE4** CANAL DE ÁGUA  
**TE5** ÁGUA ENCANADA  
 CONDUTOR DE ÁGUA PLUVIAL  
 CURVA DE NÍVEL  
 SISTEMA DE CANAIS PARA O ABASTECIMENTO  
 SISTEMA DE DRENAGEM DAS ÁGUAS PLUVIAIS  
 TERRENO INCLINADO  
**CONSTRUÇÃO ARTESANAL**  
**TE3** BARRACO  
 CERCA  
 PALAFITA  
 DINTEL  
 ENXAIMEL  
 PAU-A-PIQUE  
 PÉ DIREITO ALTO  
 TAIPA DE MÃO  
 TAIPA DE PILÃO  
 TAIPA DE SEBE  
 TAIPA DE SOPAPO  
 TÉCNICA CONSTRUTIVA PAULISTA  
 TÉCNICA CONSTRUTIVA TRADICIONAL  
 TÉCNICA MINEIRA DE CONSTRUIR  
 TERRAPLENO  
 TESOURA DE MADEIRA (Construção)  
**TE3** ESTRUTURA DE TELHADO  
**TORRÕES (Técnica)**  
**CONSTRUÇÃO COLONIAL**  
**EDIFICAÇÃO**  
**TE1** EDIFICAÇÃO RURAL  
**TE2** CONJUNTO RURAL  
 ESTRUTURA/FRAGMENTO DE CONSTRUÇÃO  
**TE2** ALDRAVA  
 ALICERCE  
**TE3** ALICERCE DE PEDRA  
 ALVENARIA  
**TE3** ALVENARIA DE PEDRA  
 ALVENARIA DE TIJOLO  
 MÓVEL INTEGRADO NA ALVENARIA  
 ALTAR  
**TE3** RETÁBULO  
 ARCO (Construção)  
 ARMADOR DE REDE

ATLANTE  
AZULEJO  
BALAUSTRADA  
BALAUSTRE  
BANDEIRA DE JANELA/PORTA  
TE3 ALPENDRE  
ALPENDRE PARA CAVALOS DA MOENDA  
BEIRAL  
CAIXA DE LUZ  
CALHA  
CAPELA (*Fragmento*)  
CAPITEL  
CARIÁTIDE  
CARTELA  
CHAVE DE PORTA  
CIMALHA  
COLUNA  
COROAMENTO  
CORUCHÉU  
DEGRAU  
DOBRADIÇA  
DORMENTE  
ESFERA ARMILAR (*Ornato*)  
ESPELHO DE FECHADURA  
FECHADURA  
FERRAGEM  
FIAÇÃO ELÉTRICA  
FLORÃO  
FORRO  
FRISO  
FRONTAL  
GRADE  
TE3 GRADIL  
JANELA  
TE3 FOLHA VENEZIANA  
JANELA ALMOFADADA  
JANELA DE ABRIR COM VIDRO MAIOR  
JANELA DE GUILHOTINA  
LAJOTA VER TIJOLO  
TE3 LAJE DE PEDRA  
LAJOTA DE BARRO COZIDO  
MAÇANETA  
MADEIRA  
MANIVELA  
MÍSULA  
MURO  
TE3 MURO DE ARRIMO DE PEDRA  
NICHOS  
PAPÉL DE PAREDE

PAREDE  
TE3 ESTRUTURA DA PAREDE  
TE4 ESTRUTURA DE TIJOLO  
PAREDE AUTO-PORTANTE  
PAREDE DE ALVENARIA DE PEDRA  
PAREDE DE PAU-A-PIQUE USE PAREDE DE TAIPA  
PAREDE DE TAIPA UP PAREDE DE PAU-A-PIQUE  
TE4 PAREDE DE TAIPA DE MÃO

PEDRA  
PEÇA HIDRÁULICA  
PEÇA VERTICAL ESTRUTURAL  
PEITORIL  
PIA RITUAL  
TE3 PIA BATISMAL  
PIA DE ÁGUA BENTA  
PINHA  
PISO  
TE3 ASSOALHO  
AZULEJO  
LADRILHO  
TE4 LADRILHO HIDRÁULICO  
PISO DE MADEIRA

PLINTO  
PORTA  
TE3 PORTA ALMOFADADA  
PORTÃO  
OMBREIRA (Porta)  
PORTAL  
TE3 PORTEIRA  
PRENDEDOR DE CORTINA  
PÚLPITO  
PUXADOR DE PORTA/JANELA  
RETÁBULO  
RÓTULA  
SACADA  
SANEFA  
TÁBUA DE ASSOALHO  
TALHA (Ornato)  
TELHA  
TE3 CUMEEIRA  
TELHA CAPA  
TELHA DE BARRO

TIJOLO  
TE3 TIJOLO DE BARRO COZIDO  
TRANCA  
TRANQUETA  
TE3 FERROLHO  
TRINCO  
TRILHO DE TREM  
VIDRO

**TE3 VIDRAÇA**  
**VITRAL**

**IMÓVEL**

**LUGAR**

**TE1 CARTÓRIO**

**CEMITÉRIO**

CHALÉ EUROPEU

COLÔNIA

COMÉRCIO

COMPANHIA DE BONDE

COMPANHIA DE LUZ ELÉTRICA

COMPANHIA DE TELEFONE

ESTABELECIMENTO RURAL

**TE2 ABRIGO UP ABRIGADA**

**ABRIGADA USE ABRIGO**

ARMAZÉM DO AÇÚCAR

ARQUIVO (Particular)

**TE3 ACERVO**

**ACERVO FOTOGRAFICO**

**ACERVO HISTÓRICO**

ACERVO PARTICULAR

COLEÇÃO

**BIBLIOTECA** (Particular)

**TE3 ACERVO**

**TE4 ACERVO BIBLIOGRÁFICO**

**ACERVO DE PERIÓDICO**

**ACERVO FOTOGRAFICO**

**ACERVO HISTÓRICO**

ACERVO PARTICULAR

COLEÇÃO

**CASA UP MORADA UP MORADIA UP HABITAÇÃO**

**TE3 CASA DE BAGAÇO**

CASA DE CAFÉ

**CASA DE FARINHA**

**CASA DE MÁQUINAS**

CASA DE PURGAR

CASA DE ENGENHO **USE ENGENHO**

CASA RURAL

**TE4 CASA RURAL CAFEZISTA**

CASA DO ADMINISTRADOR **USE CASA DO FEITOR**

**CASA DO CAPATAZ USE CASA DO FEITOR**

CASA DO FEITOR **UP CASA DO ADMINISTRADOR**

**UP CASA DO CAPATAZ**

CASA GRANDE **USE CASA SEDE**

**CASARÃO USE CASA SEDE**

**CASA SEDE UP CASA GRANDE UP CASARÃO UP**

NÚCLEO DA FAZENDA

CASA TÉRREA

CÔMODO (Casa)

**TE4 ALA DE SERVIÇO USE ÁREA DE SERVIÇO**

ALCOVA  
ÁREA DE SERVIÇO UP ALA DE SERVIÇO  
BANHEIRO  
COZINHA  
DESPENSA  
PORÃO  
QUARTO DE ARMAZENAR SAL  
QUARTO DE DOCE  
SALA DE ALMOÇO  
SALA DE CHÁ  
SALA DE COSTURA  
SALA DE JANTAR  
SALA DE JOGOS  
SALA DE MÚSICA  
SALA DE VISITA  
SALETA DESTINADA AO CONVÍVIO SOCIAL  
SÓTÃO  
VARANDA  
TERRAÇO  
SOBRADO  
CHAFARIZ  
COCHEIRA  
CONSOLO  
CURRAL  
ENGENHO UP CASA DO ENGENHO  
TE3 ENGENHO DE AÇÚCAR  
ENGENHO NORDESTINO  
ESTÁBULO  
ESTREBARIA  
ESCADARIA  
ESTAÇÃO DE TREM  
TE3 FERROVIA  
LINHA FERROVIÁRIA  
MALHA FERROVIÁRIA  
FAZENDA  
TE3 FAZENDA ANTIGA UP FAZENDA DE ANTIGAMENTE  
FAZENDA CAFEIRA UP FAZENDA DE CAFÉ  
FAZENDA CENTENÁRIA USE FAZENDA ANTIGA  
FAZENDA DE ANTIGAMENTE USE FAZENDA  
ANTIGA  
FAZENDA DE CAFÉ USE FAZENDA CAFEIRA  
FAZENDA HISTÓRICA  
NÚCLEO DA FAZENDA USE CASA SEDE  
NÚCLEO RURAL CAFEIRO  
GARAGEM  
HABITAÇÃO USE CASA  
TE3 HABITAÇÃO DO FAZENDEIRO  
HABITAÇÃO PARA ESCRAVO

HABITAÇÃO PARA TRABALHADOR LIVRE  
 ESCRAVO  
 HOSPEDARIA  
 TE3 HOSPEDARIA DO TROPEIRO  
 JARDIM  
 TE3 CANTEIRO  
 JARDIM À FRANCESA  
 LUGAR SAGRADO  
 TE3 CAPELA  
 IGREJA (lugar sagrado)  
 TERREIRO (lugar sagrado)  
 SANTUÁRIO  
 MORADA USE CASA  
 TE3 MORADIA ESCRAVA  
 OFICINA  
 TE3 OFICINA DE CARPINTEIRO  
 OLARIA  
 PAIÓL  
 PALACETE  
 PARAGEM  
 PAVILHÃO  
 PÁTIO  
 PELOURINHO  
 PIQUETE DE CAVALO  
 PROPRIEDADE  
 SENZALA  
 SERRARIA  
 TANQUE DE LAVAGEM  
 TERREIRO DE SECAGEM DE CAFÉ  
 TE2 PLATAFORMA PARA A SECAGEM DO GRÃO  
 TULHA UP TULHA DE ARMAZENAMENTO  
 TULHA DE ARMAZENAMENTO USE TULHA  
 VIVEIRO DE PLANTA  
 ESTRADA  
 TE2CAMINHO  
 PAVIMENTO  
 IMOBILIÁRIA URBANA  
 TE EQUIPAMENTO HIDRÁULICO  
 TE1 AQUECEDOR DE ÁGUA  
 BANHEIRA  
 TE2 BANHEIRA INFANTIL  
 BANHEIRA PORTÁTIL  
 BICA  
 TE2 TORNEIRA  
 BIDÊ  
 BOMBA-D'ÁGUA  
 CANO  
 TE2 MANILHA  
 CHUVEIRO  
 TE2 CHUVEIRO EM FOLHA DE FLANDRES

PIA  
TE2 LAVABO DE SACRISTIA  
PIA DE BANHEIRO  
PIA DE COZINHA  
REGISTRO D'ÁGUA  
TANQUE (Roupa)  
VASO SANITÁRIO

TG INTERIORES USE OBJETO DECORATIVO E MÓVEL  
OBJETO DE DECORAÇÃO USE OBJETO DECORATIVO E MÓVEL  
OBJETO DECORATIVO E MÓVEL UP INTERIORES UP OBJETO DE  
DECORAÇÃO

TE ACESSÓRIOS DE INTERIORES

TE1 ACESSÓRIO DE LEITO USE ROUPA DE CAMA

TE2 COBERTA USE COBERTOR

COBERTOR UP COBERTA

TE3 MANTA

COLCHA

COLCHÃO

ESTRADO

FRONHA

LENÇOL

TRAVESSEIRO

ALMOFADA

APLIQUE

AROMATIZANTE

ARRANJO FLORAL

TE2 COROA DE FLORES

BENGALEIRO

BIBLIOCANTO

BRAÇADEIRA

CABIDE

TE2 CABIDE DE PAREDE

CACHEPÔ

CAPA DE ALMOFADA

CENTRO DE MESA

CESTA DE LIXO

COFRE PORTÁTIL

TE2 MEALHEIRO

CORTINA

TE2 REPOSTEIRO

DOSEL

ESCARRADEIRA

ESPELHO DE PAREDE

ESTEIRA

JARDINEIRA

LIMPA-PÉS

MOLDURA

PAINEL DECORATIVO

PANO

*PANO DE MÓVEL*  
**TE2 PANO DE MESA UP ROUPA DE MESA**  
**TE3 CAMINHO DE MESA**

*PEANHA*  
*PORTA-RELÓGIO*  
*PORTA-RETRATO*  
*PRATO DECORATIVO*  
*PUXADOR DE CORTINA*  
*REDE*  
*REDOMA*  
**ROUPA DE CAMA UP ACESSÓRIO DE LEITO**  
**ROUPA DE MESA USE PANO DE MESA**  
*SANEFA (Cortina)*  
*SUPORTE DE VASO*  
*TAPEÇARIA*  
*TAPETE*  
*VASO*  
**TE2 FLOREIRA**  
*JARRA*  
*JARRÃO*  
*POTICHE*  
*VASO DE PLANTA*

**TE CONDICIONADOR DE TEMPERATURAS**  
**TE1 APARELHO DE CALEFAÇÃO**  
**TE2 BRASEIRO**  
*ESTUFA*  
*ATIÇADOR*  
*CÃO (Lareira)*  
*CONJUNTO DE LAREIRA*  
*DESUMIDIFICADOR*  
*FOLE*  
*GUARDA-FOGO*  
*PÁ (Lareira)*  
*TENAZ (Lareira)*  
*VASSOURA (Lareira)*

**TE EQUIPAMENTO DE SERVIÇOS DOMÉSTICOS**  
**TE1 ASPIRADOR DE PÓ**  
*BACIA*  
*BALDE*  
*ENCERADEIRA*  
*ESCOVA DE LIMPEZA*  
**TE2 ESCOVÃO**  
*ESPANADOR*  
*ESPONJA DE LIMPEZA*  
*FERRO DE PASSAR*  
*LATA DE LIXO*  
*PÁ DE LIXO*  
*PANO DE LIMPEZA*  
**TE2 PANO DE CHÃO**  
*PANO DE PÓ*

RODO  
 TÁBUA DE PASSAR  
 TINA (Roupa)  
 VASSOURA  
**TE OBJETO DE ILUMINAÇÃO**  
**TE1 ACESSÓRIO DE LUMINÁRIA**  
**TE2 ABAJUR**  
 ARACAPÁ  
 ARANDELA  
**TE3 BICO DE GÁS**  
 PLACA DE LUMINÁRIA  
 BANDEJA DE ESPEVITADEIRA  
 BOBECHE  
 ESPEVITADEIRA  
 GLOBO (Luz)  
 MANGA  
**TE3 DONZELA**  
 LUMINÁRIA  
**TE2 CANDEEIRO**  
 CANDEIA  
 CASTIÇAL  
**TE3 CANDELABRO**  
 PALMATÓRIA (Luz)  
 TOCHEIRO  
**FACHO**  
 FIFÓ  
 LÂMPADA A GÁS DE CARBURETO  
 LAMPARINA  
**TE3 LAMPARINA DE FORRO**  
**LAMPARINA DE PAREDE**  
 LAMPIÃO  
**TE3 LAMPIÃO DE JARDIM**  
 LAMPIÃO DE RUA  
 LAMPIÃO À QUEROSENE  
 LANTERNA  
 LANTERNA DE PILHA  
 LUMINÁRIA DE MESA  
 LUMINÁRIA DE PÉ  
 LUSTRE  
 TOCHA  
 VELA  
**TE MOBILIÁRIO**  
**TE1 TIPOS DE MOBILIÁRIO**  
**TE2 JOGO DE MOBÍLIA DE SALA DE JANTAR USE MOBILIÁRIO**  
**DE SALA DE JANTAR**  
**MOBILIÁRIO DE COZINHA**  
**MOBILIÁRIO DE DESCANSO**  
**MOBILIÁRIO DE ESCRITÓRIO**  
**MOBILIÁRIO DE JARDIM**  
**MOBILIÁRIO DE LAZER**

MOBILIÁRIO DE SALA DE MÚSICA  
MOBILIÁRIO DE SALA DE JANTAR UP JOGO DE MOBÍLIA  
DE SALA DE JANTAR  
MOBILIÁRIO RELIGIOSO  
**TE1 PEÇA DE MOBILIÁRIO**  
**TE2 ALTAR PORTÁTIL**  
ARCA  
**TE3 ARQUIBANCO**  
BAÚ  
CANASTRA  
ARMÁRIO  
**TE3 ARMÁRIO BAIXO**  
**TE4 APARADOR**  
ARMÁRIO DE CANTO  
ARMÁRIO DE SACRISTIA  
ARMÁRIO PARA PARTITURA  
BIBLIOTECA  
**TE4 PAPELEIRA-BIBLIOTECA**  
CRISTALEIRA  
GUARDA CASACA  
GUARDA-COMIDA  
GUARDA-LOUÇA  
GUARDA-ROUPA  
MEDALHEIRO  
ORATÓRIO  
**TE4 ORATÓRIO DE CANTO**  
ORATÓRIO PORTÁTIL  
SAPATEIRO (Móvel)  
VITRINA-ARMÁRIO  
**TE4 MAQUINETA**  
ARQUIVO (Peça de Mobiliário)  
BANCO  
**TE3 ARQUIBANCO**  
BANCO DE ÁTRIO  
BANCO DE CONVÉS  
BANCO DE IGREJA  
BANCO DE JARDIM  
BANCO DE PIANO  
BANCO DE VAGÃO  
BANCO SEM ENCOSTO DE MADEIRA  
BANQUETA  
ESCABELO (Pés)  
MOCHO (mobiliário)  
TAMBORETE  
**TE4 TAMBORETE DE BRAÇOS**  
TRIPEÇA  
BIOMBO  
CABIDE (Móvel)  
**TE3 CABIDE DE PÉ**  
**TE4 CABIDE DE TERNO**

CADEIRA

**TE3** CADEIRA DE BALANÇO

CADEIRA DE BARBEAR

CADEIRA DE BRAÇOS

CADEIRA DE CAMAROTE

CADEIRA DE CAMPANHA

CADEIRA DE CANTO

CADEIRA DE COSTURA

CADEIRA DE SECRETÁRIA

CADEIRA DOBRÁVEL

CADEIRA-ESCADA

CADEIRA FURADA

**TE4** CADEIRA SANITÁRIA

CONVERSADEIRA

NAMORADEIRA

ESCABELO

ESPREGUIÇADEIRA

FALDISTÓRIO

CADEIRAL

CAMA UP LEITO

**TE3** CAMA DE CASAL UP LEITO DE CASAL

CAMA DE SOLTEIRO UP LEITO DE SOLTEIRO

CAMISEIRO

CARRINHO DE CHÁ

COFRE

CÔMODA

**TE3** ARCAZ

CÔMODA-PAPELEIRA

MEIA-CÔMODA

CONFESSIONÁRIO

CRIADO MUDO USE MESA-DE-CABECEIRA

ESCADA (Móvel)

**TE3** CADEIRA-ESCADA

ESCADA DE BIBLIOTECA

ESCRIVANINHA

ESPELHO BASCULANTE

**TE3** ESPELHO-TOUCADOR

PSICHÊ

ESTANTE

**TE3** CANTONEIRA

ESTANTE DIVISÓRIA

ESTANTE DE LIVROS

ESTANTE DE MÚSICA

ESTANTE DE PARTITURA UP DESCANSO PARA

PARTITURA

FACISTOL

GENUFLEXÓRIO

JARDINEIRA (Móvel)

LEITO USE CAMA

**TE3** BERÇO

**TE4 MÓVEL DE CRIANÇA**  
 CATRE  
 LEITO DE CAMPANHA USE CAMA DE CAMPANHA  
 LEITO DE CASAL USE CAMA DE CASAL  
 LEITO DE SOLTEIRO USE CAMA DE SOLTEIRO  
 LEITO DE VIÚVO USE CAMA DE VIÚVO  
 PREGUICEIRO  
 TE4 MARQUESA  
 RÉCAMIER  
 SOFÁ-CAMA  
 MESA  
 TE3 BANCA  
 TE4 BANCA DE POTE  
 BANCA DE QUEIJO  
 BANCA DE OURIVES  
 BANCA DE SELEIRO  
 CREDÊNCIA  
 LAVATÓRIO  
 MESA DE APOIO  
 MESA-DE-CABECEIRA UP CRIADO MUDO  
 MESA DE CAMPANHA  
 MESA DE CENTRO  
 MESA DE CHÁ  
 MESA DE COSTURA  
 MESA DE COZINHA  
 MESA DE ENCOSTAR  
 TE4 CONSOLE  
 MESA DE JOGO  
 TE4 MESA DE BILHAR  
 MESA DE PINGUE-PONGUE  
 MESA DE REFEIÇÃO  
 MESA DE REUNIÃO  
 MESA DE TOALETE  
 TE4 PENTEADEIRA  
 MESA PORTÁTIL  
 MESA-SECRETÁRIA  
 PAPELEIRA  
 TE3 CÔMODA-PAPELEIRA  
 CONTADOR  
 TE4 ESCRITÓRIO  
 PAPELEIRA-BIBLIOTECA  
 SECRETÁRIA  
 PEDESTAL  
 POLTRONA  
 PORTA DE ARMÁRIO  
 PORTA-CHAPÉU  
 PORTA-TOALHAS (Móvel)  
 QUARTINHEIRA  
 SACRÁRIO  
 SOFÁ

*TE3 CANAPÉ*  
*MÉRIDIENNE*  
*SOFÁ-CAMA*  
*SUORTE DE BACIA*  
*TREMÓ*  
*TRONO*  
*VITRINA*  
*TE3 VITRINA-ARMÁRIO*  
*TE4 MAQUINETA*  
*VITRINA-MESA*  
*TE UTENSÍLIO DE COZINHA/MESA*  
*TE1 ABAFADOR DE BULE*  
*ABANO*  
*ABRIDOR DE GARRAFAS*  
*AÇUCAREIRO*  
*ALGUIDAR*  
*APARELHO IGNÍGENO*  
*ARGOLA DE GUARDANAPO*  
*ASSADEIRA*  
*TE2 FÔRMA DE BOLO*  
*AZEITONEIRA*  
**BAIXELA**  
*BALDE DE GELO*  
*TE2 BALDE DE GELAR GARRAFA*  
*BANDEJA*  
*TE2 SALVA*  
*BATEDOR (Cozinha/mesa)*  
*TE2 BATEDOR DE MANTEIGA*  
*BATEDOR DE OVOS*  
*BILHA*  
*BISCOITEIRA*  
*BOIÃO*  
*BOMBA DE MATE*  
**BOMBILHA**  
*BOMBONEIRA*  
*BULE*  
*TE2 BULE DE ÁGUA*  
*TE3 BULE DE ÁGUA (Samovar)*  
*BULE DE CAFÉ*  
*BULE DE CHÁ*  
*CHOCOLATEIRA*  
*CABAÇA D'ÁGUA*  
*CAFETEIRA*  
*CAIXA*  
*TE2 CAIXA DE CHÁ*  
*CAIXA DE CONFEITOS*  
*CAIXA DE PÃO*  
**CAMBONA**  
*CAMPAINHA DE MESA*  
*CANECA*

*TE2 CANECA DE CERVEJA*  
*CANECA DE VINHO*  
*CANECÃO*  
*CÂNTARO*  
*CESTA DE PÃO*  
*CHAPA DE FOGÃO*  
*CHURRASQUEIRA*  
*COADOR (Cozinha/mesa)*  
*TE2 COADOR DE CAFÉ*  
*COCO*  
*COLHER DE PAU*  
*COMPOTEIRA*  
*COPO*  
*TE2 CÁLICE*  
*COPO DE CERVEJA*  
*COPO DE CONHAQUE*  
*COPO DE CRISTAL*  
*COPO DE PÉ*  
*TE3 FLÛTE*  
*TAÇA DE CHAMPANHA*  
*COPO DE UÍSQUE*  
*COPO DE APANHAR ÁGUA*  
*COPO DE OVO*  
*COQUETELEIRA*  
*CREMEIRA*  
*CUIA (Cozinha/mesa)*  
*TE2 CUIA DE MATE*  
*CUMBUCA*  
*CUSCUZEIRO*  
*DESCANSO*  
*TE2 DESCANSO DE COPO*  
*DESCANSO DE GARRAFA*  
*DESCANSO DE PRATO*  
*DESCANSO DE TALHER*  
*DESCANSO DE TRAVESSA*  
*ESCORREDOR (Cozinha/mesa)*  
*TE2 ESCORREDOR DE ARROZ*  
*ESCORREDOR DE MACARRÃO*  
*ESCORREDOR DE PRATOS*  
*ESCUMADEIRA*  
*ESPETO DE CHURRASCO*  
*ESPREMEDOR DE FRUTAS*  
*ESTEIRA DE EXPRESSÃO*  
*ESTOJO DE TALHERES*  
*FACÃO (Cozinha/mesa)*  
*FARINHEIRA*  
*FILTRO D'ÁGUA*  
*FOGÃO*  
*TE2 FOGAREIRO*  
*TE3 ESPIRITEIRA*

**FOGÃO DE LENHA**  
*FORNO DE ASSAR*  
**TE2 FORNALHA**  
**FORNO DE PÃO**  
*FRUTEIRA*  
*GALHETA*  
*GALHETEIRO*  
*GAMELA*  
*GARRAFA DE SERVIR BEBIDAS*  
**GELADEIRA**  
*GONGO DE MESA*  
*GRELHA*  
*GUARDANAPO*  
*JARRO*  
**JOGO DE JANTAR UP SERVIÇO DE JANTAR**  
*LAVANDA*  
*LEITEIRA*  
*LICOREIRO*  
*LIMPADOR DE MESA*  
**LOUÇARIA**  
**TE2 LOUÇA**  
**TE3 LOUÇA INGLESA**  
**LOUÇARIA PARA ALMOÇO**  
**LOUÇARIA PARA CAFÉ**  
**LOUÇARIA PARA CHÁ**  
**LOUÇARIA PARA JANTAR**  
*MAMADEIRA*  
*MANTEIGUEIRA*  
*MÃO DE PILÃO*  
*MARCADOR DE LUGAR*  
*MOEDOR (Cozinha/mesa)*  
**TE2 MOEDOR DE CAFÉ**  
*MOEDOR DE CARNE*  
*MOEDOR DE PIMENTA*  
*MOLHEIRA*  
*MORINGA*  
*PÁ (Cozinha/mesa)*  
**TE2 PÁ DE BEIJU**  
*PÁ DE BIFE*  
*PÁ DE BOLO*  
*PALITEIRO*  
*PANELA*  
**TE2 CALDEIRÃO**  
*CHALEIRA*  
*FRIGIDEIRA*  
*PANELEIRO*  
*PANO DE BANDEJA*  
*PENEIRA (Cozinha/mesa)*  
*PILÃO*  
**TE2 BATERIA DE PILÃO MOVIDO À ÁGUA**

PIMENTEIRA  
PINÇA  
    **TE2** PINSA DE AÇÚCAR  
        PINÇA DE BOLO  
        PINÇA DE GELO  
PIRES  
PONCHEIRA  
PORCELANA  
    **TE2** PORCELANA DE USO NA COZINHA  
PORRÃO  
PORTA-COPOS  
PORTA-CREMEIRAS  
PORA-CUIA DE MATE  
PORTA-GUARDANAPOS  
PORTA-LATA DE AZEITE  
PORTA-MENU  
PORTA-MORINGA  
PORTA-OVOS  
POTE (Cozinha/mesa)  
PRATO  
    **TE2** PRATO COM BASE  
        PRATO DE BOLO  
        PRATO DE SOBREMESA  
            **TE3** PRATO DE DOCE  
        PRATO FUNDO  
            **TE3** PRATO DE SOPA  
        PRATO RASO  
PÚCARO  
QUARTA  
QUARTINHA  
QUEBRA-NOZES  
QUEIJEIRA  
QUENGA  
RALADOR (Cozinha/mesa)  
RASPADOR DE COCO  
RECHAUD  
RECIPIENTE DE MANTIMENTO  
ROLO DE PASTEL  
SACA-ROLHAS  
SALEIRO  
SAMOVAR  
SERVIÇO DE JANTAR USE JOGO DE JANTAR  
SOPEIRA  
SOQUETE (Cozinha/mesa)  
    **TE2** SOQUETE DE ALHO  
        SOQUETE DE CARANGUEJO  
        SOQUETE DE CARNE  
        SOQUETE DE FEIJÃO  
SORVETEIRA  
TÁBUA (Cozinha/mesa)

**TE2 TÁBUA DE CARNE**  
TÁBUA DE PÃO  
TAÇA  
**TE2 TAÇA DE CHÁ**  
TAÇA DE CHAMPANHA  
TAÇA DE CRISTAL  
TAÇA DE CONSOMÊ  
TAÇA DE SOBREMESA  
TACHO  
TALHA  
TALHER  
**TE2 COLHER**  
**TE3 COLHER DE AÇÚCAR**  
COLHER DE CAFÉ  
COLHER DE CHÁ  
COLHER DE PAU  
COLHER DE SERVIR  
COLHER DE SOBREMESA  
**TE4 COLHER DE SORVETE**  
COLHER DE SOPA  
CONCHA (Talher)  
**TE3 CONCHA DE MOLHO**  
FACA  
**TE3 FACA DE CARNEAR**  
FACA DE PÃO  
FACA DE PEIXE  
FACA DE SOBREMESA  
**TE4 FACA DE DOCE**  
FACA TRINCHANTE  
FACÃO (Cozinha/mesa)  
GARFO  
**TE3 GARFO DE PEIXE**  
GARFO DE SOBREMESA  
**TE4 GARFO DE DOCE**  
GARFO TRINCHANTE  
TALHER DE SALADA  
TERRINA  
TESOURA  
**TE2 TESOURA DE CORTAR FRUTAS**  
TESOURA DE TRINCHAR  
TIGELA  
**TE2 TIGELA DE PINGO**  
TOALHA DE MESA  
**TE2 TOALHA DE CHÁ**  
TRAVESSA  
**TE2 TRAVESSA COM TAMPA**  
TRAVESSA DE PEIXE  
TRIPÉ (Cozinha/mesa)  
**TE2 TREMPE**  
TRITURADOR DE GELO

VASILHA

XÍCARA

TE2 XÍCARA DE CAFÉ

XÍCARA DE CHÁ

XÍCARA DE CONSOMÊ

TG TRABALHO

TE ATIVIDADE PRODUTIVA UP PRODUÇÃO

TE1 ATIVIDADE RURAL

TE2 AGRÍCOLA USE PRODUÇÃO AGRÍCOLA

TÉCNICA AGRÍCOLA

TE3 BENEFICIAMENTO

COIVARA

COOPERATIVA AGRÍCOLA

EMPRESA AGRÍCOLA

TE3EMPRESA RURAL

MARCA

PRODUÇÃO AGRÍCOLA UP AGRÍCOLA

TE3 AGROPECUÁRIA

TE4 AGRICULTURA

TE5 AGROMANUFATURA

TE6 BENEFICIAMENTO DA CANA-DE-

AÇÚCAR

CAFEICULTURA UP PRODUÇÃO

CAFEEIRA UP CULTIVAR CAFÉ UP

CULTURA CAFEEIRA

COLHEITA

CULTIVAR USE PLANTAÇÃO

TE6 CULTIVAR CAFÉ USE

CAFEICULTURA

LAVOURA CAFEEIRA USE LAVOURA

DE CAFÉ

LAVOURA DE CAFÉ UP LAVOURA

CAFEEIRA

POLICULTURA

PRODUÇÃO CAFEEIRA USE

CAFEICULTURA

PLANTAÇÃO UP CULTIVAR

TE6PLANTAÇÃO DE CAFÉ

TE7 PLANTIO

TE8 IMPLANTAÇÃO EM  
RENQUE

PLANTIO FEITO EM  
FILEIRA DE MORRO  
ACIMA

TÉCNICA DO  
PLANTIO EM CURVA  
DE NÍVEL VER

TÉCNICA  
CONSTRUTIVA

**SAFRA**  
**TE8 PERDA DO GRÃO**  
**SECAGEM**  
**TE8 SECAGEM DO CAFÉ**  
**BENEFICIAMENTO DO**  
**CAFÉ**  
**TE8 ARMAZENAMENTO**  
**DO CAFÉ UP ARMAZENAMENTO DO GRÃO**  
**ARMAZENAMENTO**  
**DO GRÃO USE**  
**ARMAZENAMENTO**  
**DO CAFÉ**  
**CAFÉ BATIDO COM**  
**VARA**  
**ENSACAMENTO DO**  
**CAFÉ**  
**TE9 ESTRADA**  
**HORTA**  
**TE7 VERDURA**  
**LIXIVIAÇÃO DO SOLO**  
**TE7 ESGOTAMENTO DO SOLO**  
**TE8 EROSÃO**  
**POMAR**  
**NUTRIENTES DO SOLO (adubação)**  
**PECUÁRIA**  
**TE5 CRIAÇÃO DE ANIMAL**  
**TE6 APICULTURA**  
**AVICULTURA**  
**EQUINOCULTURA**  
**PECUÁRIA DE CORTE**  
**TE7 CRIAÇÃO DE GADO**  
**TE8 ORDENHA**  
**PECUÁRIA DE LÃ**  
**PECUÁRIA DE LEITE**  
**PISCICULTURA**  
**SUINOCULTURA**  
**TE7 ENGORDA DO PORCO**  
**PASTORIL**  
**PRODUTO AGRÍCOLA**  
**CAÇA**  
**COMÉRCIO (trabalho)**  
**TE2 COMÉRCIO AMBULANTE**  
**FREGUESIA**  
**CULINÁRIA**  
**TE2 CULINÁRIA LOCAL**  
**CULINÁRIA VOTIVA**  
**DOÇARIA**  
**ENGENHARIA**  
**EXTRATIVISMO**  
**TE2 GARIMPO**

FABRICO DE ALIMENTO  
 TE2 DESPOLPAMENTO  
 TE3 PROCESSO DE SEPARAÇÃO DA POLPA  
 FARMACOPÉIA POPULAR VER MEDICINA POPULAR  
 NUMISMÁTICA  
 PESCA ARTESANAL  
 TE2 OBJETO DE ARTE USE PEÇA DE ARTE  
 TE2 PEÇA DE ARTE UP OBJETO DE ARTE  
 TE3 IMAGEM  
 TE4 IMAGEM DE ANJO  
 IMAGEM DE SANTO  
 OBRA RARA  
 PRODUÇÃO DE ENERGIA  
 TE2 CALDEIRA  
 FORÇA MOTRIZ  
 ILUMINAÇÃO A GÁS  
 USINA HIDRELÉTRICA  
 TE3 ENERGIA HIDRÁULICA  
 TE4 ENERGIA ELÉTRICA  
 TE5 ILUMINAÇÃO ELÉTRICA  
 MOINHO  
 TE5 MONJOLO  
 RODA D'ÁGUA  
 QUEDA D'ÁGUA  
 TÉCNICA ARTESANAL  
 TE2 BORDADO  
 CERÂMICA  
 COSTURA  
 CURTUME (Técnica)  
 TE3 TRABALHO COM O COURO  
 DESFIAR SACO  
 DESENHO  
 TE3 DESENHO ABSTRATO  
 DESENHO ALEGÓRICO  
 DESENHO ANATÔMICO  
 DESENHO CARICATURAL  
 DESENHO DE GÊNERO  
 DESENHO DOCUMENTAL  
 DESENHO HISTÓRICO  
 DESENHO MITOLÓGICO  
 DESENHO RELIGIOSO  
 FIGURA HUMANA (Desenho)  
 TE4 NU (Desenho)  
 MARUBGA (Desenho)  
 NATUREZA-MORTA (Desenho)  
 PAISAGEM (Desenho)  
 RETRATO (Desenho)  
 DOBRADURA  
 ENTALHE  
 ESCULTURA

**TE3 BUSTO**  
**CABEÇA**  
**ESCULTURA ABSTRATA**  
**ESCULTURA RELIGIOSA**  
**TE4 ANJO**  
**APÓSTOLO**  
**CRISTO**  
**TE5 CRUXIFIXO**  
**MENINO JESUS**  
**DIVINDADE**  
**GRUPO ESCULTÓRICO RELIGIOSO**  
**NOSSA SENHORA**  
**PEÇA DE GRUPO ESCULTÓRICO RELIGIOSO**  
**PROFETA**  
**SANTA**  
**TE5 SANTA DE ROCA**  
**SANTO**  
**TE5 SANTO DE ROCA**

**ESTÁTUA**  
**TE4 ESTÁTUA ALEGÓRICA**  
**TE5 ESTATUETA ALEGÓRICA**  
**ESTATUETA**  
**TE5 ESTATUETA ALEGÓRICA**  
**ESTATUETA ANIMALISTA**  
**ESTATUETA CARICATURAL**  
**ESTATUETA DE GÊNERO**  
**ESTATUETA MITOLÓGICA**

**GRUPO ESCULTÓRICO**  
**TE4 GRUPO ESCULTÓRICO ALEGÓRICO**  
**GRUPO ESCULTÓRICO DE GÊNERO**  
**GRUPO ESCULTÓRICO MITOLÓGICO**  
**GRUPO ESCULTÓRICO RELIGIOSO**

**MÃO**  
**MÁSCARA**  
**TE4 MÁSCARA MORTUÁRIA**  
**PEÇA DE GRUPO ESCULTÓRICO**  
**TE4 PEÇA DE GRUPO ESCULTÓRICO RELIGIOSO**

**RELEVO**  
**TE4 FIGURA HUMANA (Relevo)**  
**MARINHA (Relevo)**  
**NATUREZA-MORTA (Relevo)**  
**PAISAGEM (Relevo)**  
**RELEVO ALEGÓRICO**  
**RELEVO DE GÊNERO**  
**RELEVO DOCUMENTAL**  
**RELEVO HISTÓRICO**  
**RELEVO MITOLÓGICO**  
**RELEVO RELIGIOSO**  
**RETRATO (Relevo)**

**TORSO**

*ESTAMPA*

**TE3** *ESTAMPA ABSTRATA*

*ESTAMPA ALEGÓRICA*

*ESTAMPA CARICATURAL*

*ESTAMPA DE GÊNERO*

*ESTAMPA DOCUMENTAL*

*ESTAMPA HISTÓRICA*

*ESTAMPA MITOLÓGICA*

*ESTAMPA RELIGIOSA*

*FIGURA HUMANA (Estampa)*

**TE4** *NU (Estampa)*

*MARINHA (Estampa)*

*NATUREZA-MORTA (Estampa)*

*PAISAGEM (Estampa)*

*RETRATO (Estampa)*

**GRAVURA**

**TE3** **BARROGRAVURA**

**GRAVURA EM METAL**

**LINOLEOGRAVURA**

**LITOGRAVURA**

**PIROGRAVURA**

**XILOGRAVURA**

*FILME*

**TE3** **DOCUMENTÁRIO**

**FILME CASEIRO**

**FILME DE FICÇÃO**

**FILME DE NÃO FICÇÃO**

**VINHETA**

**LAPIDAÇÃO**

**MARCHETARIA**

**METALURGIA**

**TE3** **OURIVESARIA**

*PINTURA*

**TE3** *FIGURA HUMANA (Pintura)*

**TE4** *NU (Pintura)*

*MARINHA (Pintura)*

*NATUREZA-MORTA (Pintura)*

*PAISAGEM (Pintura)*

*PINTURA ABSTRATA*

*PINTURA ALEGÓRICA*

*PINTURA CARICATURAL*

**PINTURA DECORATIVA**

*PINTURA DE GÊNERO*

*PINTURA DOCUMENTAL*

*PINTURA HISTÓRICA*

*PINTURA MITOLÓGICA*

**PINTURA PARIETAL**

*PINTURA RELIGIOSA*

*RETRATO (Pintura)*

**TE4** **RETRATO DE FAMÍLIA (Pintura)**

PONTO A TRÁS (Técnica)  
PONTO E CRUZ (Técnica)  
RENDA (Técnica)  
**TE3 CROCHÊ**  
FILÉ  
FRIVOLITÉ  
LABIRINTO  
RENASCENÇA  
RENDENDÊ  
TRICÔ (bilro)  
RENDA DE BILRO  
TECELAGEM  
TÊXTIL  
TINTURA  
TRANÇADO  
**TE3 CESTARIA**  
ESQUEMA DE PRODUÇÃO  
MÃO-DE-OBRA  
PRODUÇÃO USE ATIVIDADE PRODUTIVA  
REGIME DE TRABALHO  
**TE1 ESCRAVIDÃO VER ESCRAVO**  
**TE EQUIPAMENTO AGRÍCOLA**  
**TE1 ALAMBIQUE**  
ANCINHO  
ARADO  
BATÉIA  
CAITITU  
CANELEIRO  
CAPINADEIRA  
CAVADEIRA  
CEIFEIRA  
CINCHO  
COCHO (Farinha)  
DEBULHADORA  
DESCASCADOR  
**TE2 DESCASCADOR DE LARANJA**  
DESNATADEIRA  
DESCAROÇADOR  
FOICE  
**TE2 ALFANJE**  
FORCADO  
GRADE (Agricultura)  
MACHADO  
**TE2 MACHADINHA**  
MAQUINÁRIO  
**TE2 MÁQUINA**  
**TE3 MÁQUINA ANTIGA**  
MÁQUINA DE BENEFICIAR ALIMENTO  
**TE3 ABANADOR MECÂNICO**  
EQUIPAMENTO PARA BENEFICIAMENTO DO CAFÉ

MOENDA  
    **TE2** MOENDA DE CANA  
        **TE3** ENGENHO DE CANA (equipamento)  
PÁ (Farinha)  
PAU DE CAVAR  
POMBA (Açúcar)  
PRENSA DE MANDIOCA  
    **TE2** TIPITI  
        **TE3** TIPITI DE TORÇÃO  
PULVERIZADOR  
RALADOR DE MANDIOCA  
REGADOR  
RODO (Farinha)  
SEMEADEIRA  
TACHO (Agricultura)  
    **TE2** TACHO (Açúcar)  
        TACHO (Farinha)  
TESOURA DE JARDINAGEM  
    **TE2** PODÃO  
        TESOURA DE GRAMA  
        TESOURA DE PODAR  
VASSOURA (Farinha)  
**TE** EQUIPAMENTO DE ARTISTAS/ARTESÃOS  
    **TE1** BATUTA  
        BIGORNA  
        BONECA (Gravura)  
        BURIL  
        CADINHO  
        CANETA (Cerâmica)  
        CAVALETE (Pintura)  
        CHAPA (Moeda)  
        CINZEL  
        CUNHO  
            **TE2** CUNHO DE MEDALHA  
                CUNHO DE MOEDA  
DISCO DE CUNHAGEM  
    **TE2** DISCO DE MEDALHA  
        DISCO DE MONETÁRIO  
ENXÓ  
ESMERIL  
ESPÁTULA  
FACA (Recorte)  
FOLE DE FORJA  
FORJA  
FORMÃO  
GODÊ  
LIMA  
    **TE2** GROSA  
MAETE  
MÁQUINA FOTOGRÁFICA

*MATRIZ (Gravura)*  
*MOLDE*  
*TE2 FÔRMA DE BARRA*  
*FÔRMA DE CALÇADO*  
*FÔRMA DE HÓSTIA*  
*FÔRMA DE TIJOLO*  
*FÔRMA DE VELA*  
*FÔRMA DE VIOLA*  
*MOLDE DE ESCULTURA*  
*MOLDE DE JÓIA*  
*MOLDE DE MEDALHA*  
*MOLDE DE MOEDA*  
*RILHEIRA*  
*PALETA*  
*PINCEL*  
*PIQUE (artefato)*  
*PLAINA*  
*PRENSA (Cunhagem/impressão)*  
*TE2 PRENSA DE CUNHAR*  
*TE3 PRENSA DE CUNHAR BARRAS*  
*PRENSA DE CUNHAR MOEDAS*  
*PRENSA DE IMPRESSÃO*  
*TE3 PRELO MANUAL*  
*PUNÇÃO*  
*SOVELA*  
*TENAZ*  
*TORNO*  
*TE EQUIPAMENTO DE ATIVIDADES COMERCIAIS*  
*TE1 APANHADOR DE CEREAIS*  
*TE EQUIPAMENTO DE FIAÇÃO/TECELAGEM*  
*TE1 AGULHA*  
*TE2 AGULHA DE COSTURA*  
*AGULHA DE CROCHÊ*  
*AGULHA DE FILÉ*  
*AGULHA DE REDE DE PESCA*  
*AGULHA DE TRICÔ*  
*AGULHEIRO*  
*ALFINETE*  
*ALFINETEIRA*  
*ALMOFADA DE BILROS*  
*ARCO (Fiação)*  
*BASTIDOR*  
*TE2 BASTIDOR DE FILÉ*  
*BILRO*  
*BOLA DE CERZIR*  
*CAIXA DE COSTURA*  
*CARDA*  
*CARRETEL*  
*DEDAL*  
*DOBADEIRA USE DOBADOURA*

*DOBADOURA UP DOBADEIRA*

*ESPINHO DE MANDACARU*

*ESTOJO DE COSTURA*

*FLECHA (Fiação)*

*FUSO*

*LANÇADEIRA*

*LIÇA*

*MÁQUINA DE COSTURA*

*PENTE DE TEAR*

*REPASSO*

*ROCA*

*RODA DE FIAR*

*TEAR*

*URDIDEIRA*

**TE EQUIPAMENTO DE PECUÁRIA**

**TE1 ASSINALADEIRA UP SINALADEIRA**

*AZIAR*

*BALDE DE ORDENHA*

*BANCO DE ORDENHA*

*BARBILHO*

*BERRANTE*

*BOLEADEIRAS*

*CACHIMBO (Gado)*

*CASTRADOR UP CASTRADORA*

*CASTRADORA USE CASTRADOR*

*CHAVE DE ARAME*

*CINCERRO*

*COCHO*

*COLEIRA DE ANIMAL*

*DESCORNADOR*

**TE2 DESPONTADOR**

*ESTICADOR DE CERCA*

*GAIOLA*

**TE2 GAIOLA DE MADEIRA**

*LAÇO DE VAQUEIRO*

*MANEIA*

*MARCADOR DE GADO*

*MOCHADOR*

*PEIA*

*PENTE DE CAVALO*

*SINALADEIRA USE ASSINALADEIRA*

*TALHEIRO*

*TARRO*

*TESOURA DE TOSQUEAR*

*TIRADOR*

*VARA DE GARRUCHÃO*

**TE EQUIPAMENTO DE USO GERAL**

**TE1 AFIADOR DE LÂMINAS**

**TE2 AFIADOR DE FACAS**

**TE3 CHAIRA**

ALMOFARIZ

CARRINHO DE MÃO

ESCADA

FUNIL

MACHUCADOR

MARTELO

TE2 MACETA (ferramenta)

MOITÃO

PENEIRA

SERRA

TE2 SERROTE

TE OBJETO DE LIDA DA TERRA

ENXADA

TE2 ENXADÃO

PÁ

TE INSTRUMENTO MUSICAL

TE1 ACESSÓRIO DE INSTRUMENTO MUSICAL

TE2 BANQUETA (Acessório de Instrumento Musical)

DESCANSO PARA PARTITURA USE ESTANTE PARA PARTITURA

INSTRUMENTO DE CORDA

TE2 ALAUDE

BANDOLIM

BANDURRA

BANJO

CAVAQUINHO

VIOLA

VIOLA DE GAMBA

VIOLA SERTANEJA

TE3 VIOLA DE CONCHO

VIOLÃO

VIOLINO

TE3 RABECA

INSTRUMENTO DE PERCUSSÃO

TE2 ADUFE

AGOGÔ

ANGÓIA

BERIMBAU

CASTANHOLAS

CAXIXI

CUÍCA

GANZÁ

GONGO

MARACÁ (Índio)

TE3 MARACA

MATRACA

MOCHO (instrumento musical)

PANDEIRO

TE3 PANDEIRÃO

PANDEIRICO

PREACA  
 RECO-RECO  
**SERROTE MUSICAL**  
 TAMBOR  
     **TE3** ATABAQUE  
         **TE4** LÊ  
             RUM  
             RUMPI  
         BOMBO  
         CAXAMBU  
         **CAIXA** (instrumento musical)  
         CUÍCA  
         ILU  
         SURDO  
         TAMBORIM  
         TAMBU  
         TAROL  
         TÍMPANO  
         **ZABUMBA**  
 TRIÂNGULO  
 XILOFONE  
     **TE3** MARIMBA  
 INSTRUMENTO DE SOPRO  
     **TE2** BOMBARDINO  
         **TE3** BOMBARDÃO  
         BUZINA (Música)  
         CLARINETA UP **CLARINETE**  
             **TE3** CLARONE  
         **CLARINETE** USE CLARINETA  
         FAGOTE  
             **TE3** CONTRAFAGOTE  
         FLAUTA  
             **TE3** FLAUTIM  
                 **TE4** PÍFARO UP **PÍFANO**  
                     **PÍFANO** USE PÍFARO  
         GAITA DE BOCA  
         OBOÉ  
             **TE3** CORNE INGLÊS  
         OCARINA  
         OFICLIDE  
         SAXOFONE  
         TROMPETE  
             **TE3** CLARIM  
             CORNETA  
         TUBA  
 INSTRUMENTO DE TECLADO  
     **TE2** ACORDEÃO  
         **TE3** SANFONA  
         CELESTA  
         CRAVO

*PIANO*  
*TE3 PIANO DE CAUDA*  
*PIANO VERTICAL*  
*ÓRGÃO*  
*TE3 HARMÔNIO*  
*ÓRGÃO DE TUBOS*  
*ÓRGÃO ELETRÔNICO*  
*INSTRUMENTO MUSICAL MECÂNICO*  
*TE2 ARISTON*  
*CAIXA DE MÚSICA*  
*PIANOLA*  
*REALEJO*

**TG INSTRUMENTOS DE CAÇA E GUERRA**

**TE ACESSÓRIOS DA ARMARIA**

**TE1 BAINHA**

**POLVORINHO**

**TE ARMA**

**TE1 ARMA BRANCA**

**TE2 ARMA BRANCA DE ARREMESSO**

**TE3 ARPÃO**

**TE2 ARMA BRANCA DE CHOQUE**

**TE3 ADAGA**

**TE4 ESTILETE**

**PEIXEIRA**

**FACA (Arma)**

**TE4 FACA DE CAÇA**

**FACÃO**

**ESPADA**

**PUNHAL**

**TE1 ARMA DE ARREMESSO**

**TE2 ATIRADEIRA**

**BODOQUE**

**ESTILINGUE**

**FUNDA**

**ZARABATANA**

**TE1 ARMA DE CHOQUE**

**TE2 CACETE (arma)**

**TE1 ARMA DE FOGO**

**TE2 ARMA DE FOGO PORTÁTIL**

**TE3 BACAMARTE**

**CARABINA**

**TE4 CARABINA-BENGALA**

**CARABINA-REVÓLVER**

**CLAVINA**

**ESPINGARDA**

**TE4 ESPINGARDÃO**

**TE MUNIÇÃO E ACESSÓRIO**

**TE1 ACESSÓRIO DE MUNIÇÃO**

**TE2 ALJAVA**

BALIM  
CHUMBEIRO  
TE1 MUNIÇÃO  
TE PETRECHO DE CAÇA  
TE1 ARMADILHA (caça)  
TE2 ALÇAPÃO  
ARAPUCA  
PIO DE CAÇA  
RATOEIRA  
VARA DE VISGO  
TE PETRECHO DE PESCA  
TE1 ARMADILHA (pesca)  
TE2 ANZOL  
TE3 ANZOL AÇO  
BALAIO (Pesca)  
CANECÃO (Pesca)  
COADOR (Pesca)  
COVO  
TE3 MATAPI  
CURRAL-DE-PEIXE  
ESPINHEL  
JIQUI  
MOLINETE DE PESCA  
PARI  
PENEIRA (Pesca)  
PESO DE REDE  
PUÇÁ  
TE3 PUÇÁ DE CABO  
PUÇÁ DE ESPERA  
REDE DE PESCA  
TE3 REDE DE ARRASTÃO  
REDE DE ESPERA  
TARRAFA  
SAMBURÁ  
VARA DE PESCA  
VAREJO

**TG OBJETOS PECUNIÁRIOS**

TE BARRA  
TE1 BARRA DE CASA DE FUNDIÇÃO  
TE CÉDULA  
TE DOCUMENTO DE CÂMBIO  
TE1 CONTRATO DE CÂMBIO  
LETRA CAMBIAL  
TRAVELLER CHECK  
TE DOCUMENTO DE COMÉRCIO  
TE1 APÓLICE DE SEGURO  
BÔNUS COMERCIAL  
CAUTELA DE PENHOR  
CÉDULA HIPOTECÁRIA

**TE2 CÉDULA HIPOTECÁRIA RURAL**  
**CERTIFICADO DE DEPÓSITO BANCÁRIO**  
**CONHECIMENTO**  
**TE2 CONHECIMENTO DE DEPÓSITO**  
**CONHECIMENTO DE FRETE**  
**DUPLICATA**  
**TE2 DUPLICATA RURAL**  
**FATURA**  
**LETRA DE CÂMBIO**  
**LETRA IMOBILIÁRIA**  
**NOTA FISCAL**  
**NOTA PROMISSÓRIA**  
**TE2 NOTA PROMISSÓRIA RURAL**  
**RECIBO DE DEPÓSITO BANCÁRIO**  
**TÍTULO DE CAPITALIZAÇÃO**  
**TÍTULO DE CRÉDITO RURAL**  
**TE2 BÔNUS RURAL**  
**CÉDULA HIPOTECÁRIA RURAL**  
**CÉDULA PIGNORATÍCIA RURAL**  
**DUPLICATA RURAL**  
**NOTA DE CRÉDITO RURAL**  
**NOTA PROMISSÓRIA RURAL**  
**WARRANT**  
**TE2 CÉDULA PIGNORATÍCIA RURAL**  
**TE DOCUMENTO DE PAGAMENTO**  
**VALE**  
**TE2 VALE MONETIFORME**  
**TE3 MOEDA PARTICULAR**  
**TE DOCUMENTO DE SOCIEDADE POR AÇÕES**  
**TE1 AÇÃO**  
**DEBÊNTURE**  
**TE DOCUMENTO POSTAL**  
**TE1 BLOCO DE SELO**  
**PRECURSOR**  
**QUADRA DE SELOS**  
**SELO POSTAL**  
**VALE POSTAL**  
**TE DOCUMENTO PÚBLICO**  
**TE1 DOCUMENTO DE ARRECADAÇÃO**  
**TE2 ESTAMPILHA**  
**SELO DE CONTROLE**  
**DOCUMENTO DE CAPTAÇÃO DE RECURSOS**  
**TE2 APÓLICE DA DÍVIDA PÚBLICA**  
**BÔNUS DE EMERGÊNCIA**  
**TE3 BÔNUS DE GUERRA**  
**LETRA DO TESOIRO**  
**OBRIGAÇÃO DO REAPARELHAMENTO ECONÔMICO**  
**OBRIGAÇÃO DO TESOIRO**  
**TE3 OBRIGAÇÃO REAJUSTÁVEL DO TESOIRO**  
**TE MOEDA**

*TE1 MOEDA DE NECESSIDADE*

*TG LAZER/DESPORTO USE EQUIPAMENTO DE LAZER E DESPORTO*  
*EQUIPAMENTO DE LAZER E DESPORTO UP LAZER/DESPORTO*  
*TE ACESSÓRIO DE JOGO*

*TE1 BARALHO*

*BOLA*

*TE2 BOLA DE BILHAR*

*BOLA DE GUDE*

*CAIXA DE JOGO*

*CARTA DE BARALHO*

*COPO DE DADOS*

*DADO*

*FLORETE DE ESGRIMA*

*PEÇA DE DAMAS*

*PEÇA DE DOMINÓ*

*PEÇA DE XADREZ*

*PETECA*

*TABULEIRO DE JOGO*

*TE2 TABULEIRO DE DAMAS*

*TABULEIRO DE XADREZ*

*TACO DE BILHAR*

*URNA DE SORTEIO*

**BALÃO**

*BRINQUEDO*

**TE1 BALANÇO**

*BILBOQUÊ*

**BOLA**

**TE2 BOLA DE MEIA**

*BONECO*

**BORBOLETA**

*CALEIDOSCÓPIO*

**CARRINHO DE ROLIMÃ**

*CATA-VENTO*

**CAVALO DE MADEIRA ARTICULADO USE CAVALO-DE-PAU**

**CAVALO-DE-PAU UP CAVALO DE MADEIRA ARTICULADO**

*CHOCALHO*

**CORRUPPIO (brinquedo)**

**DIABOLÔ**

*IOIÔ*

*PAPAGAIO*

**PÉ-DE-LATA**

*PIÃO*

*TE2 CARAPETA*

**RÓI-RÓI**

**TELEFONE (brinquedo)**

*TELÉGRAFO SEM FIO*

*TRAPEZISTA*

*ZUMBIDOR*

*CARNÊ DE BAILE*

*COMPROVANTE DE APOSTA*

*TE1 BILHETE DE APOSTA*

*BILHETE DE JOGO*

*BILHETE DE LOTERIA*

*BILHETE DE RIFA*

*JOGO*

*TE1 DAMAS*

*DOMINÓ*

*JOGO DE FUTEBOL*

*QUEBRA-CABEÇA*

*RAPA-TIRA*

*XADREZ*

*TG INSÍGNIAS*

*TE ACESSÓRIO DE INSÍGNIA*

*TE1 MASTRO DE BANDEIRA*

*TE2 PORTA BANDEIRA*

*MASTRO VOTIVO*

*BABALOTIM*

*BANDEIRA*

*TE1 BANDEIROLA*

*ESTANDARTE*

*FLÂMULA*

*GALHARDETE*

*PAVILHÃO*

*BRASÃO*

*TE1 BRASÃO DA CIDADE*

*CALUNGA*

*CONDECORAÇÃO*

*TE1 BANDA*

*BARRETA*

*BOTÃO (Insígnia)*

*COLAR DE GRÃ-CRUZ*

*FITA (Insígnia)*

*GRÃ-CRUZ*

*INSÍGNIA (Condecoração)*

*MEDALHA CONDECORATIVA*

*TE2 MEDALHA COMEMORATIVA (Condecoração)*

*MEDALHA MILITAR*

*TE3 MEDALHA DE BRAVURA*

*MEDALHA DE CAMPANHA*

*MEDALHA DE SERVIÇO*

*MEDALHA PREMIAL MILITAR*

*MEDALHA PREMIAL (Condecoração)*

*MINIATURA (Insígnia)*

*PASSADOR*

*PLACA*

*ROSETA*

*ÇAIRÉ (artefato)*

*DISTINTIVO*

**TE1 ANEL** (*Insígnia*)  
**TE2 ALIANÇA**  
 ANEL DE GRAU  
 ANEL EPISCOPAL  
**ATRIBUTO DE DIVINDADE UP** **ATRIBUTO SAGRADO**  
**TE2 ABEBÉ**  
 ERUQUERÉ  
 FERRAMENTA DE OGUM  
**FERRAMENTA DE ORIXÁ**  
**IBIRI**  
**IRUEXIM**  
 OBÉ  
 OFÁ  
 OXÉ  
 PAXORÔ  
 XARARÁ  
**ATRIBUTO DE ESCULTURA RELIGIOSA**  
**ATRIBUTO SAGRADO** **USE** **ATRIBUTO DE DIVINDADE**  
**BASTÃO** (*Insígnia*)  
**TE2 BÁCULO**  
 BASTÃO DE BALIZA  
 BASTÃO DE ESCOTEIRO  
 BASTÃO DE MORDOMO  
 CETRO DO DIVINO  
 CETRO MAJESTÁTICO  
 PAXORÔ  
 VARA DE IRMANDADE  
 VARA DE JUIZ  
 VARA DE VEREADOR  
**BENGALA** (*Insígnia*)  
**CHAPA DE UNIFORME**  
**TE2 TOPE**  
**CHAVE** (*Insígnia*)  
**TE2 CHAVE DE CAMARISTA**  
**COLAR** (*Insígnia*)  
**TE2 COLAR DE FARDÃO**  
 GUIA (*Colar*)  
 LAGUIDIBÁ  
**COROA**  
**TE2 ADÊ**  
 COROA DE CONGADA  
 COROA DO DIVINO  
 COROA MAJESTÁTICA  
**COROA PORTUGUESA**  
**ESPADA** (*Insígnia*)  
**TE2 ESPADIM** (*Insígnia*)  
**TE3 ESPADIM DE FARDÃO**  
 ESPADIM MAÇÔNICO  
 ESPADIM MILITAR  
**FACÃO** (*Insígnia*)

**TE2 OBÉ**  
*FAIXA (Insígnia)*  
**TE2 FAIXA MAÇÔNICA**  
*FAIXA PRESIDENCIAL*  
**FIADOR**  
*GALÃO (Insígnia)*  
*GORJAL (Insígnia)*  
*LANÇA (Insígnia)*  
*MACHADO (Insígnia)*  
**TE2 MACHADO DE PORTA-MACHADO**  
*OXÊ*  
*MALHETE (Insígnia)*  
**TE2 MALHETE DE JUIZ**  
*MALHETE MAÇÔNICO*  
*PULSEIRA (Insígnia)*  
**TE2 IBÓ**  
*IDÉ*  
**PLATINA**  
**TE2 DRAGONA**  
**TE3 CHARLATEIRA**  
**TÍTULO**  
**TE2 TÍTULO DE NOBREZA**  
**TE3 MORGADO DE MATEUS**  
*TRIDENTE (Insígnia)*

**EXIM**

**TG OBJETOS CERIMONIAIS**

**TE OBJETO CERIMONIAL DE INSTITUIÇÕES**

**TE1 URNA CERIMONIAL DE INSTITUIÇÕES**

**TE2 URNA DE SORTEIO MILITAR**

*URNA ELEITORAL*

**TE OBJETO COMEMORATIVO**

**TE1 BLOCO COMEMORATIVO**

*CHAVE SIMBÓLICA*

*COROA DE LOUROS*

*ENVELOPE DE PRIMEIRO DIA DE CIRCULAÇÃO*

*EX-VOTO*

*FERRAMENTA SIMBÓLICA*

*FITA INAUGURAL*

*MARCO*

*MÁXIMO POSTAL*

*MEDALHA*

*MEDALHA DE ROSCA*

**TE2 MEDALHA COMEMORATIV**

*MEDALHA PREMIAL*

*MOEDA DE COLEÇÃO*

**TE2 PIÉFORT**

*PEDRA FUNDAMENTAL*

*PLACA COMEMORATIVA*

*TOCHA SIMBÓLICA*

TROFÉU  
TE2 TAÇA DE PRÊMIO  
TE OBJETO DE CULTO  
TE1 ADJÃ  
ÂMBULA  
ANDOR  
ANTIPÊNDIO  
APITO RITUAL  
ASPERSÓRIO  
CALDEIRINHA  
CÁLICE (*Missa*)  
CAMPA  
CIBÓRIO  
COLHER DE INCESO  
CONOPEU  
CORPORAL DA MISSA  
CRUZ  
TE2 CRUZ PROCESSIONAL  
CUIA BATISMAL  
CUITÉ RITUAL  
DEFUMADOR  
TE2 TURÍBULO  
ESMOLEIRO  
GALHETA (*Missa*)  
GALHETEIRO (*Missa*)  
HOSTIÁRIO  
LAMPADÁRIO  
LANTERNA PROCESSIONAL  
MANUSTÉRGIO  
MÁSCARA RITUAL  
NAVETA  
OSTENSÓRIO  
OTÁ  
PALA  
PÁLIO  
TE2 UMBELA  
PÁTENA  
PEDRA DE ARA  
PORTA-MISSAL  
PORTA-PAZ  
PORTA-TOALHA (*Culto*)  
PORTA-VIÁTICO  
RELICÁRIO  
SACRA  
SALVA (*Missa*)  
SANGUINHO  
TOALHA DE ALTAR  
VARA DE PÁLIO  
VASO RITUAL  
VELA LITÚRGICA

*TE2 CÍRIO PASCAL*  
*VÉU DE CÁLICE*  
*XERE*  
*TE OBJETO FUNERÁRIO*  
*TE1 CAIXÃO*  
*CATAFALCO*  
*CHAVE DE CAIXÃO*  
*COROA FUNERÁRIA*  
*CRUZ DE SEPULTURA*  
*FAIXA FUNERÁRIA*  
*LÁPIDE SEPULCRAL*  
*MARCO DE SEPULTURA*  
*URNA FUNERÁRIA*  
*TE2 URNA CIENRÁRIA*

*TG OBJETOS PESSOAIS*

*TE ACESSÓRIOS DE INDUMENTÁRIA UP ACESSÓRIOS DE VESTUÁRIO*

*TE1 ABOTOADURA*  
*ADEREÇO DE MÃO*  
*ALAMAR*  
*ALFINETE (Indumentária)*  
*TE2 ALFINETE DE CHAPÉU*  
*ALFINETE DE GRAVATA*  
*ALGIBEIRA*  
*BARBICACHO*  
*BOTÃO*  
*TE2 BOTÃO DE COLARINHO*  
*CABELEIRA*  
*TE2 CHINÓ*  
*PERUCA*  
*TRANÇA*  
*CINTO*  
*TE2 CÍNGULO*  
*CINTEIRO*  
*CINTURÃO*  
*TE3 GUAIIACA*  
*FAIXA*  
*TE3 FAIXA MILITAR*  
*TE4 TALIM*  
*FÍBULA*  
*FIVELA DE CALÇADO/CINTO*  
*OMBREIRA (Indumentária)*  
*PRENDEDOR (Indumentária)*  
*TE2 PRENDEDOR DE CABELO*  
*TE3 FITA DE CABELO*  
*GRAMPO DE CABELO*  
*TRAVESSA DE CABELO*  
*TE4 TREPA-MOLEQUE*  
*PRENDEDOR DE LENÇO*  
*PRENDEDOR DE SUSPENSÓRIOS*

*SUSPENSÓRIO*

**TE ACESSÓRIOS DE VESTUÁRIO UP ACESSÓRIO DE INDUMENTÁRIA**

**TE ADORNO USE OBJETOS DE ADORNO**

**TE ARTIGO DE TABAGISMO**

**TE1 BRASEIRO DE FUMANTES**

*CACHIMBO*

*CAIXA DE FÓSFOROS*

**TE2 FOSFOREIRA**

*CHARUTO*

*CIGARRO*

*CINZEIRO*

*CORTADOR DE CHARUTO*

*ESTOJO DE PITEIRA*

*ISQUEIRO*

*LIMPA-CACHIMBO*

*NARGUILÊ*

*PEGA-BRASAS*

*PITEIRA*

*PORTA-CACHIMBOS*

*PORTA-CAIXA DE FÓSFOROS*

*PORTA-CHARUTOS*

**TE2 CAIXA DE CHARUTOS**

*CHARUTEIRA*

*PORTA-CIGARROS*

**TE2 CAIXA DE CIGARROS**

*CIGARREIRA*

*COPO DE CIGARROS*

*MAÇO DE CIGARROS*

*PORTA-MAÇO DE CIGARROS*

*PORTA-TABACO*

**TE2 BOLSA DE TABACO**

*CAIXA DE TAPÉ*

*CORNINBOQUE*

*POTE DE TABACO*

*TABAQUEIRA*

*TRITURADOR DE FUMO*

**TE ARTIGO DE TOALETE UP EQUIPAMENTO DE TOALETE E BANHO**

**EQUIPAMENTO DE TOALETE E BANHO USE ARTIGO DE TOALETE**

**TE1 ABOTOADEIRA**

*ABRIDOR DE LUVAS*

*AFASTADOR DE CUTÍCULA*

*AFIADOR DE NAVALHAS*

*ALICATE (Toalete)*

**TE2 ALICATE DE CUTÍCULA**

*ALICATE DE UNHA*

*APARELHO DE BARBEAR*

*BACIA DE TOALETE*

**TE2 BACIA DE BANHO**

*BACIA DE BARBEAR*

*BALDE DE TOALETE*

BIDÊ PORTÁTIL  
BORRIFICADOR DE PERFUME  
CAIXA (Toalete)  
    **TE2** CAIXA DE COSMÉTICO  
        CAIXA DE MIUDEZAS  
CALÇADEIRA  
CÁLICE DE LAVAR OLHO  
COPO DE HIGIENE BUCAL  
CUBA-RIM  
DESCALÇADEIRA  
DILATADOR DE LÓBULO DE ORELHA  
ESCOVA DE TOALETE  
    **TE2** ESCOVA DE CABELO  
        ESCOVA DE DENTES  
        ESCOVA DE ROUPA  
        ESCOVA DE SAPATO  
        ESCOVA DE UNHA  
ESPELHO  
ESTOJO (Toalete)  
    **TE2** ESTOJO DE COLARINHOS  
        ESTOJO DE MAQUIAGEM  
        ESTOJO DE TOALETE  
        ESTOJO DE UNHA  
FRASCO (Toucador)  
FRISADOR  
GOMIL  
**JARRO DE TOALETE**  
LIXA DE UNHA  
NAVALHA  
PALITO  
PENTE  
PENTEADOR  
PERFURADOR (Índio)  
    **TE2** PERFURADOR AURICULAR  
        PERFURADOR LABIAL  
PINÇA DE SOMBRANCELHA  
PINCEL DE BARBA  
**PINICO USE URINOL**  
**PORCELANA**  
    **TE2** **PORCELANA DE USO PRA HIGIENE**  
POLIDOR DE UNHA  
PORTA-COLARINHO  
PORTA-ESCOVA DE CABELO  
PORTA-ESCOVA DE DENTES  
PORTA-PENTE  
PORTA-PERUCA  
POTE DE COSMÉTICO  
SABONETEIRA  
SACHÊ  
SUPORTE DE BIDÊ

TESOURA  
TE2 TESOURA DE CABELO  
TESOURA DE UNHA  
TOALHA  
TE2 TOALHA DE BANHO  
TOALHA DE MÃO  
TOALHA DE ROSTO  
URINOL UP PINICO  
TE2 COMADRE  
COMPADRE  
TE ARTIGO DE VIAGEM/CAMPANHA  
TE1 ALFORJE  
CANTIL  
CHAPELEIRA  
COPO DE VIAGEM  
TE2 GUAMPA  
ESCRITÓRIO DE VIAGEM  
ESTOJO DE VIAGEM  
FRASQUEIRA  
MALA  
TE2 MALA BAÚ  
MALA DE MEDICAMENTO  
MALETA  
MOCHILA  
PORTA-TEMPERO DE VIAGEM  
TALHER DE VIAGEM  
TE2 COLHER DE VIAGEM  
FACA DE VIAGEM  
GARFO DE VIAGEM  
TE OBJETO DE ADORNO UP ADORNO  
TE1 ADORNO INDÍGENA  
TE2 COCAR  
BIJUTERIA  
JÓIA  
TE2 ANEL  
TE3 ANEL-RELÓGIO  
BRACELETE  
TE3 ESCRAVA  
BRINCO  
BROCHE  
CHAVE DE RELÓGIO (Adorno)  
COLAR  
TE3 GARGANTILHA  
CORRENTE (Adorno)  
TE3 CORDÃO  
GÔNDOLA  
DIADEMA  
ESTOJO DE JÓIA  
GRINALDA  
PENCA DE BALANGANDÃS

*PINGENTE*  
**TE3** BALANGANDÃ  
MEDALHÃO PINGENTE  
RELÓGIO PINGENTE  
PORTA-JÓIAS  
PULSEIRA  
**TE3** ESCRAVA  
RELÓGIO (*Adorno*)  
**TE3** ANEL-RELÓGIO  
RELÓGIO DE BOLSO  
RELÓGIO DE PULSO  
RELÓGIO PINGENTE  
TORNOZELEIRA  
**TE** OBJETO DE AUXÍLIO/CONFORTO PESSOAIS  
**TE1** ANDADOR  
**BASTÃO**  
**TE2** BENGALA  
CAJADO  
BOLSA  
**TE2** CARTEIRA (*Bolsa*)  
EMBORNAL  
PATRONA  
CADEIRA DE RODAS  
CANIVETE  
CARTEIRA DE DINHEIRO  
CHAVEIRO  
CHUPETA  
ESTOJO (*Auxílio/conforto pessoais*)  
**TE2** ESTOJO DE LEQUE  
ESTOJO DE ÓCULOS  
FAIXA DE TRANSPORTE  
GALOCHA  
GARRAFA DE BOLSO  
GUARDA-CHUVA  
INSTRUMENTO ÓPTICO PESSOAL  
**TE2** LORNHÃO  
MONÓCULO  
ÓCULOS  
PINCE-NEZ  
LENÇO  
LEQUE  
**TE2** VENTAROLA  
MÃOZINHA  
MULETA  
PASTA  
**TE2** PASTA MILITAR  
PORTA-BUQUÊ  
PORTA-COMPRIMIDOS  
PORTA-NÍQUEIS  
PRÓTESE

*TE2 PRÓTESE DENTÁRIA*  
*PRÓTESE ORTOPÉDICA*  
*SACOLA DE COMPRAS*  
*SOMBRINHA*  
*TE OBJETO DE DEVOÇÃO PESSOAL UP OBJETO SAGRADO UP OBJETO DE*  
*ORDEM RELIGIOSA*

*TE1 AMULETO*

*TE2 AMULETO PINGENTE*

*BENTINHO*

*BREVE*

*COLAR (Amuleto)*

*PATUÁ*

*CRUXIFIXO PINGENTE*

*CRUZ PINGENTE*

*ESTOJO (Devoção pessoal)*

*TE2 ESTOJO DE ROSÁRIO*

*ESTOJO DE TERÇO*

*FITA DEVOCIONAL*

*MEDALHA DEVOCIONAL*

*TE2 MEDALHA DEVOCIONAL PINGENTE*

*RELICÁRIO PINGENTE*

*ROSÁRIO*

*TALISMÃ*

*TE2 TALISMÃ PINGENTE*

*TERÇO*

*OBJETO DE ORDEM RELIGIOSA USE OBJETO DE DEVOÇÃO PESSOAL*

*OBJETO SAGRADO USE OBJETO DE DEVOÇÃO PESSOAL*

*TE PEÇA DE INDUMENTÁRIA UP VESTUÁRIO UP OBJETO INDUMENTÁRIA*

*TE1 AVENTAL*

*TE2 AVENTAL (Insígnia)*

*TE3 AVENTAL DE PORTA-MACHADO*

*AVENTAL MAÇÔNICO*

*AVENTAL ROSA-CRUZ*

*BATINA*

*BECA*

*BLUSA*

*TE2 BATA*

*CORPETE*

*CACHECOL*

*CALÇA*

*TE2 BOMBACHA*

*CALÇÃO*

*CULOTE*

*CALÇADO*

*TE2 BOTA*

*TE3 BOTINA*

*TE4 BORZEGUIM*

*CHINELO*

*SANDÁLIA*

*SAPATILHA*

SAPATO

**TE4** SAPATO FEMININO

SAPATO MASCULINO

TAMANCO

CAMISA

CAMISOLA

CAPA

**TE2** CAPA DE ASPERGES

MANTO

OPA

PELERINE

PONCHO

**TE3** PONCHO-PALA

CASACO

**TE2** BOLERO

CASACA

DOLMÃ

FRAQUE

JAQUETA

PALETÓ

SOBRECASACA

VÉSTIA

COBERTURA DE CABEÇA

**TE2** BARRETE

BARRETINA

BOINA

BONÉ

**TE3** QUEPE

CAPACETE (Indumentária)

**TE3** CAPACETE DE ORIXÁ

CAPACETE MILITAR

CAPUZ

**TE3** CAPUZ DE FRADE

FILÁ

CARTOLA

CHAPÉU

**TE3** CHAPÉU DE SEDA

CHAPÉU-ARMADO

CHAPÉU-CARDINALÍCIO

CHAPÉU-COCO

CLAQUE

GORRO

LENÇO DE CABEÇA

MITRA

SOLIDÉU

TOUCA

**TE3** COIFA

TURBANTE

VÉU

**TE3** MANTILHA

VÉU NUPCIAL  
COBRE-NUCA  
COLARINHO  
COLETE  
COSTUME  
ECHARPE  
ESTOJO PENIANO  
GIBÃO  
GOLA  
    **TE2** GORJEIRA  
GRAVATA  
HÁBITO  
LENÇO (Indumentária)  
    **TE2** LENÇO DE CABEÇA  
    LENÇO DE PESCOÇO  
LUVA  
    **TE2** LUVA FEMININA  
    LUVA MASCULINA  
MITENE  
MACACÃO  
MÁSCARA (Indumentária)  
    **TE2** MÁSCARA DE ESGRIMA  
    MÁSCARA DE FANTASIA  
    MÁSCARA DE TEATRO  
MEIA  
PARAMENTO  
    **TE2** ALVA  
    **TE3** SOBREPeliz  
    AMITO  
    CAPA DE ASPERGES  
    CASULA  
    DALMÁTICA  
    **TE3** TUNICELA  
    ESTOLA (Casula)  
    MANÍPULO  
    VÉU UMERAL  
PEITILHO  
PERNEIRA  
PIJAMA  
POLAINA  
QUIMONO  
ROBE  
ROUPA DE BAIXO  
    **TE2** ANÁGUA  
    CALÇOLA  
    CEROULA  
    COMBINAÇÃO  
    CORPINHO  
    ESPARTILHO  
ROUPA DE BEBÊ

*TE2 BABADOR*  
*CAMISA DE PAGÃO*  
*CUEIRO*  
*FRALDA*  
*ROUPÃO DE BANHO*  
*SAIA*  
*TE2 SAIOTE*  
*SARI*  
*SOTAINA*  
*SUÉTER*  
*TANGA*  
*TERNO*  
*TOGA*  
*TRAJE*  
*TE2 TRAJE DE BAIANA*  
*TRAJE DE FESTA/FOLGUEDO*  
*TE3 FANTASIA*  
*TRAJE DE GAÚCHO*  
*TRAJE DE RITUAL RELIGIOSO*  
*TRAJE DE VAQUEIRO*  
*TRAJE REGIONAL*  
*TÚNICA*  
*TE2 ALVA*  
*DALMÁTICA*  
*ULURI*  
*UNIFORME*  
*TE2 FARDA*  
*FARDÃO*  
*LIBRÊ*  
*VESTIDO*  
*TE2 VESTIDO DE BAILE*  
*VESTIDO NUPCIAL*  
*XALE*  
*TE2 ESTOLA*  
*PANO-DA-COSTA*  
*TE OBJETO INDUMENTÁRIA USE PEÇA DE INDUMENTÁRIA*  
*VESTUÁRIO USE PEÇA DE INDUMENTÁRIA*  
*TE1 ROUPA*  
*TE2 VESTUÁRIO FEMININO*  
*VESTUÁRIO MASCULINO*

*TG COMUNICAÇÃO*

*TE DOCUMENTO*

*TE1 ADESIVO*

*AGENDA*

*ÁLBUM*

*TE2 ÁLBUM FOTOGRÁFICO*

*ÁRVORE GENEALÓGICA*

*ATLAS*

AUTO CRIMINAL  
AUTO DE PARTILHA DE FAZENDA CADERNETA DE ENDEREÇOS  
CADERNO  
CALENDÁRIO  
CARTA  
CARTA DE BRASÃO  
CARTA PATENTE  
CARTÃO COMERCIAL  
CARTÃO DE APRESENTAÇÃO  
CARTÃO DE VISITA  
CARTÃO-POSTAL  
CARTEIRA DE IDENTIDADE  
CARTEIRA DE TRABALHO  
CATÁLOGO  
CERTIDÃO  
    TE2 CERTIDÃO DE BATISMO  
        CERTIDÃO DE CASAMENTO  
        CERTIDÃO DE NASCIMENTO  
        CERTIDÃO DE ÓBITO  
CONVITE  
DECALQUE  
DIÁRIO  
DICIONÁRIO DE ÉPOCA  
DIPLOMA  
DOCUMENTO ADMINISTRATIVO  
    TE2 INVENTÁRIO  
        TE3 INVENTÁRIO PATRIMONIAL  
            TE4 INFORMAÇÃO PATRIMONIAL  
            INVENTÁRIO POST-MORTEM  
DOCUMENTO CONTÁBIL  
DOCUMENTO DE ARQUIVO  
DOCUMENTO FOTOGRÁFICO UP DOCUMENTO VISUAL  
    TE2 DIAPOSITIVO  
        FOTO ANTIGA  
        FOTOGRAFIA  
            TE3 ACERVO FOTOGRÁFICO  
                TE4 COLEÇÃO  
                FOTOGRAFIA (*Processo Fotomecânico*)  
                FOTOGRAFIA (*Processo Positivo Direto*)  
            TE3 AMBRÓTIPO  
                DAGUERREÓTIPO  
                FERRÓTIPO  
            NEGATIVO  
DOCUMENTO IMPRESSO  
DOCUMENTO MANUSCRITO  
DOCUMENTO PESSOAL  
DOCUMENTO TEXTUAL  
DOCUMENTO VISUAL USE DOCUMENTO FOTOGRÁFICO  
ESCRITURA  
FIGURINHA

*TE2 CROMO*  
*FOLHETO*  
*JORNAL*  
*TE2 JORNAL ANTIGO*  
*LIVRO*  
*TE2 MISSAL*  
*LIVRO DE ATAS*  
*DOCUMENTAÇÃO NOTARIAL*  
*LIVRO DE RECEITAS*  
*MAPA*  
*MENU*  
*OFÍCIO*  
*PARTITURA MUSICAL*  
*PASSAPORTE*  
*PLANTA DA CASA*  
*TE2 PLANTA BANDEIRISTA*  
*PROGRAMA*  
*RECIBO*  
*RECORTE DE JORNAL*  
*REVISTA*  
*RÓTULO*  
*SANTINHO*  
*TELEGRAMA*  
*TÍTULO DE ELEITOR*  
*TE EQUIPAMENTO DE COMUNICAÇÃO ESCRITA*  
*TE1 ALMOFADA (Carimbo)*  
*APONTADOR DE LÁPIS*  
*AREEIRO*  
*BERÇO (Mata-borrão)*  
*BLOCO DE PAPEL*  
*BORRACHA*  
*CAIXA DE CORREIO*  
*CANETA*  
*TE2 CANETA-TINTEIRO*  
*CANUDO*  
*CAPA DE LIVRO*  
*CARIMBO*  
*TE2 CARIMBO (Selo)*  
*COPIADOR*  
*ENVELOPE*  
*ESPÁTULA (Livro)*  
*ESTOJO DE LÁPIS*  
*FURADOR DE PAPEL*  
*GRAMPEADOR*  
*INDICADOR*  
*LACRE*  
*LÁPIS*  
*LAPISSEIRA*  
*LIMPA-PENAS*  
*MALA POSTAL*

MÁQUINA DE ESCREVER  
MARCADOR DE LIVRO  
MATA-BORRÃO  
MATRIZ SIGILOGRÁFICA  
    **TE2** ANEL SIGILAR  
        CARIMBO (Selo)  
        PINGENTE SIGILAR  
        SELO MATRIZ  
        SELO SECO  
        SINETE  
PAPEL DE CARTA  
PENA (Escrita)  
PENA DE CANETA  
PESO DE PAPEL  
PORTA-BLOCO  
PORTA-CARIMBOS  
PORTA-CARTÕES  
PORTA-CLIPES  
PORTA-DOCUMENTOS  
PORTA-LÁPIS/CANETA  
PORTA-PENAS  
PORTA-SELOS  
QUADRO-NEGRO  
RASPADEIRA  
SELO  
    **TE2** SELO APOSTO  
        **TE3** SELO CHAPEADO  
            SELO PENDENTE  
TINTEIRO  
TINTEIRO-ESCRIVANINHA  
**TE** EQUIPAMENTO DE COMUNICAÇÃO SONORA/VISUAL  
**TE1** ALARME  
    **TE2** SIRENE  
ALTO-FALANTE  
AMPLIFICADOR  
APITO  
CÂMERA DE FILMAR  
CILINDRO (Som)  
DEMARCADOR  
DISCO  
FONÓGRAFO  
    **TE2** FONÓGRAFO DE CILINDRO  
        GRAMAFONE  
    **TE3** CILINDRO DE GRAMAFONE  
        ELETROLA  
GLOBO TERRESTRE  
GRAVADOR  
LETREIRO  
    **TE2** TABULETA  
MICROFONE

**MATRACA** (instrumento sonoro de sinalização)

*MODELO ANATÔMICO*

*MODELO TOPOGRÁFICO*

*PLACA DE RUA*

*PORTA-VOZ*

*PROJETOR*

*TE2 PROJETOR DE DIAPOSITIVOS*

*PROJETOR DE FILMES*

*SINALIZADOR*

*TE2 BANDEIRA DE SINALIZAÇÃO*

*FOGUETE DE SINALIZAÇÃO*

*LANTERNA DE SINALIZAÇÃO*

*SINALIZADOR DE TRÂNSITO*

*TE3 PLACA DE TRÂNSITO*

*SINAL DE TRÂNSITO*

*SINO*

*TE2 SINETA*

*TE3 CAMPAINHA*

*TOCA-DISCOS*

*TOCA-FITA*

*VISOR ESTEREOSCÓPICO*

**TE EQUIPAMENTO DE TELECOMUNICAÇÕES**

**TE1 ANTENA**

*APARELHO DE TELÉGRAFO*

*CABO SUBMARINO*

*RÁDIO*

*RECEPTOR DE RÁDIO*

*TELEFONE*

**TE2 TELEFONE A MANIVELA**

**TELEFONE DE PAREDE**

*TELEVISÃO*

*TRANSMISSOR DE RÁDIO*

**TG TRANSPORTE**

**TE ACESSÓRIO DE TRANSPORTE TERRESTRE**

**TE1 LAMEIRO**

*TE2 LAMEIRO DE BICICLETA*

*LAMEIRO DE CAMINHÃO*

**TE EQUIPAMENTO EQUÍSTRE**

**TE1 ABRIDOR DE BOCA**

*ALBARDA*

*ARREIO*

*BOLSA DE SELA*

*CANGA*

*CANGALHA*

*CHICOTE*

*TE2 REBENQUE*

*ESFORA*

*TE2 CHILENA*

*ESPORIM*

*TE3 SALTEIRA*  
*FERRADURA*  
*LANTERNA DE COCHE*  
*PEÇA DE ARREIO*  
*TE2 BARRIGUEIRA*  
*BUÇAL*  
*TE3 BUÇALETE*  
*CABEÇADA*  
*CABRESTO*  
*CAPELADA*  
*CILHA*  
*CINHA*  
*CINCHADOR*  
*COLDRE (Sela)*  
*CORTADEIRA*  
*ESTEIRA DE MONTARIA*  
*ESTRIBO*  
*TE3 CAÇAMBA (Estribo)*  
*SAPATA*  
*FREIO DE CAVALGADURA*  
*TE3 BRIDÃO*  
*GOLÃO*  
*LORO*  
*MANTA DE SELA*  
*TE3 BADANA*  
*BAIXEIRO*  
*CARONA*  
*COXINILHO*  
*ENXERGÃO*  
*PELEGO*  
*PEITORAL*  
*PORTA-FERRADURAS*  
*RABEIRA DE CAVALO*  
*RABICHO*  
*RÉDEA*  
*RETRANCA*  
*SELA*  
*TE3 LOMBINHO*  
*SELA FEMININO*  
*SELA INFANTIL*  
*SELA MASCULINO*  
*SELIM*  
*SERIGOTE*  
*SILHÃO*  
*SOBRECINCHA*  
*SIA DE CANGALHAS*  
**TE** **MEIO DE TRANSPORTE**  
**TE1** **EMBARCAÇÃO** **USE TRANSPORTE MARÍTIMO**  
**TRANSPORTE DE CARGA**  
**TRANSPORTE MARÍTIMO UP** **EMBARCAÇÃO**

**TE2 BARCA**  
BARCO  
CANHONEIRA  
CANOA  
**TE3 UBÃ**  
JANGADA  
NAVEGAÇÃO A VAPOR  
TRANSPORTE TERRESTRE  
**TE2 AUTOMÓVEL**  
**TE3 CARRO**  
**CAMINHÃO**  
BERLINDA  
**BICICLETA**  
CADEIRINHA  
CALEÇA  
**CARRETÃO**  
CARRO DE BOI  
CARROÇA  
**TE3 CARROÇA DE PADEIRO**  
CARROÇÃO  
**CHARRETE**  
COCHE  
DILIGÊNCIA  
LANDAU  
LITEIRA  
LOCOMOTIVA  
TÍLVURI  
TRAQUITANA  
VAGÃO  
VITÓRIA

**TG CASTIGO/PENITÊNCIA USE EQUIPAMENTO DE APRISIONAMENTO E TORTURA**

**TE INSTRUMENTO DE AUTOPENITÊNCIA**

**TE1 CILÍCIO**

DISCIPLINA

**TE INSTRUMENTO DE CASTIGO**

**TE1 AÇOITE**

**TE2 BACALHAU**

ALGEMA

ANJINHO

CALCETA

CHIBATA

CINTO (Castigo)

ESPADA (Castigo)

**TE2 ESPADA DE EXECUÇÃO**

ESPADA DE PRANCHA

FERRETE

FORÇA

GARGALHEIRA

GOLILHA  
GRILHÃO  
LIBAMBO  
MÁSCARA (*Castigo*)  
MORDAÇA  
PALMATÓRIA  
TRONCO (*Castigo*)  
VIRA-MUNDO

**TG MEDIÇÃO/REGISTRO/OBSERVAÇÃO/PROCESSAMENTO**

**TE INSTRUMENTO DE PRECISÃO/ÓPTICO**

**TE1 ACESSÓRIO DE INSTRUMENTO DE PRECISÃO/ÓPTICO**

**TE2 CHAVE DE RELÓGIO**

*ESTOJO (Instrumento de precisão/óptico)*

**TE3 ESTOJO DE BALANÇA**

*ESTOJO DE PESOS*

*PESO*

**TE3 PESO MONETÁRIO**

AMPULHETA

ANEMÔMETRO

BALANÇA

BARÔMETRO

BINÓCULO

**TE2 BINÓCULO DE TEATRO**

BÚSSOLA

**TE2 AGULHA DE MAREAR**

COMPASSO

CONJUNTO DE MEDIDAS DE CAPACIDADE

CRÔNOMETRO

ESQUADRO

FITA MÉTRICA

LUPA

MEDIDA DE CAPACIDADE

**TE2 MEDIDOR DE PÓLVORA**

MEDIDOR DE CALIBRE

MEDIDOR DE LUZ

METRO DOBRÁVEL

METRÔNOMO

MICROSCÓPIO

NÍVEL

**TE2 NÍVEL DE BOLHA**

PAQUÍMETRO

RÉGUA

RELÓGIO

**TE2 RELÓGIO-ARMÁRIO**

*RELÓGIO DE MESA*

*RELÓGIO DE PAREDE*

*RELÓGIO DE PONTO*

*RELÓGIO DE SOL*

SEXTANTE

*TELÊMETRO*

*TE2 TELÊMETRO DE ARTILHARIA*

*TELÊMETRO DE CAVALARIA*

*TELÊMETRO DE INFANTARIA*

*TELÊMETRO NAVAL*

*TELESCÓPIO*

*TE2 LUNETAS*

*TE3 LUNETAS DE MIRA*

*ÓCULO*

*TEODOLITO*

*TERMÓMETRO*

*TRANSFERIDOR*

*TRENA*

*TE PROCESSADOR DE DADOS*

*TE1 ÁBACO*

*CALCULADORA*

*RÉGUA DE CÁLCULO*

*TG EMBALAGENS/RECIPIENTES*

*TE BARRICA*

*BARRIL*

*BRUACA*

*CAIXA*

*TE1 CAIXOTE*

*ESTOJO*

*CESTA*

*TE1 BALAIO*

*CAÇUÁ*

*COFO*

*JACÁ*

*JEQUIÁ*

*PANEIRO*

*ENGRADADO*

*FRASCO*

*GARRAFA*

*TE1 BOTIJA*

*GARRAFÃO*

*LATA*

*PIPA*

*POTE*

*SACO*

*TE1 SURRÃO*

*TACHO*

*TINA*

*TONEL*

*TG ALIMENTO*

*TE ALIMENTO PARA ANIMAIS*

*TE1 RAÇÃO*

*ALIMENTO VOTIVO*

## BEBIDA

TE1 BEBIDA EXÓTICA UP BEBIDA RARA  
BEBIDA RARA USE BEBIDA EXÓTICA

### CAFÉ

DESTILADA

TE2 AGUARDENTE

TE3 TIQUIRA

### LICOR

FERMENTADA

TE2 ALUÁ

MOCORORÓ (bebida)

VINHO

POR INFUSÃO

TE2 CAFÉ (bebida)

CHÁ

CHIMARRÃO

TERERÊ

POR DESTILAÇÃO OU FERMENTAÇÃO

TE2 CACHAÇA

CAXIRI

POR MISTURA DE INGREDIENTES

TE2 BATIDA

CHARUTO (bebida)

QUENTÃO

RABO-DE-GALO

SANGRIA

SUCO

UCA

XEQUETÉ

## COMIDA

TE1 DOCE

TE2 BABA-DE-MOÇA

CHOCOLATE

CHOURIÇO (doce)

COCADA

DOCE NO TACHO

GELÉIA

MUJANGUÊ

NEGO-BOM

PAÇOQUINHA

PAMONHA

PÉ-DE-MOLEQUE (doce)

PERNAMBUCANO (doce)

PUXA-PUXA

TE3 ALFENIM

FELÔ

QUEBRA-QUEIXO

SABONGO

SAIETA

SALGADO

**TE2** ABARÁ  
ACARAJÉ  
ARROZ (Cozido)  
ARROZ DE PEQUI  
ARROZ-DE-CARRETEIRO  
ARROZ-DE-CUXÁ  
BAIÃO-DE-DOIS  
BEIJU  
BOBÓ  
BUCHADA  
CANJICA  
CARNE  
CARURU  
CHOURIÇO (comida)  
CHURRASCO  
EBÓ  
EFÓ  
ESCALDADO  
FEIJÃO (Cozido)  
FEIJÃO-AZEITE  
FEIJÃO-TROPEIRO  
FEIJOADA  
GALINHA DE CABIDELA  
MANIÇOBA  
MOCOTÓ  
MOQUECA  
PANELADA  
PATO NO TUCUPI  
PELA-ÉGUA  
PIRÃO  
QUERERÊ  
RABADA  
SOPA

**TE3** TACACÁ  
TORRESMO  
TORTA CAPIXABA  
TUTU  
VATAPÁ  
XINXIM-DE-GALINHA  
ZORO

COM SABOR SALGADO OU DOCE

**TE2** ANGU  
BISCOITO  
**TE3** TARECO  
BOLO  
**TE3** BOLINHO DE ESTUDANTE  
MANUÊ  
MATA-FOME  
PÃO-DE-LÓ  
PÉ-DE-MOLEQUE (bolo)

RAIVA  
 CUSCUZ  
 TE3 QUIZUQUI  
 QUIZUQUI  
 MINGAU  
 TE3 MOCORORÓ (mingau)  
 PAÇOCA  
 PANQUECA  
 PÃO  
 TE3 BROA  
 PAPA  
 TE3 CHIBÉ  
 CURAU  
 IPETÊ  
 QUIBEBE  
 QUISIBIU  
 PASTELÃO  
 PELANCA-DE-VELHO  
 POLENTA  
 REVIRADO  
 SARAPATEL  
 SOVACO-DE-COBRA  
 TAPIOCA  
 PROCESSADO  
 TE2 AZEITE  
 TE3 AZEITE-DE-DENDÊ  
 CAMARÃO DEFUMADO  
 CAMARÃO SECO  
 CARNE-DE-SOL  
 CARNE-SECA  
 CHARQUE  
 FARINHA  
 TE3 FARINHA DE ARROZ  
 FARINHA DE MANDIOCA  
 TE4 FARINHA-D'ÁGUA  
 FARINHA MISTA  
 FARINHA SECA  
 POLVILHO  
 FARINHA DE MILHO  
 FARINHA DE TRIGO  
 QUEIJO  
 TE3 QUEIJO DE COALHO  
 QUEIJO-DE-MINAS  
 RAPADURA  
 TUCUPI  
 TG INDIVÍDUO  
 TE ANIMAL/CRIAÇÃO  
 TE1 AVE  
 TE2 GALINHA

PÁSSARO  
PATO  
PERU  
PINTO  
MAMÍFERO  
TE2 CABRA  
CABRITO  
CACHORRO  
EQUINO  
TE3 BURRO  
CAVALO  
BOVINO  
TE3 BEZERRO  
GADO  
PORCO  
TE3 SUÍNO  
INSETO  
TE2 ABELHA  
FORMIGA  
TE3 FORMIGUEIRO  
LAGARTA  
DIVINDADE  
TE1 ANJO (divindade)  
CABOCLO (divindade)  
JESUS CRISTO  
NOSSA SENHORA  
ORIXÁ  
ESPÍRITO  
PERSONAGEM  
PESSOA  
TE1 AGREGADO  
ARISTOCRACIA RURAL  
CAMPESINATO  
CLASSE POPULAR  
TE2 ORIGEM SOCIAL  
ESCRAVO  
DESBRAVADOR DA REGIÃO  
INDÍGENA  
IMIGRANTE  
TE2 IMIGRANTE EUROPEU  
IMIGRANTE ITALIANO  
PERSONALIDADE  
TE2 CANDIDO DE SOUZA CAMPOS  
DÉCIO MALTA DE SOUZA CAMPOS  
DOM LUÍS ANTÔNIO DE SOUZA BOTELHO MOURÃO  
ERNESTO SOUZA CAMPOS  
FLORESTAN FERNANDES  
GILBERTO FREYRE  
IMPERADOR PEDRO II

JOAQUIM NABUCO  
ZULEIKA MALTA  
PESSOA RELIGIOSA  
TE2 BEATO  
FREI  
MISSIONÁRIO  
PROFETA  
ROMEIRO  
SACERDOTE  
TE3 PADRE  
PAI-DE-SANTO  
PROPRIETÁRIO  
TE2 PROPRIETÁRIO DE TERRA  
PROPRIETÁRIO RURAL  
TIPO POPULAR  
TE2 CABOCLO (tipo popular)  
CAIPIRA  
TRABALHADOR  
TE2 ASSALARIADO  
SALARIADO  
TE2 PROFISSÃO/OCUPAÇÃO  
TE3 AGUADEIRO  
ALFAIATE  
ARTESÃO  
ADVOGADO  
AGUARDENTEIRO  
ARMADOR  
ARQUITETO  
ARRANJADOR  
BARQUEIRO  
BENZEDOR  
BORDADEIRA  
CAIXEIRO VIAJANTE  
CAPATAZ  
CARPINTEIRO  
CAPITÃO  
TE4 CAPITÃO DO MATO  
CARROCEIRO  
CARVOEIRO  
CERAMISTA  
COSTUREIRO  
COZINHEIRO  
COLONO  
COMENDADOR  
COMPILADOR  
CURTUMEIRO  
DESENHISTA  
ENGENHEIRO  
ERVATEIRO  
ESCRITOR

ESCULTOR  
FALQUEJADOR  
FAZENDEIRO  
FEITOR  
FERREIRO  
FERROVIÁRIO  
FINANCIADOR  
FOLHETEIRO  
FOTÓGRAFO  
FUMICULTOR  
FUNCIONÁRIO  
GARIMPEIRO  
GRAVADOR (pessoa)  
HISTORIADOR  
HORTICULTOR  
ILUSTRADOR  
INFORMANTE  
INTÉRPRETE (Para som)  
JAGUNÇO  
JARDINEIRO  
MARCENEIRO  
MARCHETEIRO  
MÉDICO  
MESTRE-DE-AÇÚCAR  
MESTRE-CANTEIRO  
MESTRE-DE-OBRA  
MINEIRO  
MOLEIRO  
OLEIRO  
OURIVES  
PARTEIRA  
PEDREIRO  
PEÃO  
PIAÇABEIRO  
PINTOR  
PROLETARIADO  
RELATOR  
REGATÃO  
SAPATEIRO (Profissão)  
SELEIRO  
SENHOR DE ENGENHO  
SERRADOR  
SERRALHEIRO  
SUPERVISOR  
TANOEIRO  
TELHEIRO  
TRABALHADOR DA CONSTRUÇÃO CIVIL  
TRABALHADOR LIVRE  
TE4CARREIRO  
TRABALHADOR RURAL

TE4 AGRICULTOR  
 TROPEIRO  
 VAQUEIRO  
 TE4 BOIADEIRO  
 SER MITOLÓGICO  
 TG LOCAL  
 TE CIDADE  
 TE1 ANALÂNDIA  
 ARARAQUARA  
 BROTAS  
 CAMPINAS  
 TE2 INSTITUTO AGRONÔMICO DE CAMPINAS  
 DESCALVADO  
 DOURADO  
 GOIÁS  
 IBATÉ  
 ITIRAPINA  
 ITU  
 JAÚ  
 TE2 FAZENDA MANDAGUAHY  
 JUNDIAÍ  
 LIMEIRA  
 TE2 FAZENDA QUILOMBO  
 MATÃO  
 MOCOCA  
 TE2 FAZENDA NOVA  
 FAZENDA SANTO ANTONIO DA ÁGUA LIMPA  
 MOGI-GUAÇU  
 PARAÍBA  
 PIRACICABA  
 PORTO FELIZ  
 PROVÍNCIA DE SÃO PAULO USE SÃO PAULO  
 SÃO PAULO UP PROVÍNCIA DE SÃO PAULO  
 TE2 CONDEPHAAT  
 IPHAN  
 UFSCAR  
 USP  
 RIBEIRÃO PETRO  
 RINCÃO  
 RIO CLARO  
 SANTA EUDÓXIA  
 SÃO BENTO DE ARARAQUARA  
 SÃO CARLOS  
 TE2 CORREIO DE SÃO CARLOS  
 FAZENDA CONDE DO PINHAL USE FAZENDA PINHAL  
 FAZENDA PINHAL UP FAZENDA CONDE DO PINHAL  
 FAZENDA SANTA MARIA DO MONJOLINHO  
 SÃO JOSÉ DO BARREIRO  
 SÃO LUÍS DO PARAITINGA

SOROCABA  
TIETÊ  
UBATUBA

**REGIÃO**

**TE1** ALTA PAULISTA

**ESTADO DE SÃO PAULO**

ESTADO DE SÃO PAULO (Região Central)

CAMPOS DE ARARAQUARA **UP** SERTÃO DE ARARAQUARA

CENTRO-OESTE PAULISTA

CIDADE DE AREIA

CIDADE PAULISTA

EUROPA

MEIO RURAL **USE** ZONA RURAL

MUNDO RURAL **USE** ZONA RURAL

NORDESTE PAULISTA

**PAULISTA**

SERTÃO

**TE2** SERTÃO DE ARARAQUARA **USE** CAMPOS DE ARARAQUARA

**VALE DO PARAÍBA** **UP** VALE DO RIO PARAÍBA

VALE DO RIO DAS MORTES

VALE DO RIO PARAÍBA **USE** **VALE DO PARAÍBA**

ZONA AÇUCAREIRA

ZONA CANAVIEIRA

**ZONA CLIMÁTICA**

**ZONA RURAL** **UP** MEIO RURAL **UP** MUNDO RURAL

**PAÍS**

**TE1** **BRASIL**

**TE2** PRODUTOR MUNDIAL DE CAFÉ

ESPANHA

ETIÓPIA

ITÁLIA

**PERU (País)**

PORTUGAL

**TE2** COROA PORTUGUESA

QUÊNIA

**TG** **TEMPO/ÉPOCA**

**TE** ACONTECIMENTO HISTÓRICO

**TE1** ABOLIÇÃO

CRISE DO CAFÉ

**DECLÍNIO DO OURO**

REVOLUÇÃO INDUSTRIAL

BANDEIRANTISMO

CICLO DO CAFÉ

DÉCADA

**TE1** 1830

1850

1860

IDADE MÉDIA

IMPÉRIO  
MODERNISMO  
MONARQUIA  
NEOCLÁSSICO  
NEOCOLONIAL  
NEOGÓTICO  
PATRIARCALISMO  
PASSADO HISTÓRICO  
PASSADO REGIONAL  
PERÍODO CAFEEIRO  
TE1 1882-1970  
PERÍODO COLONIAL  
PERÍODO ESCRAVOCRATA  
PERÍODO HISTÓRICO UP TEMPO HISTÓRICO  
RENASCIMENTO  
REPÚBLICA  
SÉCULO XVII  
SÉCULO XIX  
TE1 METADE DO SÉCULO XIX  
SÉCULO XX  
TEMPO HISTÓRICO USE PERÍODO HISTÓRICO

**TG AMOSTRAS/FRAGMENTOS**

**TE AMOSTRA**

**TE1 AMOSTRA ANIMAL**

**AMOSTRA MINERAL**

**AMOSTRA VEGETAL**

**ARGOLA**

**CADEADO**

**CHAVE**

**FITA**

**FIVELA**

**FRAGMENTO**

**PREGO**

**TE1 CRAVO (Prego)**

**PARAFUSO**

**PUXADOR**

**TÁBUA**